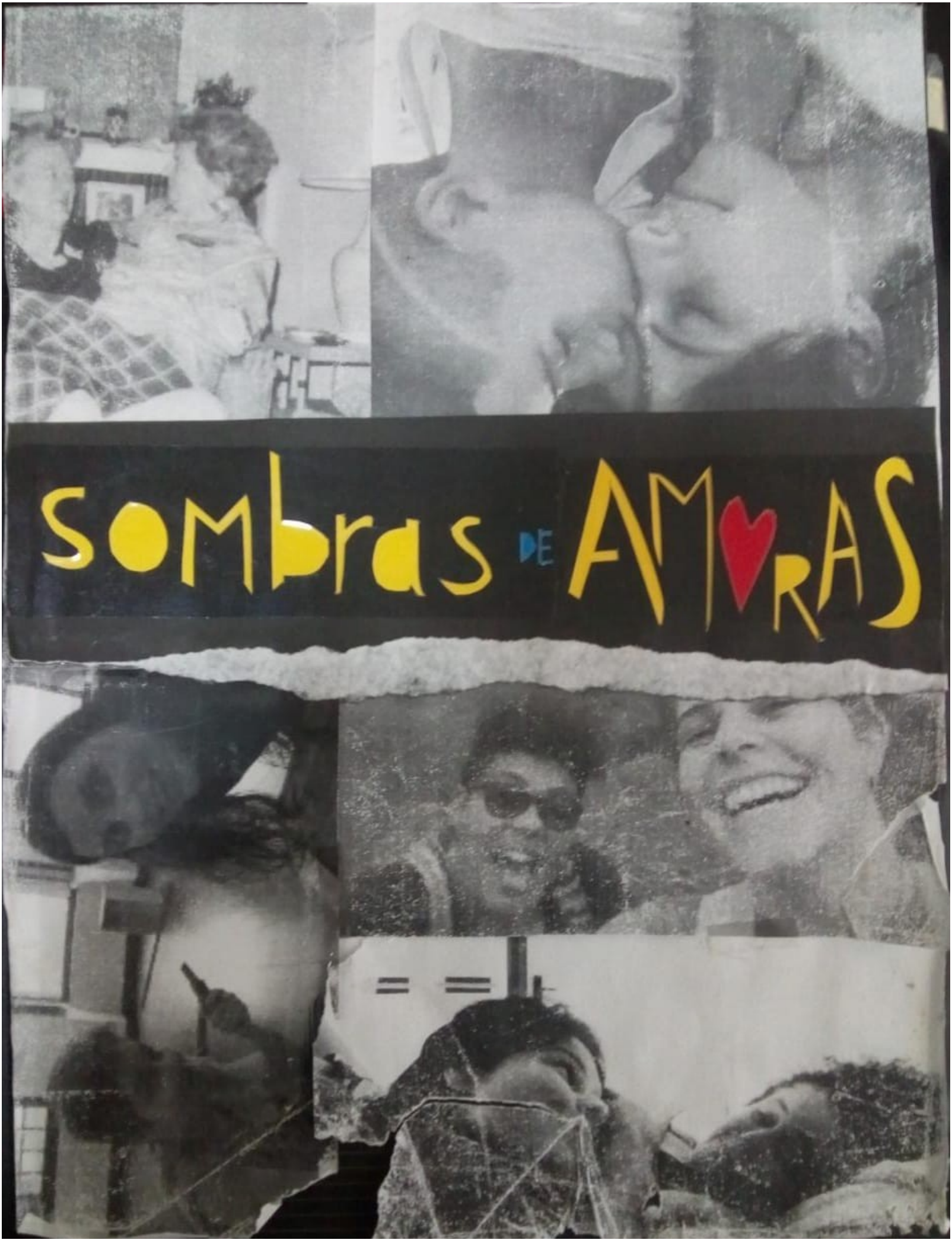

sombras DE AMORAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Tuany Fagundes Rausch

SOMBRAS DE AMORAS

Memorial Artístico do Processo Criativo de "Julia e Carla, Carla e Julia - uma breve história de amor em teatro lambe-lambe"

Uberlândia

2020

Tuany Fagundes Rausch

SOMBRAS DE AMORAS

Memorial Artístico do Processo Criativo de "Julia e Carla, Carla e Julia – uma breve história de amor em teatro lambe-lambe"

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas/Mestrado do Instituto de Artes (IARTE), da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Artes Cênicas.

Área de concentração: Estudos em Artes Cênicas: Poéticas e Linguagens da Cena

Orientação: Prof. Dr. Mario Ferreira Piragibe (2019 e 2020) e Profª Dra. Maria do Perpétuo Socorro Calixto Marques (2018)

Uberlândia

2020

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

R248
2020

Rausch, Tuany Fagundes, 1993-
Sombras de Amoras [recurso eletrônico] : Memorial Artístico do Processo Criativo de "Julia e Carla. Carla e Julia - uma breve história de amor em teatro lambe-lambe" / Tuany Fagundes Rausch. - 2020.

Orientador: Mario Ferreira Piragibe.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em Artes Cênicas.
Modo de acesso: Internet.
Disponível em: http://doi.org/10.14393/ufu.di.2020.398
Inclui bibliografia.
Inclui ilustrações.

1. Teatro. I. Piragibe, Mario Ferreira,1972-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em Artes Cênicas. III. Título.

CDU: 792

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:
Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas
Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1V - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902
Telefone: (34) 3239-4522 - ppgac@iarte.ufu.br - www.iarte.ufu.br

ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Artes Cênicas				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico				
Data:	11 de março de 2020	Hora de início:	14:24	Hora de encerramento:	16:10
Matrícula do Discente:	11812ARC015				
Nome do Discente:	Tuany Fagundes Rausch				
Título do Trabalho:	Sombras de amoras. Memorial Artístico do processo criativo de "Julia e Carla, Carla e Júlia – uma breve história de amor em teatro lambe-lambe"				
Área de concentração:	Artes Cênicas				
Linha de pesquisa:	Estudos em Artes Cênicas: poéticas e linguagens da cena				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	O ator animado: poética e pedagogia para um corpo reformulável				

Reuniu-se na Sede do Grupo de Estudos em Teatro de Animação, Bairro Santa Mônica, Uberlândia - MG, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Artes Cenicas, assim composta: Prof. Dr. Mario Ferreira Piragibe (UFU) - orientador da candidata; Prof. Dr. Narciso Larangeira Telles da Silva - UFU; Profa. Dra. Rosyane Trotta - UNIRIO.

Iniciando os trabalhos o presidente da mesa, Dr. Mario Ferreira Piragibe, apresentou a Comissão Examinadora e a candidata agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovada.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.

Documento assinado eletronicamente por **Mario Ferreira Piragibe**, **Membro de Comissão**, em 02/06/2020, às 12:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **Rosyane Trotta**, **Usuário Externo**, em 02/06/2020, às 15:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **Narciso Larangeira Telles da Silva**, **Professor(a) do Magistério Superior**, em 03/06/2020, às 10:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2065897** e o código CRC **1558AD7F**.

Referência: Processo nº 23117.033484/2020-13 SEI nº 2065897

Resumo

Esta dissertação consiste num memorial artístico em que registro dois processos criativos que investigaram como construir narrativas de amor entre mulheres (como lésbicas e bissexuais) em teatro de formas animadas. Discutimos questões pertinentes aos dois espetáculos, sendo o primeiro inspirado na obra “Eu Sou Uma Lésbica” (1983), da escritora brasileira Cassandra Rios, onde engendrei pelo teatro de objetos e teatro de sombras. Já o segundo processo foi sobre o espetáculo em teatro lambe-lambe “Julia e Carla. Carla e Julia – uma breve história de amor em teatro lambe-lambe”, o qual foi mais profundado neste memorial, contendo fotos e desenhos do passo a passo da construção das bonecas, caixa e figurino, além de fotos de contato com diferentes públicos. Este memorial artístico foi escrito à mão, com páginas de várias cores, canetas coloridas, linhas e agulha, tecido artesanalmente – assim como histórias de amor e caixas de teatro lambe-lambe.

Palavras-Chave

Teatro de Animação, Teatro Lambe-Lambe, Amor entre Mulheres, Processo Criativo, Memorial Artístico.

Resumen

Esta disertación consiste en un memorial artístico en el que se registran dos procesos creativos que investigaron cómo construir narrativas de amor entre mujeres (como las lesbianas y las bisexuales) en el teatro de formas animadas. Discutimos temas pertinentes a ambos espectáculos, el primero de ellos inspirado en "Eu Sou Uma Lésbica" (1983), escrito por la brasileña Cassandra Ríos, a partir del cual me encamine para la creación en el teatro de objetos y el teatro de sombras. El segundo proceso fue sobre el espectáculo "Julia y Carla. Carla y Julia – una breve historia de amor en teatro lambe-lambe", que fue elaborada más adelante en este memorial, conteniendo fotos y dibujos del proceso construcción paso a paso, incluyendo las muñecas, caja y traje, además de fotos del contato con diferentes audiencias. Este memorial artístico fue escrito a mano, con páginas y bolígrafos de varios colores, hilos y aguja, todo de forma artesanal - así como las historias de amor y cajas del teatro lambe-lambe.

Palabras Clave

Teatro de Títeres, Teatro Lambe-Lambe, Amor entre Mujeres, Proceso Creativo, Memorial Artístico.

Abstract

This dissertation consists in an artistic memorial in which I record two creative processes about how to perform love stories between women (like lesbians and bissexuals) using puppetry. Are also discussed issues pertinent the two shows, the first inspired by the novel "Eu Sou Uma Lésbica" (1983), by the Brazilian writer Cassandra Rios, made with object theater and shadow theater. The second process discussed the Lambe-Lambe theater show “Julia e Carla. Carla e Julia – uma breve história de amor em teatro lambe-lambe”, further discussed in this memorial, containing photos and drawings of the step-by-step construction of the puppets, Lambe-Lambe box and theater costumes, also containing photos portraying interactions with different audiences. This artistic memorial was handwritten, with pages in various colors, colored pens, lines and needle, handmade fabric – as well as love stories and Lambe-Lambe theater boxes are.

Keywords

Puppet Theater, Lambe-Lambe Theater, Love between Women, Creative Process, Artistic Memorial.

GUIA DE LEITURA

Este é um Guia de Leitura para auxiliar você a entender melhor o contexto em que este memorial artístico foi criado. Longe de apontar o "caminho certo" de como ler esta obra, procuro aqui trazer alguns pontos que acredito serem importantes saber para entrar na jornada que você terá ao seguir por estas páginas.

Engana-se quem acredita que toda pesquisa artística pode ser registrada numa dissertação, numa tese ou mesmo num memorial como este. Sombras de Amoras é o registro de basicamente duas partes que escolhi registrar para dividir com você.

A primeira, são os registros de um processo criativo chamado "Amores Ordinários", que iniciei em 2018, no início do mestrado. É um espetáculo onde a dramaturgia se inspirou no folhetim "Eu Sou uma Lésbica" (1980), da escritora Cassandra Rios. Pesquisei linguagem de títeres corporais, teatro de sombras e teatro de objetos. Produzi muita coisa, que por momentos convergiram entre si e por outros, seguiram caminhos que nem eu imaginava. Parte dos vários desenhos de cena e escritos que tenho, estão contidos no primeiro capítulo. Então antes que você se empolgue, saiba que ele não chegou a público. É um processo inacabado e dessa forma o compartilho com você.

A outra parte é o fio condutor deste memorial, por assim dizer, focado num segundo processo criativo, com início também em 2018, com a criação do espetáculo em teatro lambe-lambe "Julia e Carla. Carla e Julia.", que veio a público e circulou por algumas cidades. Partes dos registros de todo o processo e apresentações guiam o segundo e terceiro capítulos.

Dessa forma, este memorial abrange dois processos criativos, que são parte da mesma proposta de pesquisa pela qual ingressei no mestrado: criar uma narrativa de amor entre mulheres em teatro de formas animadas.

Geralmente, em trabalhos acadêmicos, seguimos determinada escrita e formatação pelas normas da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas), que propõe uma forma de mediação entre o que queremos escrever, refletir, compartilhar e entre quem quer ter contato com esses materiais.

Em Sombras de Amoras propomos uma outra forma de mediação, pois a forma com que nos expressamos também é parte do conteúdo que produzimos. A maior parte deste memorial artístico foi feito, literalmente, a mão. Logo, o seu original está impresso em papel, caneta, cola, desenhos, fotos e rabiscos.

Lembra um diário de bordo, onde partes da pesquisa que realizei no mestrado estão reunidas. E lembra também codificações acadêmicas. É um trabalho dividido em três capítulos, onde cada um leva uma cor diferente: capa e páginas de cada qual são organizadas por tema e cores primárias, conforme consta no Sumário (que por sua vez, é alaranjado).

Assim como num diário, aqui a pessoalidade está sempre presente. Além de minha caligrafia, meus desejos, medos e divagações estão registradas a cada linha. Diferentemente de um diário, este volume foi feito para ser compartilhado com você, que por algum motivo chegou até aqui. Todavia, ele não revela tudo.

Li, escrevi, recortei, desenhei ao mesmo tempo que estava construindo, apresentando. Muitas coisas que aconteceram estavam, e estão, sendo

digeridas por mim até hoje. A forma como foi escrito, o retorno dos públicos, as várias crises – pessoais e artísticas –, os imprevistos, perrengues, a forma como recebi os acontecimentos têm diferentes tempos para serem apreendidos.

Ressalvas acompanham meus pensamentos e perspectivas artísticas e ideológicas vagam em mim. Aqui há registros de algo que ainda está em movimento, com direções e caminhos singulares. Este memorial registra muitas experiências e por isso mesmo, apresenta lacunas. Alguns espaços não pude preencher, pois ainda não tinha conhecimento ou amadurecimento para tal e há outros espaços que, mesmo que quisesse, não têm como serem ocupados. Em cada experiência, há o impalpável, o indizível. Nem tudo pode ser registrado, não só por ser subjetivo, mas também porque há saberes que extrapolam a linguagem das palavras, dos verbos, e nos chega somente pelo sentir.

Não está tudo aqui. Há sempre segredos. Há coisas que são só de quem viveu e convive com as reverberações das memórias, das trocas, do "aqui e agora" que o teatro nos proporciona. Por muitas vezes, nós mesmas demoramos para entender os segredos que cada experiência nos apresenta.

Estou aqui como criadora, mas também espectadora deste memorial, assim como você se tornou. Por ideologia e condições disponíveis, construi uma caixa de teatro lambe-lambe com papelão, linhas, tintas, materiais que seriam descartados, além de cuidado e espera. Espera para atentar aos detalhes que cada material nos oferece, para ouvir o que cada personagem queria e podia contar.

Desejo a nós que muitos detalhes se apresentem, já que ao mesmo tempo, vários outros irão nos escapar. É no momento de cada

(re)encontro, cada leitura, cada observação, que iremos nos conhecendo um pouco a cada página.

Como é da troca que nascem as ideias, e destas, o impossível, caso você queira entrar em contato comigo para dúvidas, críticas construtivas ou o que achar pertinente, é só me mandar um e-mail:

avanteealem@gmail.com

asas.

MINIST
UNIVERSIDA
Reitoria - Bloco
B. Santa Môni
Diretoria de

TÉRIO DA EDUCAÇÃO
DE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
3P - Avenida João Naves de Ávila 2
.ca - Uberlândia - MG - 38.408-144 - Brasil

UFU

Administração e Controle Acadêmico
HISTÓRICO ESCOLAR

Nome : Tuany Fagundes P-

Matrícula : 11812ARC015
Naturalidade : Brus ausch
Nacionalidade :
Nome do Pai:
Nome d que
Brasileira
Jean Yuri Rausch
a Mãe: Rúbia Raquel Fa Rausch

UF: SC
Nascim 11/07/1993

Forma de Ingresso: Processo Seletivo: P G dução
Ano: 2018 - 1° Semestre

CURSO SUPE RIOR

Nome do curso
Mestrado em Artes Cênicas

Versão: 20

Dados legais de reconhecimento de curso

Reconhecimento: Portaria nº 919/MEC de 18/08/2016 - D.O.U. 19/08/20 016-1

Data do início do curso: 018 **Data**

OBSERVAÇ

Data de Ingresso na UFU: la conclusão
ÇÕES so:

Proficiê a E Espanhol

PEN

Deve 02 o legíveis e sem co
ATENÇÃ
Regulariz ra itar
Informaçõ Re

DÊNCIAS ACADÊMICAS
Saber informações do documento
ão dipl ma assinou cópia).
am-nos fal os no momento da expe
ós-gra uação: 3291-8960
ção do

Impresso a partir do Portal do Aluno

Histórico Escolar para
Diretoria de Administ

simples conferência. Para efeito legal, o Histórico Escolar dev
ração e Controle Acadêmico-DIRAC.
erá ser emitido e assinado pela

sombras de AMORAS

Memorial Artístico do Processo Criativo de
『Julia e Carla. Carla e Julia - uma breve história
de amor em teatro Lambe-Lambe』

S T Q Q S S D

__/__/__

Agradecimentos

Rúbia, primeira mulher da minha vida, sem você não seria o que sou hoje. Obrigada, mãe!

Meu pai, Antonio Fagundes, que sempre me incentivou a estudar e com suas breves palavras sempre me apoiou.

Fabiana Lazzari, parceira de entreAberta Cia Teatral, por priorizar nossos sonhos.

Alex de Souza, por toda palavra certeira e imensas trocas, literalmente luminosas.

Thaísea, Welerson e Nayara, pessoas que mal me conheciam e me receberam em suas casas, me apresentaram Uberlândia pela 1ª vez (no imenso calor que faz em outubro!) e me fazem sentir sempre acolhida. Muito obrigada.

A toda minha turma de mestrado, por cada aula, cada encontro no RU e pelos corredores.

As professoras e professores, pelas aulas ministradas e consequente contribuição na construção deste trabalho.

Luana e Keila, que mulheres maravilhosas! Parceiras de MUUUITA coisa! Vocês foram muito mais que colegas de mestrado, vocês me abriram os braços (e suas casas!) em vários momentos, me enchendo de carinho e boas risadas. Sigamos juntas, ainda que distantes geograficamente. Obrigada Thiago e José e Thiago e Gal, tão queridos e atenciosos, mesmo quando me conheciam há pouco tempo.

spiral

__/__/__ S T Q Q S S D

Paulo e Hallan, que me receberam desde o início com muito carinho, me ensinaram tudo de Uberlândia e região e são as melhores companhias de café, RU e bares!

Meninas da República Rosa, em especial às do 2º andar, com quem morei durante o ano de 2018. Foi muito bom mesmo!

Beatriz de Aquino, vizinha de parede, parça nos rolê de cozinha na madrugada, de sustos, dores e muitos amores. Foi responsável pela maioria dos pessoas que cortei cabelo e conheci em Uberlândia. É nóis! Te amo.

Galera do curso de Letras, obrigada por me acolherem em muitos rolês.

Maju e Layla, ainda que não tenhamos trabalhado por muito tempo juntas em "Amores Ordinários", agradeço cada momento de troca e atenção.

Andressa Xavier, mestra em Letras que também pesquisa Cassandra Rios, sua generosidade e bom humor contagiam. Obrigada!

Laís Corpa, muito carinhosa e generosamente disponibilizou as revistas originais onde o folhetim "Eu Sou Uma Lésbica", de Cassandra Rios, foi publicado em 1980.

Ines Pasic e família, que nos receberam em seu "lugar feliz". Sua generosidade e comprometimento com o que faz são inspiradores. Um dia espero recebê-los em meu "lugar feliz" também.

spiral®

S T Q Q S S D

__/__/__

Grupo de Pesquisa em Teatro de Animação Nucelten Puppets, vocês fazem parte do que construí e seus retornos e trocas são essenciais, muito obrigada!

À Gabriela Guerra, amiga e parceira artística. Você espalha luz por onde passa e suas sombras me fazem ir além. Obrigada por toda confiança e entrega.

À Mª do Socorro, minha orientadora em 2018.

Mario Piragibe, profº, parceiro de loucuras teatrais e meu querido orientador em 2019 e 2020. Obrigada por sempre nos encorajar e nunca desistir do que acreditamos.

A minhas amigas e amigos do Café com Letras, lugar onde trabalhei em Belo Horizonte praticamente desde que cheguei lá. Vocês me enchem de alegria, diversão e amor. Ainda que talvez não saibam, me ajudaram a superar dias e momentos muito difíceis. Vocês sempre estarão comigo. ♥

Aline Dias, amiga querida. Nossas conversas, ainda que por vezes sejam de tempos em tempos, sempre me alimentam! Obrigada por fazer parte deste trabalho, pelo seu carinho e por todos esses anos.

Às minhas amigas e amigos de Santa Catarina. Apesar de tantas mudanças, em todos os quase dez anos que nos conhecemos, sempre pude contar com seu apoio e amor. Obrigada por sempre, amo vocês.

Obrigada a todas as pessoas que estiveram comigo, diretamente ou não, em toda essa caminhada, com suas luzes e sombras. ★

→

spiral®

__/__/__

S T Q Q S S D

Obrigada às minhas bebezas, Leduc e Fanta, que me trouxeram paz e alegria em meio a tantos latidos e miados!

Obrigada às professoras e professores das bancas de qualificação e de defesa. Suas críticas foram muito construtivas e com certeza me encorajaram a seguir por caminhos de pesquisa e registro de processos que eu já acreditava como artista, mas que não sabia serem "possíveis" academicamente.

spiral®

S T Q Q S S D

__/__/__

Carta de Apresentação

Olá!

Meu nome é Tuany Fagundes e sou a criadora deste memorial artístico. Vim de Santa Catarina (SC) aventurar-me em terras mineiras, começando pela cidade de Uberlândia (MG). Viajei até aqui para pesquisar como as linguagens do teatro de formas animadas podem contar uma história de amor entre mulheres.

O primeiro passo foi o ingresso no Mestrado em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), em 2018. Toda essa trajetória foi marcada por muitas idas e vindas, corações partidos e mentes que se abriram.

Você vai poder visitar essa importante parte da minha vida, pessoal e profissional, através deste memorial artístico, resultado do meu processo de pesquisa no mestrado.

Nele, cada parte foi feita manualmente por mim. Cada costura, cada recorte, cada cor... tudo é, literalmente, minha caligrafia. Minha mãe sempre foi artesã, trabalhando principalmente com papéis. Canetas, colas, cores e linhas sempre fizeram parte de minha infância e de várias memórias afetivas.

Divido esse amor pelas artesanias com cada pessoa que está lendo esses escritos, anotações, desenhos, dúvidas e aspirações. Ainda que com muitos fios soltos, todo o processo teatral que aqui esmiucei é minha parte mais sincera como atriz e pesquisadora. Como criatura viajante que tem no teatro, seu guia, e na sua intuição, sua balança de decisões.

→

spiral®

__/__/__ S T Q Q S S D

Sombras de Amoras.

Sombras são, para mim, um retrato de nós mesmas. Não como algo obscuro e que deva permanecer escondido, mas como uma parte de nós que nos permite enxergar além do que as partes iluminadas revelam.

No escuro precisamos de tempo de adaptação, mas conseguimos também enxergar o que nos rodeia. No escuro aguçamos a audição, abrimos nossos olhos e percebemos melhor cada toque. Tornamo-nos mais sensíveis ao que está ao nosso redor.

Contudo não foi qualquer sombra que me trouxe até aqui. Amoras é uma expressão carinhosa para cada mulher-amor presente em minha vida.

Quem sempre me chamou de amora foi Fabiana Lazzari, companheira de entreAberta Cia Teatral. Criamos a Cia juntas, em 2014, com foco em teatro de... sombras!

Assim como ela está na capa deste fichário, cada mulher que me acompanha em cada foto da capa jogou a luz de sua sombra no meu caminho e me fez ver a vida de uma forma diferente.

Foram elas que me acompanharam até o ingresso no mestrado e minha ida para Uberlândia. De 2018 para cá, muitas mudanças aconteceram e com algumas amoras os caminhos tomaram outras direções. Já com outras, mesmo com a distância física, nossos corações ficaram ainda mais próximos.

spiral®

S T Q Q S S D

__/__/__

Na próxima página você tem o Sumário. Ele fala um pouco sobre o que você vai encontrar em cada capítulo. Você pode ler na ordem sugerida ou inverter os capítulos da forma que preferir.

Este memorial tem todos as folhas separados. Elas podem ser retiradas, reagrupadas, colodas na parede, espalhados no chão. Foi assim que criei tudo que aqui apresento. Tanto o espetáculo que construí, quanto este fichário.

FIQUE À VONTADE!

ESTAMOS VIVAS E A VIDA É

(A) RISCAR-SE!

spiral®

SUMÁRIO

S T Q Q S S D

__/__/__

Sumário

de

Sombras de Amoras – Memorial Artístico do Processo Criativo de "Julia e Carla. Carla e Julia • uma breve história de amor em teatro lambe-lambe"

* cada capítulo é uma abordagem do processo de criação *

CAPÍTULO UM (AZUL)

Escolhas Discursivas: de Cassandra Rios à dramaturgia de "Julia e Carla. Carla e Julia • uma breve história de amor em teatro lambe-lambe"

↳ aqui falo sobre o passo a passo da pesquisa, até chegar à concepção e criação da caixa de teatro lambe-lambe

CAPÍTULO DOIS (AMARELO)

Escolhas Visuais: escolhas e encontros → costurando uma caixa de bordados...

↳ aqui estão esmiuçadas cada escolha visual, dramatúrgica, de cada elemento da caixa: da razão à intuição (e vice versa)

CAPÍTULO TRÊS (VERMELHO/ROSA)

Recepções: expectativas vs. realidade → quais os elementos de uma história que tocam o espectador?

↳ teatro só existe com o outro. É sobre cada conversa, reflexão e perguntas sem resposta que surgiram nas apresentações realizadas em SC, MG e BA, que este capítulo vai aventurar-se...

ANEXOS (VERDE)

Glossário & algumas das Referências!

spiral

CAPÍTULO UM

Escolhas Discursivas: de Cassandra Rios à dramaturgia de "Julia e Carla. Carla e Julia- uma breve história de amor em teatro lambe-lambe"

Aqui falo sobre o passo a passo da pesquisa, até chegar à concepção e criação da caixa de teatro lambe-lambe.

A PRÓPRIA PALAVRA ERÓTICO VEM DO GREGO Eros, A personificação do AMOR EM TODOS OS SEUS ASPECTOS - NASCIDO DO CAOS, E PERSONIFICANDO O PODER CRIATIVO E A HARMONIA. (P. 11)

Audre Lorde
"Os usos do Erótico: O Erótico como Poder"

O ERÓTICO É UM LUGAR ENTRE A INCIPIENTE CONSCIÊNCIA DE NOSSO PRÓPRIO SER E O CAOS DE NOSSO SENTIMENTOS mais Fortes. É UM senso ÍNTIMO DE SATISFAÇÃO AO QUAL, UMA VEZ QUE O TENHAMOS VIVIDO, sabemos que podemos ALMEJAR. PORQUE UMA VEZ TENDO VIVIDO A COMPLETUDE DESSA PROFUNDIDADE DE sentimento, não podemos, POR HONRA E RESPEITO PRÓPRIO, EXIGIR MENOS QUE ISSO DE NÓS MESMAS.
(P. 10)

Audre Lorde
"Os usos do Erótico: O Erótico como Poder"

S T Q Q S S D

__/__/__

Era uma vez uma moça com muita energia, muitos trabalhos e com muitas reflexões. Decidiu ir atrás de respostas.

Construiu um projeto de mestrado que tinha como ponto principal criar uma narrativa de amor lésbico em teatro de animação. Ela já trabalhava com teatro de sombras na cia teatral da qual faz parte desde 2014, mas queria algo diferente.

Permanecer na cidade em que estava também não era mais suficiente. Ela não sabia o porquê e nem o que queria exatamente. Ela sabia o que não queria mais.

Assim, mudou-se para outro estado, indo de Santa Catarina para Minas Gerais, para uma cidade onde nunca havia pisado antes.

Começou em 2018 seu mestrado em Uberlândia e deu início ao seu processo de criação. Adentrou-se em outras linguagens do teatro de animação, como teatro de objetos e títeres corporais.

Sua primeira fonte criativa para a criação de um novo espetáculo foi o folhetim "Eu Sou Uma Lésbica" (1980), da escritora brasileira Cassandra Rios. - Foi a primeira best seller nacional, tendo notoriedade com romances protagonizados por personagens marginalizados socialmente, principalmente homossexuais.

Ela fez vários registros do processo. Experimentou linguagens, criou cenas, roteiros, desenhou, filmou, leu e releu, dissecou cada parte do folhetim de Rios.

Nas próximas páginas você confere boa parte dos →

spiral

registros desse processo criativo, que ela chamou inicialmente de "Amores Ordinários". Parte desses registros foram apresentados na sua banca de qualificação, em abril de 2019.

As próximas páginas (impressas com fundo preto) foram diretamente retiradas do material apresentado à banca de qualificação e refletem sobre minhas escolhas e construções dramatúrgicas do processo "Amores Ordinários".

Para começar a entender materialmente a relação de criação que estabeleci com *Eu Sou Uma Lésbica* (1983), eis como foram feitas minhas primeiras leituras.

Depois da primeira leitura em 2017, quando tive conhecimento da obra, e depois em 2018, para retomar os estudos, comecei a elaboração de secção do texto.

Primeiramente dividi o romance *Eu Sou uma Lésbica* (1983), de Cassandra Rios, em **unidades de análise**. Estas consistem em frases e parágrafos que achei relevantes para serem trabalhados como pontos de reflexão teórica, além de termos, metáforas e objetos que podem ser trabalhados no processo criativo teatral.

Ao todo foram separadas cerca de 130 unidades de análise, sendo posteriormente reagrupadas em **categorias de análise**. Estas consistem em temas onde se encontram uma ou mais unidades de análise. Por exemplo: reflexões na infância, cenário, frases acerca de cada personagem lésbica do livro (sejam ditas por elas ou por outras personagens sobre elas), amizades, relacionamentos, família de Flávia, entre outras.

Para exemplificar meu raciocínio, concentro agora na explanação sobre as **unidades de análise** que fazem parte da categoria CEN (Cenário).

São possibilidades para criação de bonecos, utilização de objetos, produção de paisagens sonoras, relações entre personagens e criação de cenas com a linguagem de teatro de sombras.

Abaixo seguem algumas unidades de análise da categoria CEN (Cenário) para que melhor se visualize o que apresentei até agora.[17]

[17] Os excertos foram copiados virtualmente do arquivo PDF do livro *Eu Sou Uma Lésbica (1983)*, escrito por Cassandra Rios, disponível gratuitamente online. Foi o único exemplar que tive acesso dessa edição, feita pela Editora Record. Não estão em ordem cronológica da história narrada pela protagonista e as anotações abaixo e ao lado dos parágrafos foram feitas por mim para melhor organização de meus estudos sobre a obra.

um

ELA PARECIA UMA FADA ILUMINADA

Era um ir de cá pra lá e de lá pra cá a noite toda que não me deixava dormir direito.

Ouvi a voz de papai muito aflito, mamãe respirando ofegante.

Papai falou ao telefone. Era tudo uma zoada compacta na minha cabecinha. Eu não estava entendendo nada do que se passava, até que tornei a acordar, com papai me chamando com cuidado pra não me assustar.

dois

Encarei Célia sem entender e achei-a ridícula e de uma curiosidade tacanha, além de feia, com o seu nariz adunco, olhos de pombo, juntos do nariz, boca fina e salivosa, um rosto sem estética, que parecia ter sido feito de sobras de outros rostos. A cara dela me pareceu um hibridismo de arara com jumento. Causou-me repulsa. Afastando-me CEN

três

E eu fiz do meu mundo um mundo secreto, desenvolvendo-me como um criptandro. Isso eu era, uma tenra plantinha que crescia, um criptandro. CEN

quatro

Eu vi o gramado queimar diante dos meus olhos, as flores murcharem, a chuva fazer buracos na terra, os pássaros baterem as suas cabecinhas desgovernadas contra as telhas dos telhados das casas, num cataclismo de dor alucinante. Eu vi o céu se juntar com a terra, e o fogo que queimava a grama arder em minha cabeça. Adoeci. Tive febre. Delirei.

CEN

cinco

No quintal da casa de dona Kênia, eu achei, entre as coisas velhas ali deixadas, um pé de sandália de tiras. Três tiras fininhas. Azul, amarela e vermelha. E aquele pé de sandália transformou-se num tesouro que eu escondi entre os meus brinquedos solitários.

CEN (OBJETO DE EXTREMA RELEVÂNCIA)

Congas, botas, sapatos, sapatões e sandálias, numa dança frenética, erguendo poeira. Pés sujos, que me irritaram.

Voltou com força o poder da sandália de Kênia sobre mim. Era como se eu tivesse a minha vida amarrada nela.

seis

Escolhi os trechos acima para exemplificar diferentes possibilidades existentes na rica narrativa que Cassandra Rios desenvolveu no livro *Eu Sou Uma Lésbica* (1983). Em **um,** Flávia narra uma memória de sua infância, um momento onde ela provavelmente está sozinha no escuro do seu quarto, ouvindo toda a situação sem literalmente vê-la. Isso me remete a uma cena no escuro, somente com falas, passos, compondo uma paisagem sonora rica em detalhes, que nos faz visualizar a situação mesmo no escuro. Também me remete a uma possível composição em teatro de sombras, criando a partir de memórias infantis, com possíveis distorções e exageros de sons e imagens.

No trecho **dois** há uma descrição que achei muito interessante. Por mais que releia e tente criar formas possíveis de visualizar o que Flávia descreve, não consigo enxergar o rosto de Célia - uma colega de sua adolescência que a provoca numa festa ao falar das intenções sexuais de Fábio, outro colega seu. Além de ter que identificar todas essas características animalescas no rosto de uma pessoa, imaginar ela falando ou mesmo como seria sua voz é um desafio que adoro aceitar cada vez que leio essa parte.

Os ambientes que compõem a história e o imaginário de Flávia têm íntima relação com plantas. O jardim da casa de seus pais durante sua infância (presente em **quatro)** e a própria metáfora que ela utiliza para se visualizar enquanto uma menina lésbica que crescia (o criptandro no trecho **três**).

Conforme Flávia vai narrando suas memórias, vão aparecendo objetos que vão acompanhá-la durante toda a história. Em **cinco,** um momento crucial: Flávia encontra o pé de sandália de sua grande paixão de infância, sua vizinha, dona Kênia, depois que esta vai embora para outro país. É um episódio muito triste e de extrema introspecção de Flávia quando ainda criança. A presença de objetos que compõem a narrativa de maneira fundamental fez voltar-me para o teatro de objetos. Complexo e mais potente poeticamente do que esperava, o teatro de objetos é uma linguagem na qual nem chego a engatinhar, ainda que esteja estudando e pesquisando em busca de dar os primeiros passos.

Brincando com objetos, vestuário, plantas e metáforas acerca do vocabulário que cercam figuras de mulheres lésbicas, como vemos em **seis,** Cassandra Rios nos brinda com

uma narrativa cheia de jogos semânticos, reviravoltas da protagonista, metáforas e imagens sobre uma jovem que narra sobre suas relações com outras mulheres.

Essas foram algumas citações, e alguns pensamentos que surgiram a partir delas, e que tomaram outras formas a partir do momento em que comecei a experimentá-las na prática. Começou-se então uma nova parte do processo criativo – visto que ele já iniciou com as leituras e possibilidades de criação listadas até o momento.

Através de retornos de colegas na aula de Pesquisa em Artes Cênicas[18] e minha participação como ouvinte e comunicadora no III Colóquio Internacional FITA Floripa[19], reflito constantemente sobre o andamento de minha pesquisa.

A palestra de Sandra Vargas me fez ver o quanto nada sei sobre teatro de objetos, o quanto ele é muito mais rico poeticamente do que imaginava. A partir de sua inspiradora fala, surgiram questões que Sandra levantou e que afetam diretamente minha pesquisa:

Por que criar história em cima de um objeto que já é dotado de uma história? Como criar poeticamente através do que o objeto tem a me oferecer, sem antropomorfizá-lo ou mesmo modificar sua natureza?

E mais questões que me pergunto: como fazer poesia com objetos sem palavras, mas que não abra para interpretações distintas e relativistas das que estou propondo em cena? Afinal, por que criar novas imagens a partir de uma obra literária que já nos oferece tantas imagens e metáforas acerca da temática proposta?

Em conversa informal a atriz e diretora, muito generosamente, sugeriu diretrizes para meu processo de criação. Falou de exercícios de composição justamente para que eu consiga "dar relevo para essas personagens", como ela mesma disse. Admirou-me perceber o quanto eu estava, e estou, sendo muito literal com o livro, sem viajar nas possibilidades de criação que cada personagem oferece a partir da perspectiva de Flávia. Ou seja, posso e devo ir além do que Cassandra Rios oferece em sua narrativa.

---

[18] Pesquisa em Artes Cênicas é uma disciplina ministrada pelo Profº Dr. Jarbas Siqueira,ofertada pelo Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas (PPGAC) na Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

[19] Que aconteceu em Florianópolis/SC, de 11 a 14 de junho de 2018 nas dependências do Centro de Eventos da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

> **O Teatro de Objetos é particularmente provocador quando apresenta um repertório pessoal, autobiográfico, íntimo e autoral do ator, que se expõe através dos objetos. O grande potencial do Teatro de Objetos não está nas suas particularidades técnicas, mas, sim, naquilo que é capaz de despertar de mais profundo e revelador daquele artista, por meio de seus objetos.**
>
> **(VARGAS, p. 37)[1]**

A palestra de Felisberto da Costa também foi muito instigante ao trazer espetáculos de diferentes áreas artísticas - como teatro, dança e *performance art* - que trabalham com objetos. E levantou algo que vem ao encontro de um ponto chave de minha proposta de encenação: as questões sociais que estão em debate atualmente fazem parte, querendo ou não, de nossos processos criativos.

Pode parecer algo óbvio, mas ele citou um exemplo que faz-nos entender melhor a complexidade do fato: ao utilizar um lenço como representação de uma mulher - uma vez que seria leve e delicado, como possivelmente uma mulher seria. Essa imagem pode ser reinterpretada de outra forma dependendo do público que nos assiste, visto as discussões acerca do papel de mulheres na sociedade ocidental, além do debate acerca de homossexualidades, e sobre quais seriam os papéis de gênero destinados a mulheres e homens, por exemplo.

É um fator extremamente latente em minhas reflexões, visto que quero em cena diferentes representações de mulheres lésbicas. Preciso justamente singularizar cada personagem, mas também não anular seus pontos em comum e em divergência com outras mulheres, inclusive comigo. Um exemplo hipotético, mas muito instigante: como representar uma mulher com uma gravata, sem que, à primeira vista o público acredite que eu esteja falando de um homem? Como apresentar essa personagem com uma gravata sem intermédio de palavras para que não a confundam com um homem? Seria possível? São perguntas que até a estreia eu pretendo responder de alguma forma.

Deslocando essa questão para o campo do teatro de animação, dir-se-ia que o sentido não se encontra nem no ator, nem no objeto e nem no espectador: os sentidos estão no espaço dramatúrgico (intervalo) criado (constituído) pelos três corpos. A noção de incompletude remete, também, a uma realização de natureza inacabada, porém, não faltante. Completamente inacabada, porque não se fecha em si mesma, ou não "representa um fim em si", como observado por Dario Fo, reportando-nos à ideia de duração bergsoniana: conserva-se e ao mesmo tempo se modifica, momentos que fluem constantemente, envolvendo tensão e elasticidade. Tomando como exemplo o texto, ele é inacabado porque se joga a cada vez, não cabe ao ator ou ao espectador "preencher lacunas", dado que não se trata de ausência, mas sim de possibilidades. Cabe ao ator jogar com o texto, assim como ao espectador e aos demais. E o contrário também é verdadeiro: o texto joga com eles nessas diversas perspectivas. Um texto sempre propõe acordos temporários. No entanto, o fluir não impede as paradas, "o tempo nem sempre corre. Podemos encontrar ou cavar lugares onde ele congela", como bem diz Serres (2001: 181).

(COSTA, p. 44, Grifo meu)

No excerto acima, Felisberto Costa aborda um ponto que acredito ser crucial em construções dramatúrgicas no teatro de formas animadas: o **espaço dramatúrgico** que existe entre ator, objeto e espectador. Meu primeiro contato com esse **espaço** enquanto indagação criativa e proposta a ser desenvolvida em ensaios práticos, foi na obra *Müllermaterial*[20], direção de Stephan Baumgärtel. Fiz parte do elenco que compôs o processo criativo e as apresentações de 2014 a 2017.

Depois de um tempo já apresentando percebi o quão valoroso era o trabalho. Não só no sentido de pesquisa e treinamento cênico, mas também pelo amadurecimento de minha leitura e compreensão com os textos de Heiner Müller. Nosso trabalho era com o material de cada palavra, cada espaço, cada vírgula, que só existia de acordo com as entonações que dávamos ou suprimíamos. Cada apresentação era uma possibilidade de perceber sentidos narrativos além do que estava exposto à primeira vista.

Stephan falava do trabalho com as palavras como se fossem tijolos que jogamos, como bolas que fazemos voar no céu e caírem pesadas lá do

[20] *Müllermaterial* foi uma leitura dramática dirigida por Stephan Baumgartel e teve como elenco: Alyssa Tessari, Leonardo Brandão, Tuany Fagundes, Andrei Rosa e Marco Antonio de Oliveira. Nos ensaios e nas apresentações, trabalhamos com os seguintes textos de Heiner Müller: *Peça Coração*, *Medeamaterial* e o poema *Imagens*.

outro lado da sala, ou mesmo como plumas, abraços ou marteladas. São imagens bem abstratas num primeiro momento, mas quando passamos a nos permitir, pouco a pouco, a explorar as palavras e frases de formas menos habituais, chegamos a lugares mais profundos do que está escrito, sendo visto e ouvido pelo espectador. Chegamos realmente a habitar lugares desse **espaço dramatúrgico**.

Essa experiência como atriz, ainda que a princípio nada tenha a ver com o que pesquiso hoje, volta a minha memória em diferentes momentos. Passei a respeitar mais textos teatrais, tanto em modelos que seriam mais "tradicionais" ou mesmo os que propõem outras formas de criação de textos, construindo outros conteúdos narrativos além das palavras escritas.

Essa sensibilidade com textos escritos, que comecei a desenvolver participando de *Müllermaterial*, vem crescendo ainda mais com minha fonte de pesquisa sendo um texto literário. Surpreendo-me cada vez mais com as imagens criadas nos espaços dramatúrgicos de diferentes textos, com os imaginários que se formam com as referências de cada pessoa que os lê.

Considerando tudo isso, caio em devaneio no imenso desafio que propus ao realizar uma criação cênica com teatro de formas animadas a partir de uma linguagem que por si já constrói um espaço dramatúrgico - entre quem escreveu, o que está escrito e quem lê.

Como lidarei com tantos espaços já preenchidos, outros que devem permanecer vazios e outros lugares ainda desconhecidos nesses espaços? Como será minha criação dramatúrgica, qual será sua forma, seus escritos? Que objetos contarão o que não espero ouvir e que será o que "deve ser dito"? E, além de tudo, como colocarei meu corpo, já com várias histórias, em cena com tantas outras?

Neste relatório, divido o texto do livro "Eu Sou uma Lésbica" (1983), de Cassandra Rios em **unidades de análise**, que consistem em frases e parágrafos que achei relevantes para serem trabalhados como pontos de reflexão teórica, além de termos, metáforas e objetos que podem ser trabalhados no processo criativo teatral. Ao todo foram separadas cerca de 130 unidades de análise, sendo posteriormente reagrupadas em **categorias de análise**. Para apresentá-

las de modo conciso, separei trechos do livro os quais chamei de Cartas a quem Lê. Foram ao todo sete cartas, das quais escolhi três para serem debatidas mais profundamente.

A escolha destas três Cartas deu-se pelo fato de serem concentrações da narrativa onde Flávia, a protagonista e narradora, conta situações e concomitantemente o que está pensando sobre. Ela revela o que se passa em sua mente enquanto o fato está acontecendo.

Determinei três momentos específicos: Flávia refletindo sobre sua própria sexualidade; Flávia refletindo sobre a expressão da sexualidade alheia e Flávia refletindo sobre o sexo com outra mulher, Desirée.

Julgo-os importantes, pois dizem respeito à vida cotidiana de Flávia, uma mulher lésbica, com seus prazeres e angústias. Além de que, através desses três excertos, consigo estabelecer diálogos com todas as demais partes do romance.

Abaixo seguem as Cartas, os títulos que dei a cada uma e os pontos que serão desenvolvidos na dissertação.

E eu fiz do meu mundo um mundo secreto, desenvolvendo-me como um criptandro. Isso eu era, uma tenra plantinha que crescia, um criptandro.

Em minha mente, as palavras de Bia repetiam-se, como que selando um destino: "Sai dessa, Flávia, para nós, lésbicas, só restam as prostitutas."

Pare de resistir.
Não reprima.
Desabafe.
Ponha tudo para fora.

Eu não vivo preocupada com o meu inconsciente ou subconsciente. Eu me preocupo com o que eu tenho na consciência. Acho que sou essencialmente consciente, não tenho nada oculto ou a provocar traumatismos psicológicos.

Eu simplesmente sei o que sou e por que sofro. Eu não tenho conflitos para soterrar ou desenterrar. Não há nenhum complexo de Édipo entre ser heterossexual ou homossexual.

Eu apenas tenho a minha verdade amalgamada à carne como ao meu espírito.

O fato de eu não ter conflitos, traumas ou neuroses não quer dizer que eu não tenha problemas. Tenho. Muitos. Alguns que o tempo se encarrega de solucionar e outros que eu vou fracionando, estudando, tentando resolver, como todo ser humano.

Já percebi que as pessoas costumam confundir lembranças e frustrações da infância ou da adolescência com neuroses, traumas, conflitos psicológicos, estes causados por outros tipos de repressão e recalque, jogados fora do plano consciente porque lhes causam sofrimento.

Mas eu não vou seguir a via régia da psicanálise para a interpretação da minha vida, pois a tenho toda no plano consciente, como um filme que eu passo e repasso, parando a cena tanto tempo quanto a emoção da evocação do momento me pede.

Eu não uso o meu passado, como certas pessoas o fazem, como argumento para justificar os meus fracassos e as minhas taras.

Eu acho que essas lembranças são apenas as dores emocionais da saudade, da insatisfação pelo que não foi realizado ou pelo que ficou perdido ante a impossibilidade de ter sido conquistado — exceto, obviamente, se se tratar de coisas chocantes, que debilitam mentalmente o indivíduo.

Sinto-me mentalmente sadia, mesmo quando sofro, quando a depressão me dá ganas de suicídio e eu me debato, rezo, blasfemo e estrebucho como um frango ao ser degolado — assim me sinto quando a dor do amor faz sangrar a alma e queimar a carne.

Os sonhos se deformam por serem esquecidos detalhes, mas as minhas lembranças soltam as amarras e são como uma catarse para a minha descarga tensional.

A censura consciente impõe a minha verdade com toda a sua força, e eu não reprimo a energia dos meus desejos, que buscam a sua realização.

O que eu quero afirmar é que em mim tudo é natural, consciente, vivo, espontâneo. Sou definida, autêntica, honesta, mas um tanto covarde, ainda.

CARTA I

O MUNDO SECRETO DA CRIPTANDRO

Flávia

Flávia e o entendimento de sua própria sexualidade

O que mais me chamou a atenção nessa parte é o entendimento racionalizado de Flávia quanto à sua sexualidade. Não busca-se uma justificativa trágica ligada ao fato dela ser lésbica. Não há traumas nem abusos. Ela é dona de seu próprio "eu", sua própria voz. Durante toda a narrativa ela se mostra dessa forma, mesmo com medos e angústias. Ela é uma mulher forte e lésbica, em busca da "sua verdade", "sua essência". A homossexualidade não a fragiliza, pelo contrário, a faz refletir constantemente sobre seu lugar na sociedade.

CARTA II

O PORTAL DO ARAKAN

Bia e Marlene

Socialização de diferentes mulheres lésbicas, com diferentes expressões de gênero, mas com mesma sexualidade;

No Carnaval Flávia tem empatia com quem ela rejeitou tempos atrás na história, no caso, o casal Bia e Marlene.

No entanto também reconhecemos a voz social através de Flávia, a lesbofobia existente entre as próprias lésbicas, muitas vezes impelidas pelas circunstâncias à estereotipia de gênero. [...]
(FACCO e CASTRO LIMA, 2004)

Durante a história, Flávia mostra o quanto reprova mulheres lésbicas que não performam feminilidade, que são "masculinas". No Carnaval, ela vê uma mulher lésbica não feminiliza- da ser agredida por ser reconhecida "de cara" como lésbica. Ao contrário de Flávia, que, pelo que a história aparenta, tem passabilidade hete- rossexual nos lugares. Ela reconhece que a agressão àquela mulher era também uma agres- são a ela, uma vez que eram "iguais em essência", ambas eram lésbicas. São seres que a sociedade rejeita, ainda que sob diferentes contextos e realidades

Eu as vi chegando, ressabiadas, como que disfarçadamente, de braço com homens, subindo as escadas que conduziam aos salões do aeroporto, de braço com bichas, para tentarem passar pela portaria. O comentário de que seria proibida a entrada de homossexuais no Arakan já se espalhara havia meses.

Eu já atravessara a porta e vi o homem descer correndo em direção ao grupo que entregava ao porteiro os ingressos, gritando, neurastênico, brecando a entrada delas:

— Não deixe entrar, devolva os ingressos, devolva o dinheiro; "paraíbas" aqui não entram.

O grupo se comprimiu, o porteiro foi empurrado pela machona, o sujeito que impedira que elas entrassem foi agarrado pela camisa e a machona desferiu sobre ele golpes que eram estupendos socos de *boxeur*. O homem caiu atordoado, a bicha pulou por cima dele e atravessou correndo em direção ao salão. Um grupo de guardas correu atrás da bicha e ergueu-a no ar pelos cotovelos. A bicha enroscou-se com pernas e braços no policial, que tentava livrar-se dela, enquanto ela gritava, agarrando-se a ele:

— Me solta, bofe...

Enquanto o cassetete descia sobre a machona, lá na porta, um tal "Manville" conseguiu sair de sob a massa fofa dos seus tetões. Ela entregou os pontos, erguendo os braços no ar, para proteger-se, e gritando:

— De cassetete não, seus putos, ataquem que nem eu, de mãos limpas; aí, quero ver se sobra um.

O pau preto desceu na sua cabeça e as pernas da machona dobraram. Comprimi o peito com as mãos, sentindo algo estranho e violento. Revolta. Pena. Lástima — e acima de tudo vergonha.

Meu carnaval estava estragado. Virou quaresma. O espetáculo era triste demais para mim. A bicha, gritando com a sua voz esganiçada coisas que eu nunca ouvira antes, sendo posta para fora; a machona, carregada pelos guardas escada abaixo. Manville, medindo a jovem que se encolhera a um canto, medrosa e disfarçando não estar com a machona, toda fresca no seu *sarong*, cheia de colares e olhares de fêmea acuada, disse, estufando o peito que não estufou, ao contrário, ficou sumido sob a camisa rasgada:

— Você pode entrar...

Pensei que a moça fosse fazer meia-volta e seguir os guardas que levavam a machona desfalecida. Quatro deles carregavam, com esforço, o pesado fardo, e a sua bunda ia batendo nos degraus, enquanto os saltinhos da sua linda companheira seguiram tlac-tlaqueando para o salão regurgitante.

Acho que só não vomitei porque engoli demais as palavras que me subiam pela garganta, querendo xingar a cadela que, sem pestanejar, preferira o baile de carnaval a saber para onde estariam levando a sua machona.

Meu grupo estava igualmente atônito, assistindo ao deprimente espetáculo, e resolvemos que o melhor seria começar a criar um clima alegre entre nós, já que nada poderíamos fazer por aquela pobre infeliz que fora barrada por ser lésbica. Perto de nós passou saracoteando uma linda mulata, que revelou suas "tendências", dizendo-nos:

— Se ela fosse meu caso, eu arrancava os olhos desse merda despeitado. Quero ver ele barrar uma negra! Capo ele!

A vagina é oca. Nela cabe a mão inteira. A minha coube. Senti-a entrando, penetrando, alargando caminho. Dedos unidos, espremidos. Todos. Dentro da vagina de Desirée. Socando, socando. Ela gemendo e eu assustada, mais do que isso, angustiada, ouvindo-a dizer, enquanto em minha mente uma cortina de pó branco rebrilhava, caindo como uma estranha chuva fina num prato de sopa:

— Mete mais, põe tudo, assim, nenen, com força . . . me rasga . . . faz forte.

Meu pulso doía, meus dedos lambuzavam-se, e pude até contornar com eles o útero. Meu braço parecia que ia enterrar-se todo naquela caverna úmida que era como uma boca ardente e faminta sugando a minha mão.

O corpo dela agitava-se num ritmo sinuoso das cadeiras e simultaneamente eu lambia-lhe o ventre e o mais que podia, alcançando, com a língua esticada, o seu clitóris. Já me doía a garganta, até a raiz da língua. Os músculos dos cantos da boca, que prendem a língua à mandíbula, doíam tanto que já estava se tornando difícil estirá-la.

Em nós havia um cheiro de resto de noite carnavalesca, poeira, lança-perfume, cerveja e sexo.

Desirée revirou os olhos, gritou, fez gestos obscenos, disse palavrões e outras tantas delirantes exaltações, das quais depreendi o coito, o ato sexual com homem.

— Descarrega . . . agora . . . esporra . . . me dá o seu leitinho . . . põe tudo dentro de mim . . . mete . . .

Eu estava mais chocada do que excitada, e, sob o comando incentivador da bela e fogosa Rainha do Carnaval, dava aos impulsos do braço toda a potência de um membro cavalar, que não cuspiu o que ela pediu, que socava dentro com a mão fechada, enchendo-lhe a vagina enquanto ela se agitava e se sacudia para chegar ao máximo do orgasmo. Cheguei a imaginar, num momento de loucura, que pelas pontas dos dedos o braço estava prestes a ejacular.

— Tira . . . tira . . . está me machucando . . . você meteu até o pulso . . . tarada . . . me chupa . . . chupa a minha b . . .

Era desse modo que eu valia para ela, como homossexual no sexo. E ela prendeu a minha cabeça com suas roliças coxas, movimentando o corpo com um ritmo frenético.

Gozou, estrebuchou, rolou na cama. Estava empapada de suor, saciada, e ainda mais histérica pelo que lhe surgiu à mente quando a embriaguez do gozo acabou e a modorra do após se fez.

CARTA III

O ESPORRO DA RAINHA

Desirée
{Maria Rosa da Silva}

Diferentes relações sexuais entre mulheres: como elas nos constroem, positiva e negativamente, enquanto seres pensantes, que amam e desejam;

Mulheres com quem Flávia se relacionou e as consequências em sua vida, do modo como se vê e vê o mundo ao seu redor – Kênia, Núcia, Desirée.

As representações físicas e psicológicas de Flávia e Débora na narrativa de Rios marcam claramente os aspectos que queremos reiterar: o pioneirismo de Cassandra Rios e sua luta intencional pelo direito à existência ficcional das lésbicas como protagonistas, não como simples figurantes de uma história [...]. Seus textos, escritos sob os tacões homofóbicos da rígida censura militar, do desprezo da militância de esquerda e da repressão da sociedade patriarcal brasileira, forneceram um novo paradigma para mulheres que, como Flávia, Débora, e tantas outras personagens de Cassandra, sentem desejo por outras mulheres.

(FACCO e CASTRO LIMA, 2004)

"AMORES ORDINÁRIOS"

Registros do Processo em 2018

O roteiro a seguir, assim como os estudos de Figuras, Expressões e de Cenário foram meu primeiro momento de criação cênica nesse processo criativo.

Foram fortemente determinados pela experiência que tive na Residência Artística de Títeres Corporais, realizada em Cerro Azul e Lima, no Peru, com a atriz e diretora Ines Pasic (Gaia Teatro).

Esse intercâmbio aconteceu entre 15 e 30 de julho de 2018, financiado pelo Edital Elisabete Anderle 2016/2017 (SC), recebido pela entreAberta Cia Teatral, em que eu e Fabiana Lazzari participamos.

Roteiro de
AMOR ORDINÁRIO:
DOS PÉS À CABEÇA

Concepção, Direção e Atuação:
Tuany Fagundes

Personagens:
Eu
Ela
Uma
Outra
Barriga

Deitada no sofá, Eu leio um livro.
Adormeço e o livro cai com as páginas abertas para baixo.
Ela aparece com a cabeça e um bracinho em cima do livro. Olha ao redor.
Desde para dentro do livro. O livro vai pendendo para dentro até cair aberto com as páginas para cima. Ela está em pé dentro dele, perto de meu corpo deitado. Ela vai andando equilibrando-se até a outra ponta das páginas, mais perto do público, quase à beira do precipício que há depois do sofá.
Brinca de desequilíbrio com as bordas do livro. Jogo de livro quase fechar em cima dela, e ela empurra com a perna ou braço. Ou ainda, dependendo do livro, ela brinca de deslizar por sobre as páginas, como um escorregador.
Vai indo até a borda lateral do livro, perto de meu braço direito. Ela percebe a presença de outro ser – mão virada com a palma para baixo. Senta-se ao lado dele, na borda do livro, perninhas no ar, e observa-o.
Com o braço, levanta o dedo indicador da mão. Ele se mexe, ela mexe sua própria perna. Com o braço ela levanta o indicador e o dedo do meio, mexem-se. Ela mexe suas duas pernas. O dedão da mão levanta-se atrás dela, a olha. Quando ela se vira para ver se tem alguém atrás dela, o dedão abaixa-se. A mesma ação-reação se repete. Ela mexe seu bracinho, contrariada. ("Hunf"; bate-bate mão na cintura). Tem uma ideia. Coloca seu braço pra trás segurando o dedão que está atrás. Quando ele tenta levantar-se, não consegue. Então ela se vira para ele e ele solta-se ofegante. Os dois se encaram. Ele cai. Ela observa-o. Levanta-o e ele cai. Ela levanta o dedão e o indicador, eles caem. Numa última empurrada, a mão toda se vira com a palma para cima. Os dedos da mão ficam virados para cima. Ela tenta esticá-los, não funciona. Eles sempre voltam à posição inicial. Ela então se aventura a subir na mão, com cuidado. Ela ajoelha-se ali dentro. A mão vai fechando-se levemente, como uma flor.

Eu me lembro do álbum de fotografias. Folheio-o. Eu foco numa foto. Saco-a do álbum. Abraço-a. Álbum é transparente, público consegue ver as figuras de dentro.

Uma está lendo (livro ou revista já no chão). A Outra a vê e tenta aproximar-se.
Uma vê que está sendo observada e vira-se. A Outra Abana. Uma abana, mas volta a ler.
Uma coça a cabeça, "o que fazer?". Tem uma ideia. Vai buscar algo.
Aparece com um lápis enorme toda feliz e vai até a Outra. A Outra vê, ri de lado, mas aceita. Pega o lápis e continua a ler e escrever.
Uma fica no vácuo e vai para o lado, fica ali, cabisbaixa.
A Outra vê. Vai aproximando-se. Chama Uma. Uma vê, mas não liga. A Outra insiste.

Outra começa a dar uma dançadinha. Uma vê. Vai se animando. As duas começam a dançar.
A Outra vai subindo até ficar em pé, dançando. Uma fica apoiada em suas mãos, cabeça pra baixo e, com um "break", sobe também.
Uma aproxima-se da Outra e suas mãos se juntam.
Pinta um clima e vão dançando juntinhas, devagar, de mãos dadas, corpos se aproximam, encaixando-se, dançam um pouco mais e se beijam.

APOIO-ME EM MINHAS MÃOS, ADMIRANDO-AS. MINHA BARRIGA RONCA. HORA DO LANCHE. VOU PARA A GELADEIRA. ABRO-A E FICO CANTAROLANDO, VENDO O QUE TEM PARA COMER. VOU PREPARANDO A BARRIGA E ELA VAI TOMANDO CONTA DAS AÇÕES DA CENA. ELA SAI DE TRÁS DA PORTA DA GELADEIRA E EIS A APRESENTAÇÃO DA BARRIGA.

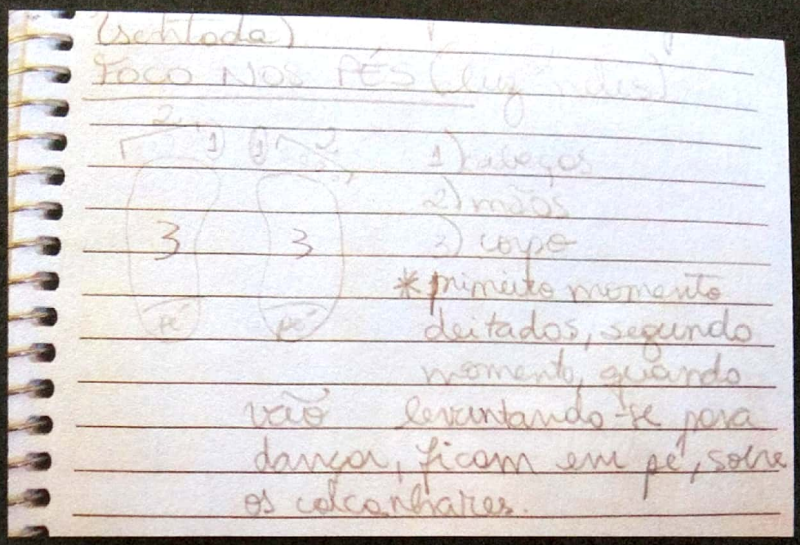
A Barriga é divertida, simpática, peluda e comunicativa.
Aos pouco, conforme vai cumprimentando as pessoas do público, ela percebe que vai estalando os dedos e tenta assoviar junto para compor uma música. Não consegue.
Procura um livro na prateleira, joga uns fora e acha um de Yoga.
Cena da meditação: "OHMMMM" de olhos fechados (pálpebras são as mãos).
Perde o ar, boca aberta, olhos abrem e fica levemente ofegante. Ofegante com olhos, ofegante com boca, ofegante com os dois.
Enquanto Barriga tenta recuperar o ar, Ela aparece andando pela sua coxa, senta-se no joelho. Barriga observa-a. Só então Ela percebe Barriga observando-a. Ela se assusta. Barriga é simpática, cumprimenta-a, e começa a mexer suas longas e peludas pernas, divertindo-se. Ela segura-se para não cair nesse verdadeiro "pernamoto" sob seus pés. Ela fica zangada e vai embora, ainda cambaleando de susto.
Barriga vê-se triste, sozinha. Encolhe-se e chora. Suas pálpebras são as mãos e dedos, ela fecha e abre os olhos, com imenso pesar.

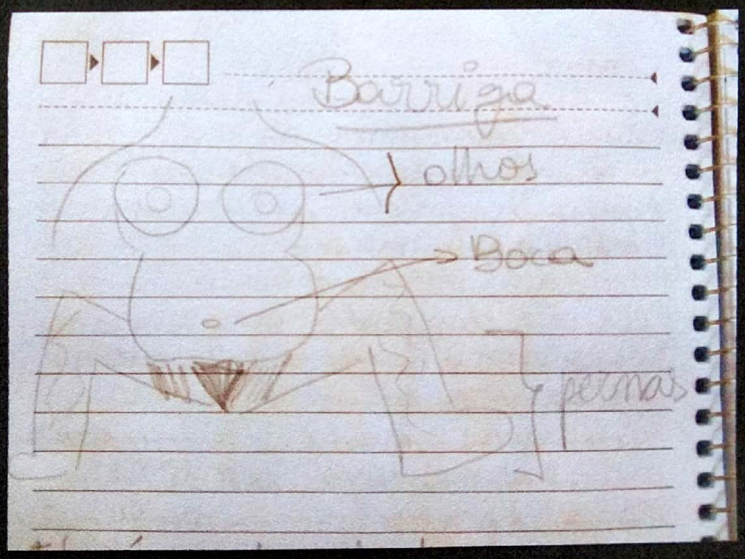
Surgem monstros de sombra, que a amedontram, a fazem se sentir pequena. Surge então Ela, com uma pequena lanterna, que vai enfrentando e apagando um por um, cada monstro.

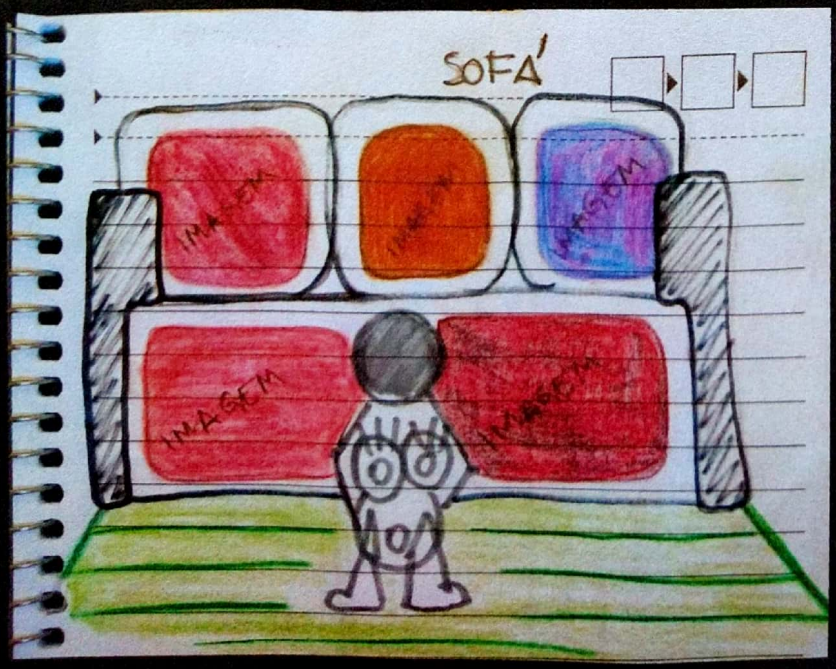
Uma vez que os monstros foram combatidos, Ela está acalmando a Barriga, com sua pequena e carinhosa mão. Encerra-se a imagem das duas juntas, abraçadas.

ESTUDOS DE FIGURAS

AGOSTO | 2018







ESTUDOS DE EXPRESSÕES

Fotos por Beatriz de Aquino

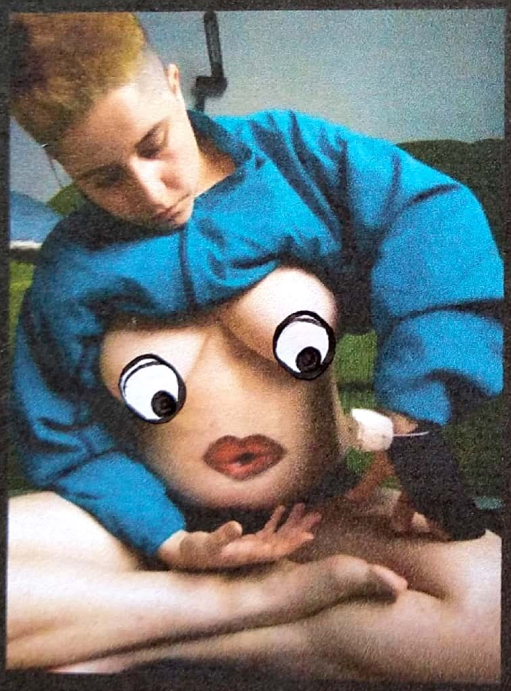
AGOSTO | 2018

Barriga Pós ser Rejeitada



Barriga Assustada



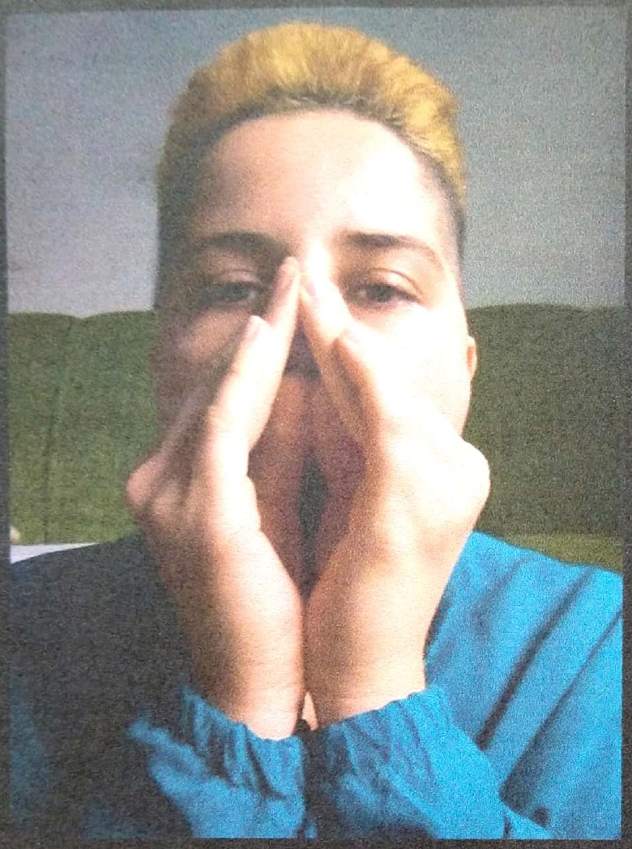


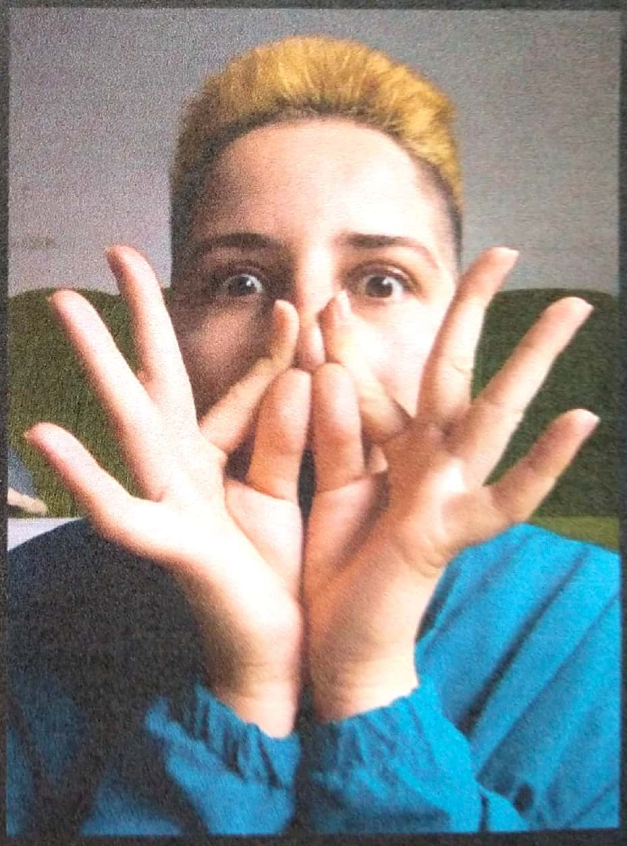
Barriga oferece mão para Ela



Barriga observa Ela

VULVAS:
Imagens que surgiram de improvisações nos ensaios
AGOSTO| 2018

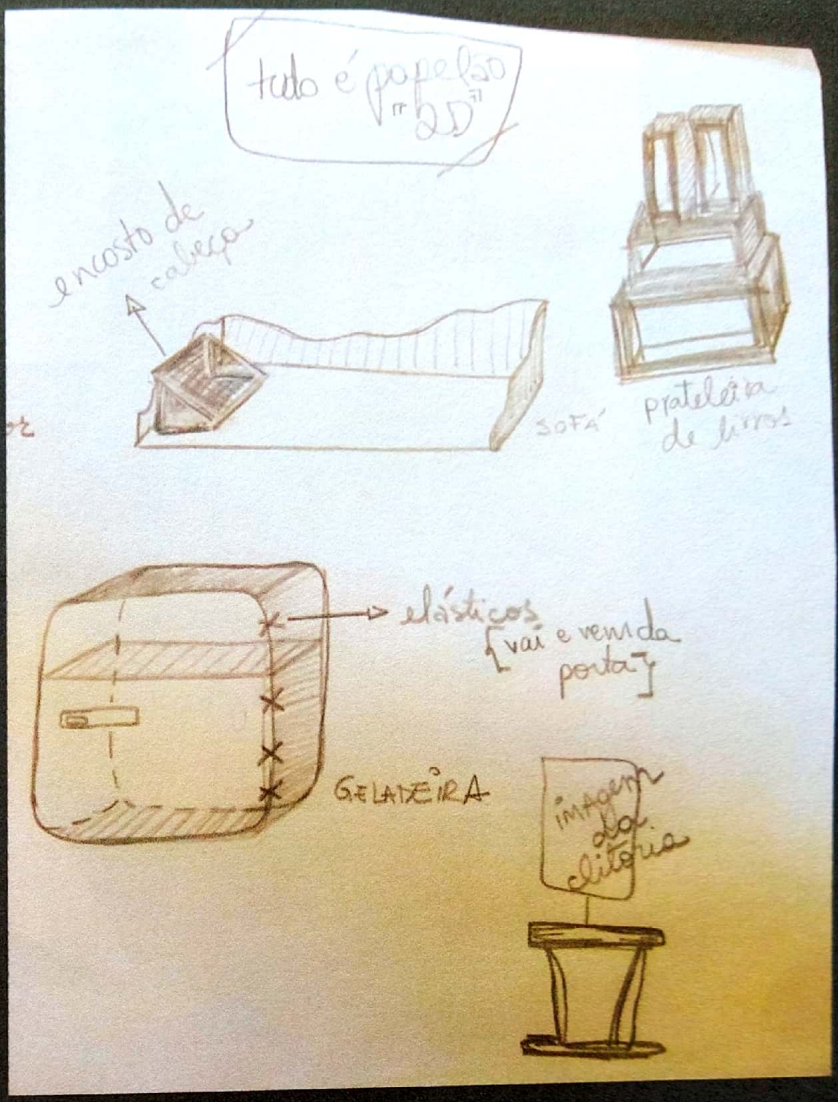


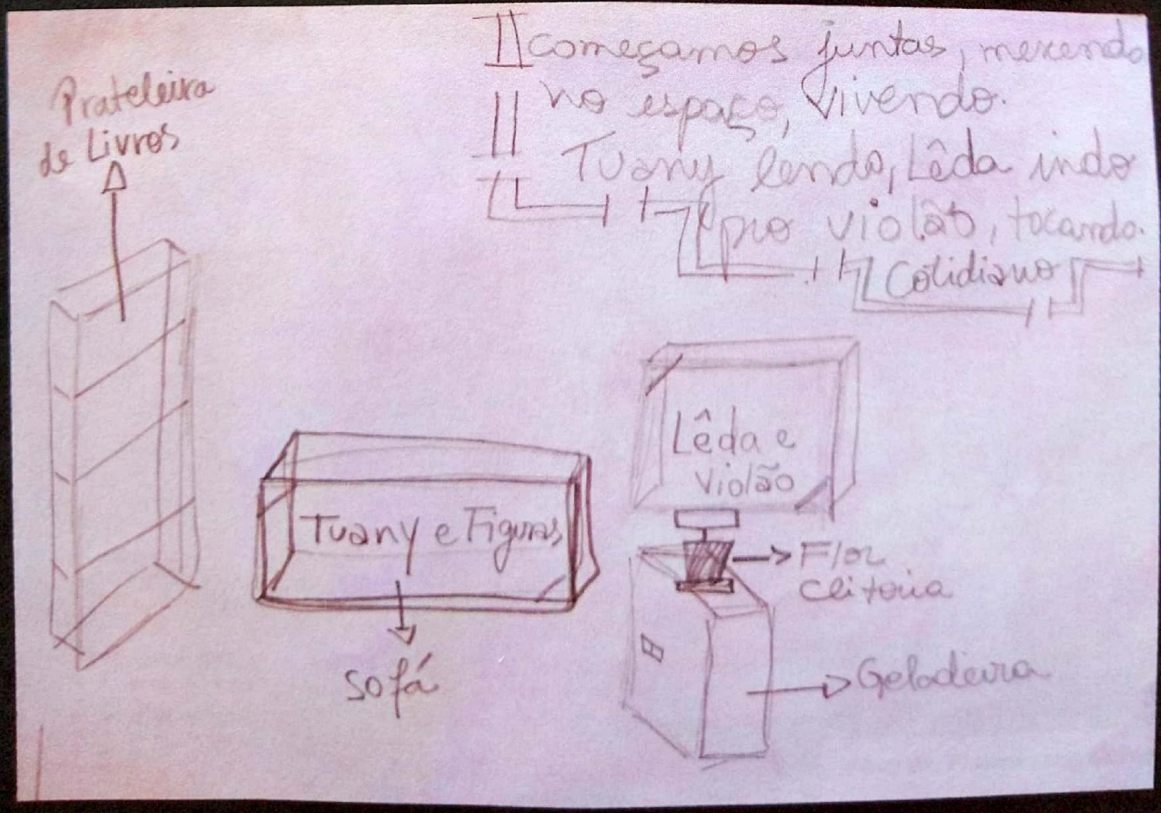


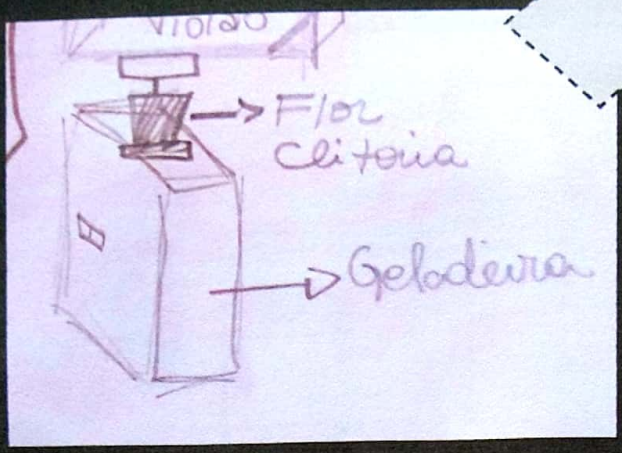


ESTUDOS DE CENÁRIO

SETEMBRO | 2018

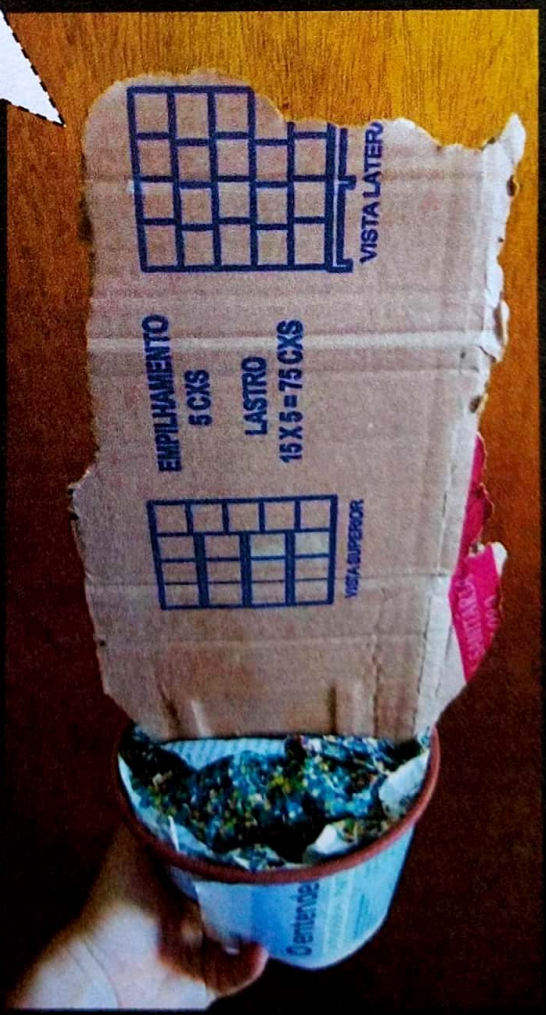






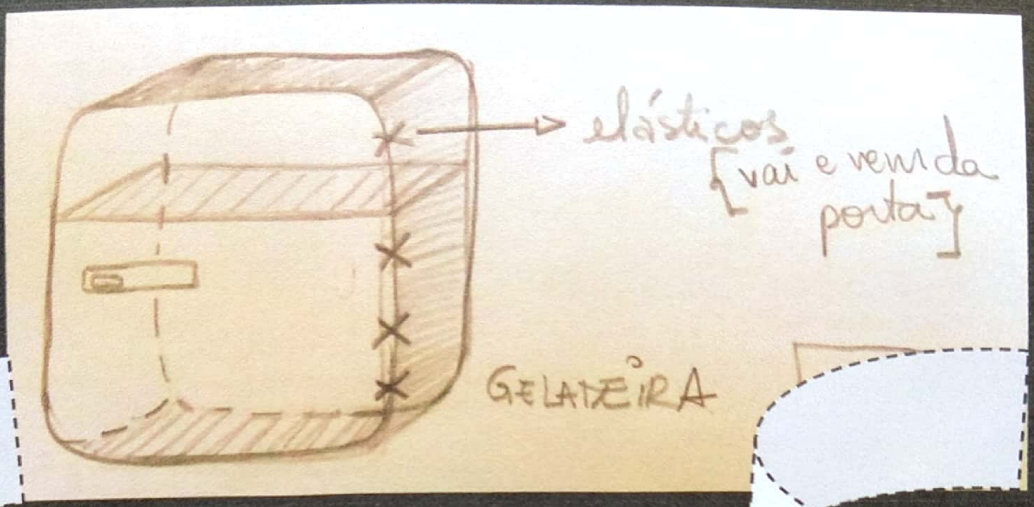






Vaso de Planta com Clitoria

SETEMBRO | 2018



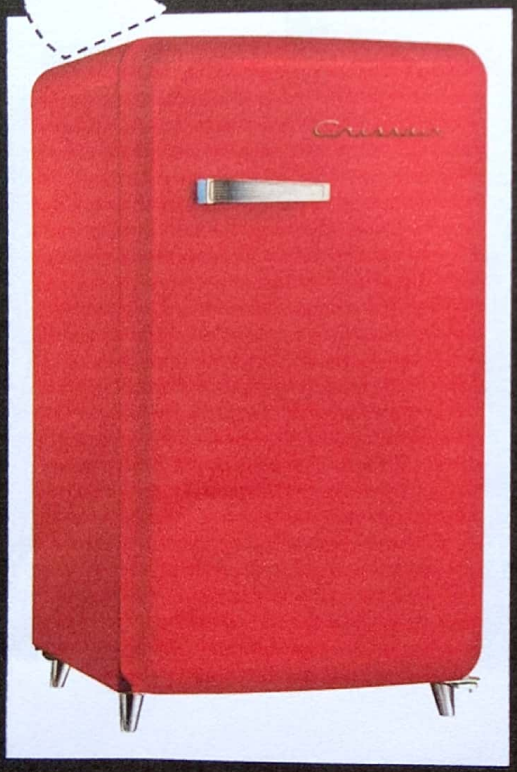


Imagem referência para geladeira

Disponível em:
http://www.churrasqueiraspremium.com.br/mini-geladeira-frigobar-retro-120-litros-vermelho-crissair-pr-85099071-412609.htm

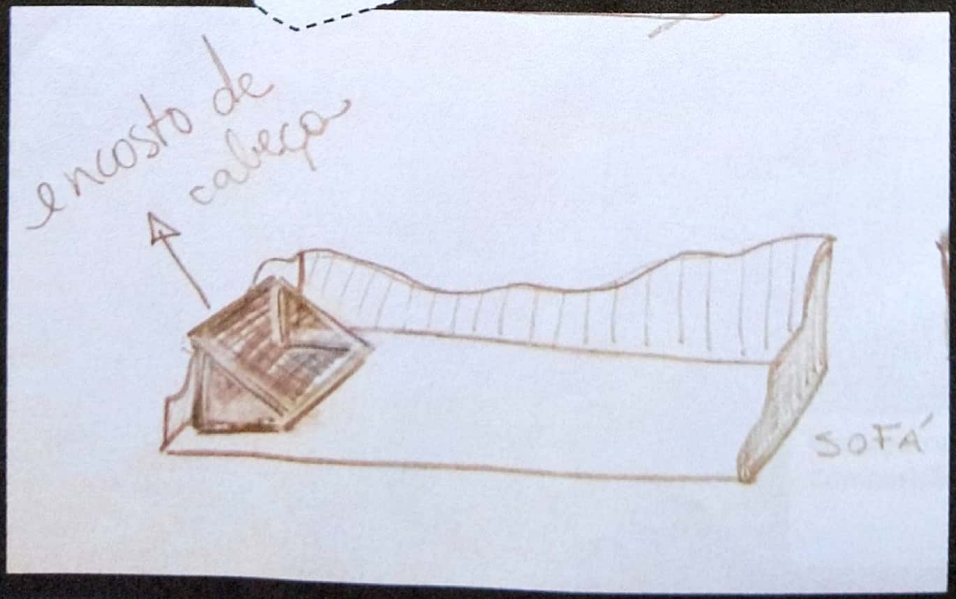


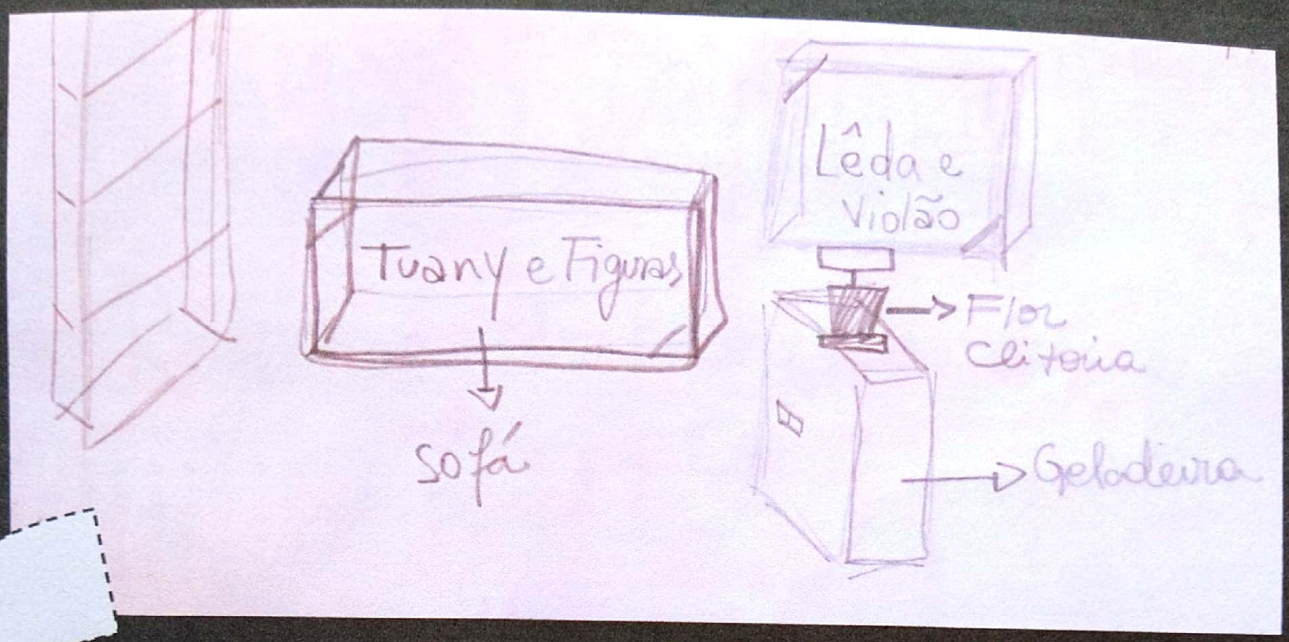
Em construção:
Geladeira
SETEMBRO | 2018



Em construção:
Sofá
SETEMBRO | 2018









Em construção:
Composição de parte do cenário

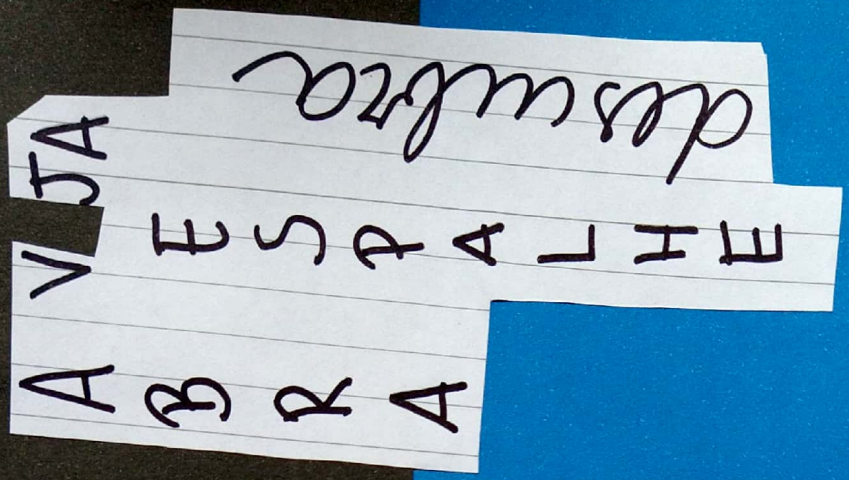
SETEMBRO | 2018

"AMORES ORDINÁRIOS"

Registros do Processo em 2019

Chega de fazer fumaça,
de contar vantagem
Quero ver chegar junto pra me juntar
Me fazer sentir mais viva
Me apertar o corpo e a alma
Me fazendo suar
Quero beijos sem tréguas
Quero sete mil léguas sem descansar
Quero ver se você tem atitude
e se vai me encarar.

ANA CAROLINA
"Cabide" (2007)



Este é um segundo momento do processo. Percebi que para me aproximar mais das referências do folhetim "Eu sou uma lésbica", de Cassandra Rios, teria que mudar a linguagem com que estava trabalhando.

Então "migrei" da pesquisa em Títeres Corporais para o Teatro de Objetos. Fiz essa escolha por perceber maior diálogo entre as memórias do que iria pra cena e a história de Flávia.

Para isso, criei uma outra narrativa, um novo roteiro. Nele, conto a história da sobrinha de Flávia, Bia. Quarenta anos depois da história narrada por Flávia, conto a perspectiva de uma outra mulher lésbica, em outro contexto socio político no Brasil, agora em 2020.

Em cena, coloco Bia fazendo um favor para sua tia Flávia, já idosa. Ela precisa entregar uma caixa para uma amiga de Flávia. O endereço é um quarto de hotel antigo - mesmo local da última cena do folhetim.

Ali, sozinha, Bia se vê na espera de alguém que não chega e acaba revivendo memórias suas através dos objetos que estão dentro da caixa que carrega - todos são referência ao folhetim de Rios - e que são de sua tia.

Por fim percebe o motivo daquele "favor": Flávia queria contar a sua sobrinha sobre sua sexualidade, não revelada até então. Duas gerações diferentes encontrando-se numa forma de amor transformadora, ainda que muitas vezes rejeitada.

1 Bia [illegible] no local marcado. Se dá conta de que não há [illegible], liga para Hávia, dá caixa postal.

2 Bi[illegible]a vendo a ~~bolsa~~ CAIXA. Decide ~~olhar~~ olhar por cima. Vasculha. Bi[illegible]a sem graça por ter aberto ~~todo~~ [illegible]. Guarda [illegible], confere o relógio. Checa o celular.

[illegible]be ligação da mãe.

4 Espera.

5 Bia começa a ver o que tem na bolsa da tia.

6 Bia lê uma carta (ou bilhete) que havia entre as coisas. X

7 Bia [illegible] brinca de boneca.

8 Bia põe suas próprias coisas na mesa.

9 Começa paisagem sonora. Memórias, músicos, luz que dialoga com isso.

10 Bia ouve som de mulher a chamando para dançar. Dança. [illegible] Bia dança com ela.

11 Bia volta para a boneca e sua brincadeira. Fica triste.

12 X Bia fala com outra mulher. ~~pelo celular~~ ~~apresentando~~ ~~dança~~ ~~recado~~ A linha corta e ela manda mensagem de whatsapp.

1 Bia chega no local marcado. Se dá conta de que não há ninguém. Liga para Flávia, dá caixa postal.

2 Bia parada vendo a ~~bolsa~~ CAIXA. Decide olhar por cima. Vasculha. Bia fica sem graça por ter aberto ~~[illegible]~~. Guarda ~~[illegible]~~, confere o relógio. Checa o celular.

3 Bia recebe ligação da mãe.

4 Espera.

5 Bia começa a ver o que tem na bolsa da tia.

6 Bia lê uma carta (ou bilhete) que havia entre as coisas. X

7 Bia ~~[illegible]~~ brinca de boneca.

8 Bia põe suas próprias coisas na mesa.

9 Começa paisagem sonora. Memórias, músicos, luz que dialoga com isso.

10 Bia ouve som de mulher a chamando para dançar. Dança. ~~[illegible]~~ Bia dança com ela.

11 Bia volta para a boneca e sua brincadeira. Fica triste.

12 X Bia fala com outra mulher. ~~pelo celular~~ ~~[illegible]~~ A linha corta e ela manda mensagem de whatsapp.

07/02/19

13 Sombra é nosso reflexo. IMAGEM X ~~Adrez~~

14 Bia lembra que já esteve naquele quarto. Quando criança, sua tia a levou ali para conhecer uma amiga, Keila.

15 Bia lê mais uma carta da Flávia. Lê, lê e lê. Se vê afogar por aquilo que está lendo.

Partes do quarto irem tomando forma pelos desenhos de destacar, suas sombras.

16 Festa com mulheres. Bebida. Sexo. Frustração depois do êxtase. Elas sempre vão embora.
(*) Projeções d garrafas e Música: Loiras Geladas (RPM) sereias.

17 Bia lê carta que Keila manda para sua tia. A data é recente.

18 Bia atende uma ligação. É Flávia. "Tia Flávia?"

Tuany e Bia em cena: dialoguem seus conjeitos?

Bia chega no quarto e já tem uma caixa com objetos. (1) (2)
Quando ela abre, a iluminação muda. Ela para, a luz geral volta. (metateatral). Vê celular, ninguém chega. Volta na caixa. Hesita. Iluminação muda de fruitivamente.

(3) iluminação volta pra geral. luz contato externo, é com geral. contato d memórias Flávia, é outra luz.

(*) Cena final, o quarto completo d Flávia, Keila e Bia criança

07/02/2019

Roteiro de AMORES ORDINÁRIOS em 07 de JUNHO de 2019

1- Bia chega no lugar marcado (com fones de ouvido na orelha). Bate na porta. Ninguém atende. Bate de novo. Abre a porta (porque vê que está destrancada). Pede licença, vai entrando. chama por d. Keila. Ninguém responde. Olha ao redor, não tem nada de interessante.

Olha o relógio. Liga para Flávia, dá caixa postal. Está impaciente, vai ter que esperar.

2- Bia apoia a caixa num lugar próximo - mesmo que seja o chão. Senta, larga suas coisas. Fica parada olhando a caixa. Encosta na tampa e levanta um pouco. começa uma música. Ela fecha rapidamente, olha a seu redor. Sacode as mãos, "xô xô xô!" muda a iluminação?

Tenta de novo. Abre a caixa - relação de olhar com mudança da música/luz.

Olha [redacted] o que tem dentro da caixa. Retira os papéis de "Phebo", cheirando cada um. Acha a cabeça de gato. Brinca (mão que vira gato - mia e avança). Ela vasculha sem intenção de encontrar algo. Ela está mal humorada e quer passar o tempo, até que aquilo acabe.

Retira espelho, depois a moldura dele (está desmontado). O monta. O solta de lado.

Folheia o livro, tenta ler uma página, acha chato. Larga de mão.

Vê as lanternas, pega duas, vê que acende. Vê como é suas luzes na parede, no teto. Brinca como se as duas se beijassem (selinho e depois de língua).

Nesse momento, recebe uma mensagem ("Rooster Alarm" - galo cantando)

3- Bia vai ler a mensagem que recebeu no celular (ou rooster alarm ou mensagem de whatsapp). É a mãe, reiterando que é pra ela entregar pessoalmente pra Keila a caixa, sua tia Flávia fazia questão. Assim como faz questão que seja a Bia que entregue, pois ela tem muito carinho por ela.

Jogo entre áudio da mãe e Flávia respondendo, mas ao vivo.

Última coisa que faz é bufar e voltar à posição que estava, parada na frente da caixa.

4- Bia vê as bonecas. Simpatiza. Mexe nas suas próprias coisas e coloca as no chão, do lado da caixa que está mexendo. Fuça os bolsos da própria pochete. Usa caixa/ou a tampa dela, como uma cozinha de bonecas. Absorvente como cama e lápis [redacted] ou giz desenha as partes da casa na parte de dentro da tampa.

2 absorventes
e 2 carefree
como travesseiros

Através disso traz memórias de sua ex.
Uma parte da 'cama' fica vazia.

Som: 1- MEMÓRIAS emenda na 2- DANÇA (fones)

Roteiro de Amores Ordinários em 24 de agosto de 2019

Público já está comodado em suas cadeiras. Ou melhor, eu mesma já recepcionei o público. Quando todos já estão confortáveis, eu ajeito uma luz para minha fala inicial.

FALA INICIAL:

Olá, boa noite!
Muitas pessoas daqui eu já conheço, mas para quem estou encontrando pela primeira vez, seja benvinda. Meu nome é Tuany e sou eu quem vai estar em cena hoje. Este é um espetáculo solo, feito por dezenas de mãos. Só eu, tenho duas. A Layla que fez a dramaturgia sonora, tem mais duas, isso já dá quatro. Com a Maju, designer gráfica, dá seis. Além da Luana e da Keila, que fizeram parte de todo o processo do mestrado junto comigo, já dá dez. Mais a Rúbia, a Aline, a Lêda, a Ana, a Gabriela, a Bia, Thaísea, Raabe, Andressa, a Lais, a Fabi e a Fabi... bom, já deu pra entender.

Esta é uma história que não é minha, embora talvez também seja um pouco...pois eu já amei ordinariamente algumas mulheres. E já fui amada também.

Esta história que vai se passar aqui, neste quarto de hotel vazio, começou há 40 anos, neste mesmo apartamento. Apartamento 21. Quando a tia da Bia – Bia é quem eu vou interpretar hoje – era uma jovem mais ou menos da minha idade, que vivia ardentemente, carnalmente, passionalmente, incontrolavelmente um amor proibido por outra mulher.

Quarenta anos depois, chegamos a hoje. Um dia cinza, nublado, meio xoxo mesmo. Onde a melhor coisa a se fazer é ficar em casa. Sem fazer absolutamente nada.

NÃO EXISTE NADA MAIS NOSTÁLGICO E RECONFORTANTE QUE OUVIR O BARULHO DA CHUVA QUANDO VOCÊ ESTÁ EM CASA, EMBAIXO DAS COBERTAS E SEM HORÁRIO PARA CUMPRIR. NÃO HÁ NADA MAIS IRRITANTE QUE UMA CHUVA QUE COMEÇA DO NADA, VOCÊ ESTÁ NO MEIO DA RUA, CHEGANDO NUM LUGAR ONDE VOCÊ NEM QUERIA IR, PARA FAZER UM FAVOR PARA UMA PESSOA QUE VOCÊ NEM VÊ HÁ ANOS.

1- Bia chega no lugar marcado, com fones de ouvido na orelha **(e molhada, pois lá fora estava chovendo).** Bate na porta. Ninguém atende. Bate de novo. Abre a porta (porque vê que está destrancada). Pede licença, vai entrando. Chama por D. Keila. Ninguém responde. Olha ao redor, não tem nada de interessante.
Olha o relógio. Realmente não tem ninguém no lugar.
Está impaciente e encharcada. Vai ter que esperar.

2- Bia joga sua pochete e a caixa em cima do colchão. Decide improvisar e estender sua calça, jaqueta e tênis numa mesa que tem ali. Vira a mesa de cabeça pra baixo e estende as peças ali.
Depois de tirar a roupa, senta-se no colchão ali e se cobre com um cobertor velho, que estava no chão. Só então ela para e vê o que fez. Está irritadíssima.
O telefone toca. É sua mãe.

Oi. Sim. Não. Tô objetiva. Mãe, caiu uma chuva não sei de onde, me encharcou inteira. Cheguei, a velha não tá. Tá, desculpa. Sim. Sim. Uhum. Eu sei que a Flávia quer que eu entregue pessoalmente, eu vou fazer. Mãe. Mãe! Eu vou fazer! Tô fazendo. Tá, tá. Eu sei que a tia Flávia quer que eu entregue a caixa em mãos pra essa tal de dona Keila, Kênia, sei lá, porque ela gosta muito de mim etc etc etc. Sim, molhou inteira. Estendi as roupas numa mesa aqui. (afasta celular do ouvido) Não, mãe, eu não tô pelada. (Ri) Óbvio que não! Até ela chegar, a roupa seca. Uhum. Tá. Tá bom. Beijo. Eu também. (vira o olho) Eu também te amo, mãe. Tá, tchau.

Fica parada olhando a caixa. O tempo passa. Tédio.
Encosta na tampa e a levanta um pouco. Começa uma música.
Bia fecha a tampa rapidamente, olha ao seu redor. Sacode as mãos, "xô xô xô!".
Tenta de novo. Abre a caixa – relação de olhar com mudança da música.
Olha o que tem dentro da caixa.
Retira as embalagens de *Phebo*, cheirando cada uma.
Acha a cabeça de gato. Brinca (mão que vira gato – mia e avança).

Ela vasculha sem intenção de encontrar algo. Ela está mal humorada e quer passar o tempo, até que aquilo acabe.
Retira espelho, depois a moldura dele (está desmontado). O monta. Solta de lado.
Folheia o livro, tenta ler uma página, acha chato. Larga de mão. **Vê os livros infantis. Acha engraçado o "Veado e a Aranha". Retira gizes e coloca direto do lado de fora, nem dá atenção.**
Vê as lanternas, pega duas, vê que acende. Observa suas luzes na parede, no teto. Brinca como se as duas se beijassem (selinho e depois de língua).

3 – Bia vê a boneca. Simpatiza. Mexe nas suas próprias coisas e coloca-as no chão, do lado da caixa que está vasculhando. Fuça os bolsos da própria pochete. Usa a caixa/tampa como uma casinha de bonecas. Absorvente como cama e com o giz, desenha as partes da casa na caixa.
2 absorventes e dois *carefree* como travesseiros. Isso traz memórias de sua ex.
Uma parte da cama fica vazia.
Pega de volta o anel de côco, que tinha visto antes. Isso só a faz lembrar mais. 1-MEMÓRIAS

4- Vira a tampa de cabeça pra baixo, desaparecendo a casa de boneca que desenhou e pega os fones.
Coloca no ouvido. As vozes continuam. Ela fica com o fone e respira fundo. Começa a mexer nas lanternas. Liga todas e as põe em cima da tampa da caixa. Pega uma embalagem de *Phebo*. Cheira. Coloca a embalagem em cima de uma das lanternas. Decide colocar em todas. Depois do "Alô", ela retira os fones na hora. Olha para o que acabou de montar.
Começa 2-DANÇA.

5- Dança dos fones.
Uma é mais alta que a outra. Se cumprimentam e colam os rostos um do lado do outro.
Depois de darem uns passos, uma encosta a testa na outra, mais uns passos e depois esta beija a outra.
A outra se assusta, abaixa a cabeça, mas então a primeira se aproxima novamente e elas se beijam.
Quando isso acontece de novo, uma mão entrelaça os dedos com a outra e então elas seguram juntas a base do fone.

6 – Chaveiros de Xadrez. Duas rainhas, uma preta e outra branca.
Bia coloca as duas juntas e reflete sobre.

Ela adorava falar xeque mate – embora muitas vezes esquecesse de dizer e eu odiava quando ela matava a minha rainha. (Mexer nas peças, sem falar junto)
*A gente sempre começava com as peças pretas, diz que a regra é começar com as brancas. (*ri) *Duas invertidas!*
Eu penso que nosso querer é nosso reflexo. Há aquelas que fogem e há aquelas que o abraçam.
Não adianta fugir. É que nem correr da própria sombra: não dá. (diz esta última frase olhando diretamente para alguém do público).
Nesta parte eu travei totalmente. Eu não consigo imaginar nada além dessa parte. Tenho imagens de cenas prontas e boas, mas não sei como realizá-las. Só de pensar daqui pra frente, eu quase me desespero. Só deixo tudo de lado e faço qualquer outra coisa, até o sentimento de frustração e cobrança por não saber como continuar ficar quieto, ainda que sempre esteja ali, me olhando e seguindo. Do quarto pra cozinha. Até no banheiro. Senta do lado da minha cachorra no tapete do banheiro e ficam me olhando. Eu só faço carinho nela. Encosto a cabeça na parede – que fica a 10 com da privada – e espero acabar. A merda ou o xixi, no caso.
Uma coisa que quis é colocar fotos no espetáculo. Mas fotos são memórias e algumas eu não queria acessar. Pensei em colocar só fotos da Bia e eu separei algumas. Porque, talvez vocês entendam, que algumas feridas ainda estão cicatrizando em mim, umas totalmente, outras são arranhões leves, mas são aqueles chatos, que ardem com qualquer coisa que bate em cima. Até que um dia, sem perceber, isso passa e a gente só vê uma marquinha leve, até que desaparece totalmente e a gente nem lembra como fez.

Observa as fotos que está projetando. Começa a comentar algumas coisas delas.
Essa é a Bia.. não, essa sou eu... Essa agora é a Bia, não, sou eu também. Essa seria a Bibi, se fosse a cachorra da Flávia, tia da Bia, mas não é. É minha cachorra mesmo. O nome dela é, bom deixa pra lá, eu não tô aqui pra falar de mim. Bom, aqui é... sou... (Observa.) *Essa é, essa é a tia Flávia! Mas quem é essa com ela? Peraí, eu lembro dela. Essa é a dona Keila. A caixa é pra ela. Uai, que que é isso*

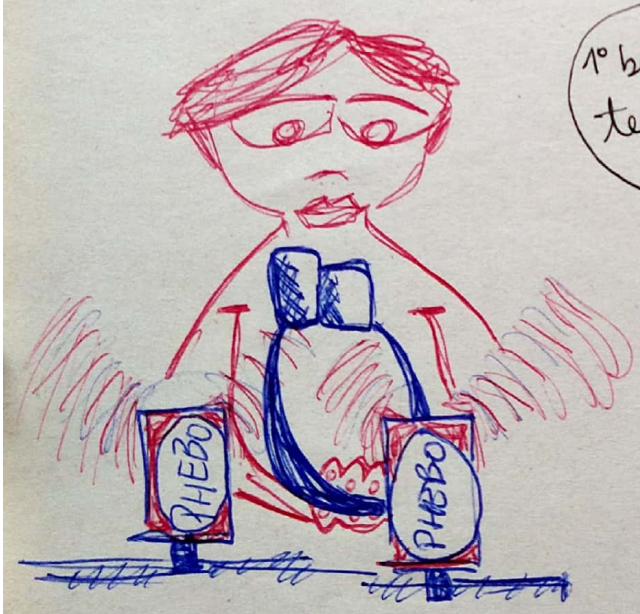
Volta a observar o que tem na caixa. Olha ao redor e começa a lembrar da infância e a reconhecer o lugar onde está.

Ⓐ DANÇA

Luzes coloridas → lanterna com embalagem Phebo em cima. Uma de cada lado e uma na parte de cima, iluminando-as de cima.
↳ amarelo, roxo e bordô

Ouço as risadas, a voz vindo me chamar. Aproximo-me do fone (que está no meu pescoço). Quase coloco no ouvido, mas desisto. Ela insiste e eu cedo, num golpe só, tiro o fone do meu pescoço e elas começam a dançar.

Partitura só para isso. Uma ⊕ alta que a outra, convida-a para dançar. Hesita, mas aceita. Dançam. Surge oportunidade. Ele acontece, elas flutuam. (Separam) "O que aconteceu?" SUSTO. Se aproximam de novo, carinhosamente minhas mãos se entrelaçam na sua base (do fone).



1º beijo na testa da outra



Para encerrar a cena, ela volta daqui para o pescoço de Bia e voltamos à cena da Brincadeira com boneca.

07/02/19

IMAGEM X

"Ela adorava falar xeque-mate - embora às vezes esquecesse a maior parte das vezes - e eu odiava quando ela matava a minha rainha."

Mexer nas peças = SEM FALAR JUNTO

"A gente sempre invertia e começava com as peças pretas."

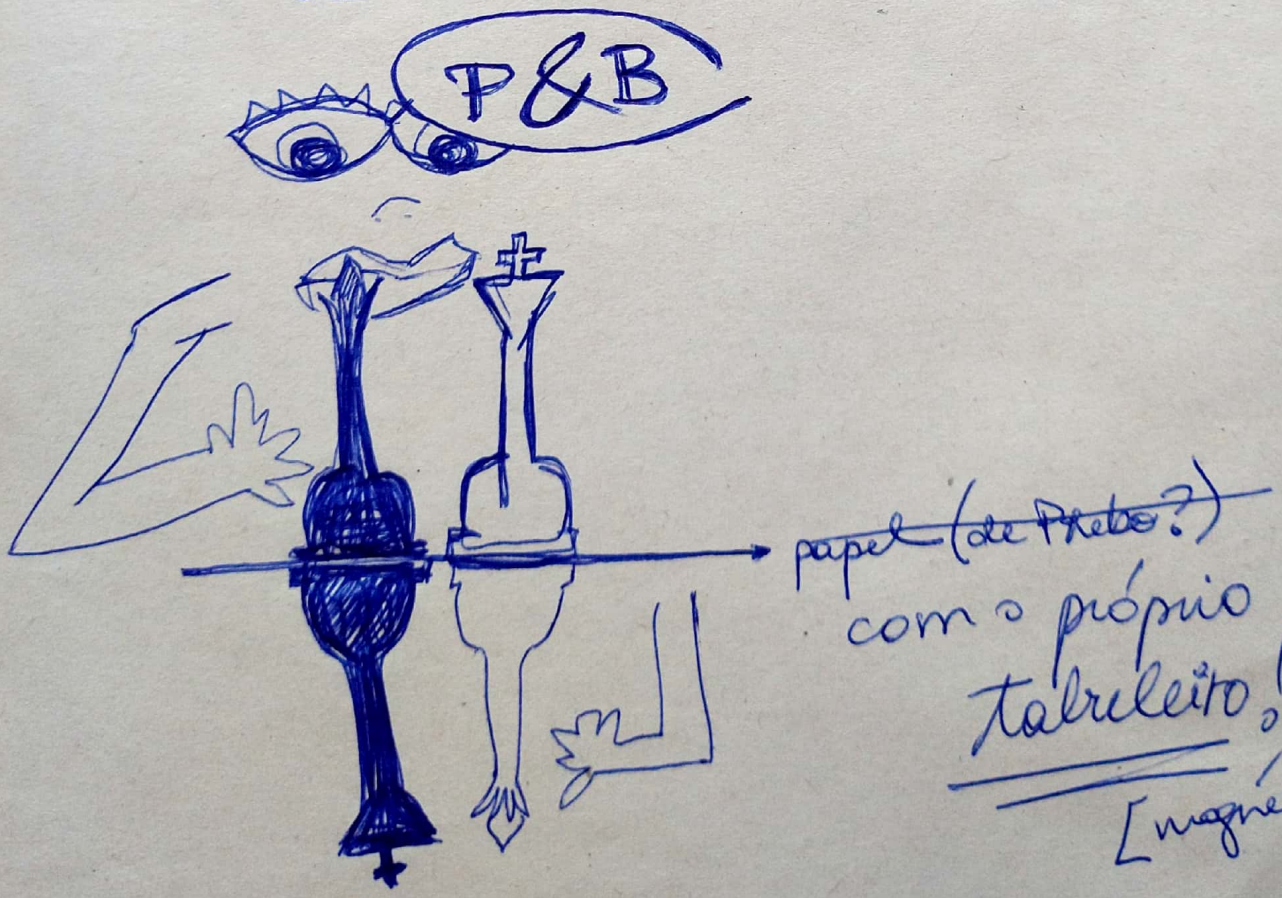
Nosso querer é nosso reflexo.

~~[illegible]~~

Há aquelas que fogem e há aquelas que abraçam-na. a abraçam

Não adianta fugir. É que nem correr da própria sombra."

2 rainhas 2 reis



"Olhos que vêem e olhos que veem-se: ESPELHO.
"Seu reflexo é sua sombra.
Há aquelas que fogem e há aquelas que abraçam-na."

Preto e Branco

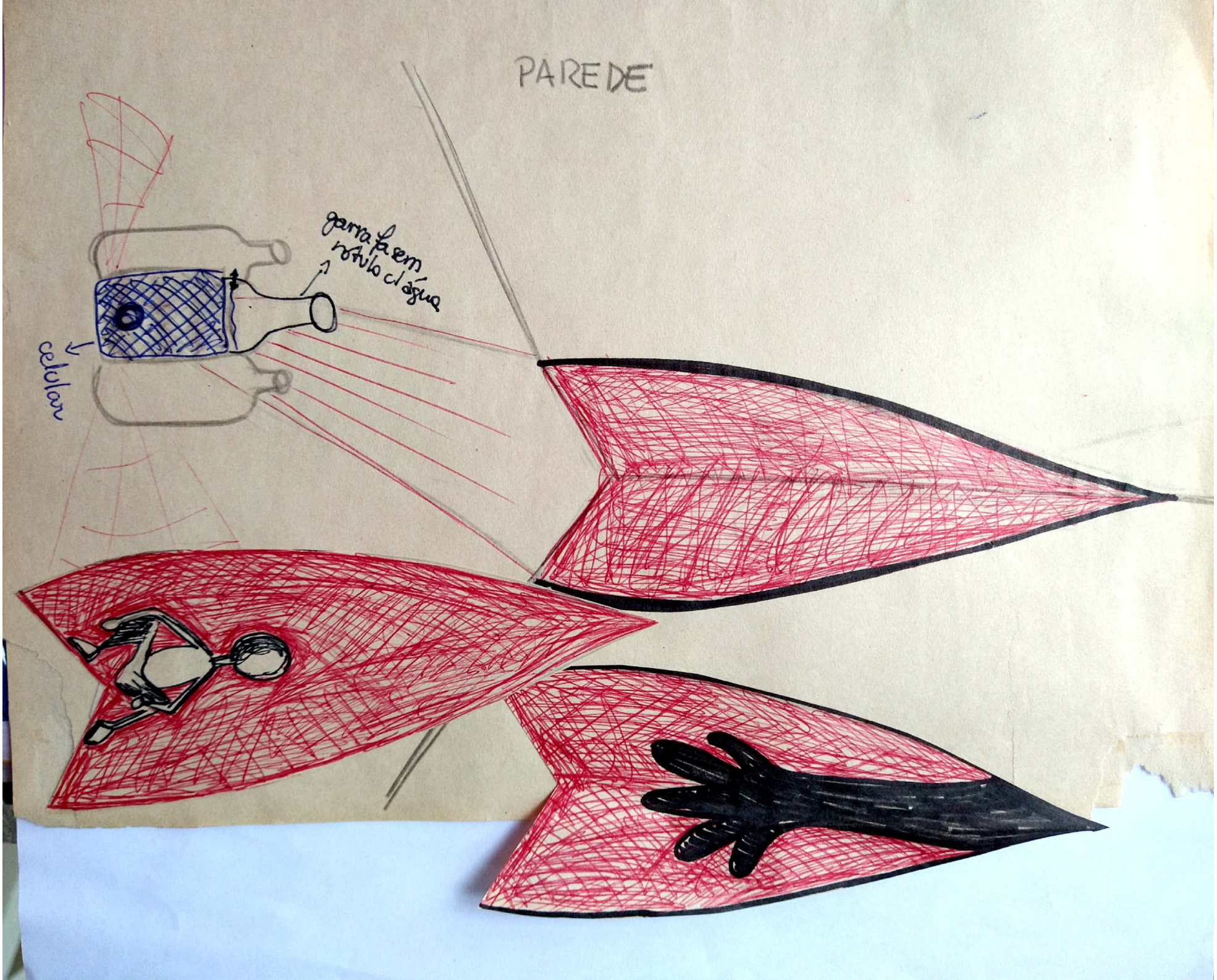


"Viver fugindo de si é que nem correr da própria sombra. Minha sexualidade é minha sombra".

2 RAINHAS e 2 REIS DO XADREZ

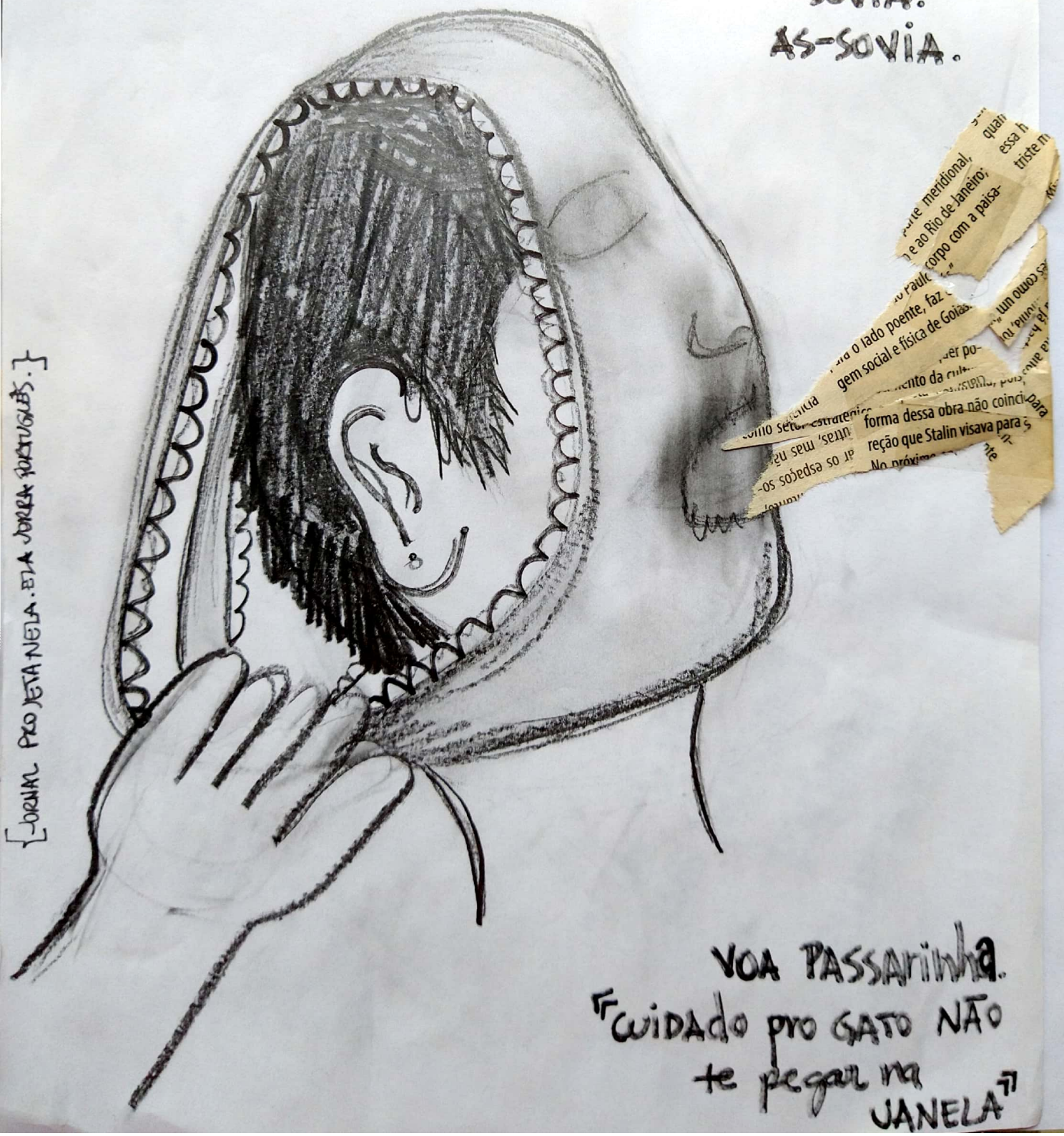
NAQUELA GARRAFA EU tentei Afogar meu coração como ele (mas) entalou não gargalo, (então eu comi).




PAREDE
garrafa em
nível d'água
celular

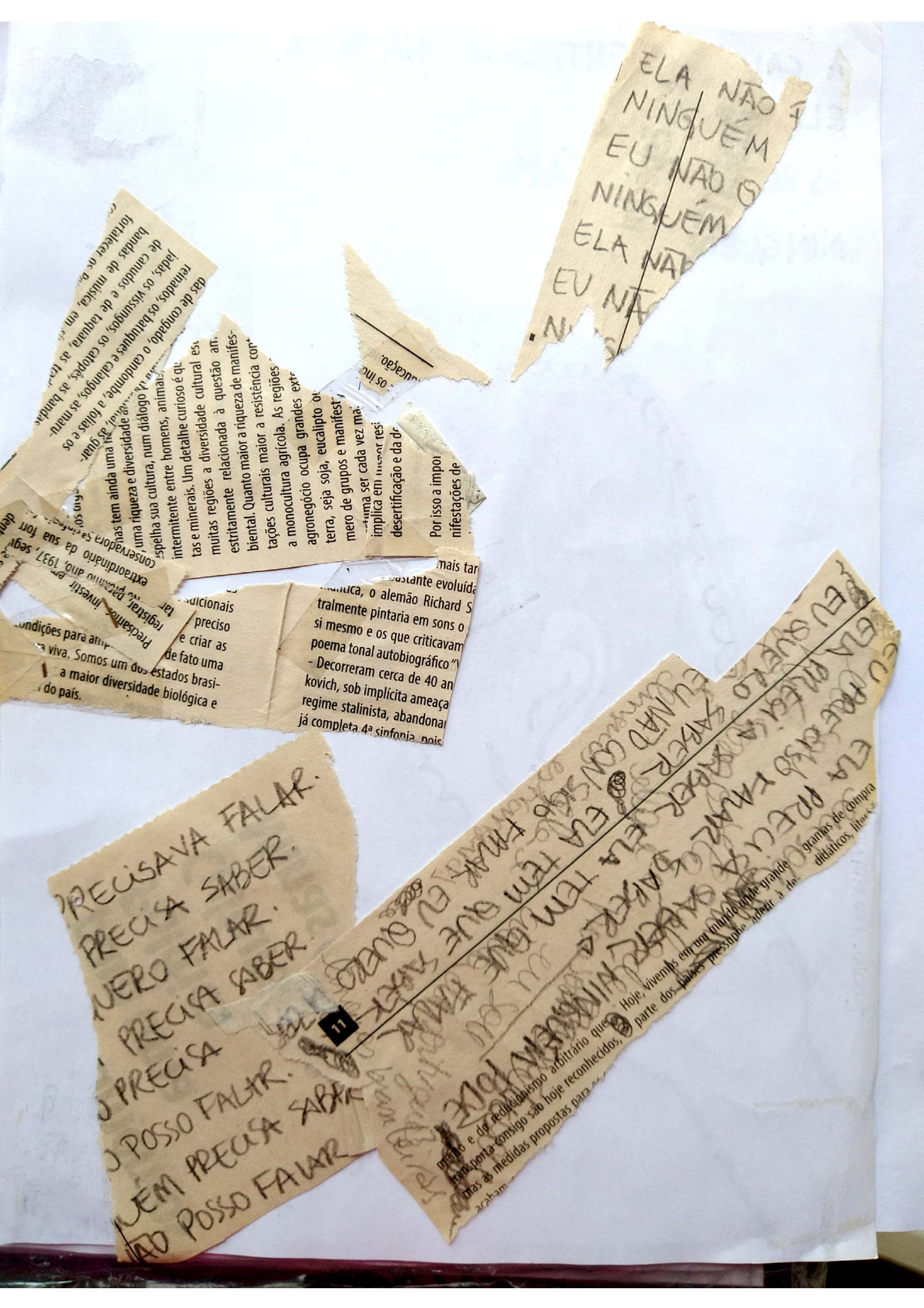
A CALCINHA ENTALADA NA BOCA.
ELA GRITAVA.
AS PALAVRAS SAÍAM.
NINGUÉM OUVIA.

SÓ VIA.
SOVIA.
AS-SOVIA.



[JORNAL PRO JETA NELA. ELA JORRA PORTUGUÊS.]

VOA PASSARINHA.
"CUIDADO PRO GATO NÃO
TE PEGAR NA
JANELA"


ELA NÃO
NINGUÉM
EU NÃO
NINGUÉM
ELA NÃO
EU NÃO
PRECISAVA FALAR.
PRECISA SABER.
QUERO FALAR.
PRECISA SABER.
PRECISA
POSSO FALAR.
QUÉM PRECISA SABER
NÃO POSSO FALAR.
ELA NÃO TEM QUE SABER
EU QUERO FALAR
ELA TEM QUE SABER
EU QUERO FALAR
ELA NÃO PRECISA SABER
EU NÃO QUERO FALAR
ELA NÃO PRECISA SABER
EU NÃO QUERO FALAR
NINGUÉM PRECISA SABER
EU NÃO QUERO FALAR
11
Hoje, vivemos em um mundo onde grandes
parte dos países presumidos
gramas de compra
didáticos, lit
mundo e do reducionismo arbitrário que
transporta consigo são hoje reconhecidos,
mas as medidas propostas para
tem ainda uma
uma riqueza e diversidade
espelha sua cultura, num diálogo
intermitente entre homens, animais
tas e minerais. Um detalhe curioso é qu
muitas regiões a diversidade cultural es
estritamente relacionada à questão am
biental. Quanto maior a riqueza de manifes-
tações culturais maior a resistência cor
a monocultura agrícola. As regiões
agronegócio ocupa grandes extr
mero de grupos e manifest
terra, seja soja, eucalipto o
implica em menor resi
desertificação e da d
Por isso a impo
nifestações de
mais tar
stante evoluída
tralmente pintaria em sons o
si mesmo e os que criticavam
poema tonal autobiográfico "
- Decorreram cerca de 40 an
kovich, sob implícita ameaça
regime stalinista, abandonar
já completa 4ª sinfonia, pois
conservadora
extraordinário da sua
Precisamos investir
registrar
preciso
e criar as
de fato uma
a maior diversidade biológica e
do país.

S T Q Q S S D

__/__/__

Depois de muito trabalho e pesquisa no processo de "Amores Ordinários", em determinado momento ela percebeu uma estagnação. Por motivos pessoais e artísticos, desde agosto de 2019, ela não conseguiu levar adiante o espetáculo/pesquisa a ponto de ser apresentado para o público.

Entendeu e aceitou, depois de muito pensar, que ele teria continuidade em outro momento, não mais na trajetória de seu mestrado. (*)

Acontece que, paralelamente ao "Amores Ordinários", ainda em 2018, ela havia começado outro processo: a criação de uma caixa de teatro Lambe Lambe. Seu tema era, também, amor entre mulheres e a linguagem escolhida era com teatro de bonecas. A caixa passou a chamar-se "Julia e Carla. Carla e Julia - uma breve história de amor em teatro lambe lambe".

Ao longo das viagens e apresentações com o lambe lambe, juntamente com o início da estagnação de "Amores Ordinários", ela percebeu que as questões pessoais e artísticas que a fizeram ingressar no mestrado estavam sendo "respondidas" com o processo de construção e circulação da caixa lambe lambe.

Obviamente não eram respostas exatas, mas reflexões e retornos a partir das recepções de diferentes públicos, estavam movendo seu ser artístico, poético, teatral e homossexual.

Percebeu, enfim, que o que pretendia com sua proposta inicial, "Amores Ordinários", estava →

spiral

__/__/__

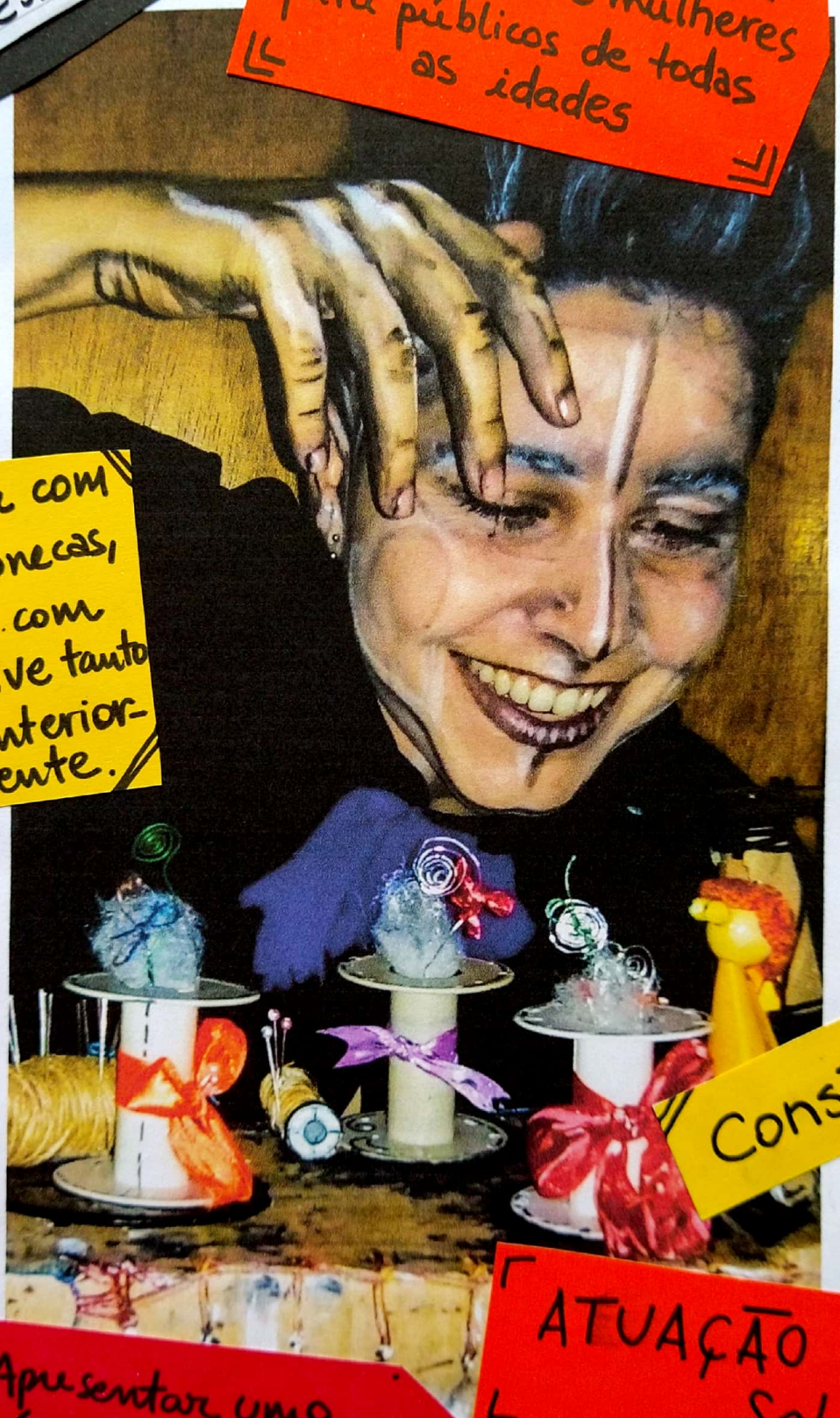
S T Q Q S S D

Conseguindo realizar com outro processo, "Julia e Carla":

CIRCULAÇÃO COM O ESPETÁCULO

CRIAÇÃO

Apresentar história de amor entre mulheres para públicos de todas as idades



Trabalhar com teatro de bonecas, linguagem com que não tive tanto contato anteriormente.

Construção

ATUAÇÃO SOLO

Apresentar uma História com referências felizes e esperançosas para romance lésbico, não só trágicas e fatalistas.

CRIAÇÃO DRAMATÚRGICA

CAPÍTULO DOIS

Escolhas Visuais: escolhas e encontros costurando uma caixa de bordados...

Aqui estão esmiuçadas as construções sobre visual, dramaturgia e cada elemento da caixa: da razão à intuição (e vice versa).

PAREIDOLIA

É UM Fenômeno psicológico que envolve um estímulo vago e aleatório, geralmente uma imagem ou som, sendo percebido como algo distinto e com significado.

by Wikipedia

Amo a vida a cada segundo
Pois para viver eu transformei meu mundo
Abro feliz o peito, é meu direito!

Angela Ro Ro
"Compasso" (2006)



S T Q Q S S D

__/__/__

Um mestrado tem duração de dois anos. Durante o primeiro ano, nós cumprimos disciplinas obrigatórias e optativas - que variam conforme a oferta de cada instituição. Na UFU, as minhas foram as seguintes:

1° semestre 2018:

→ Pesquisa em Artes Cênicas I

→ Tópicos Especiais em Estudos da Cena Brasileira

2° semestre 2018:

→ Criação e composição: percursos poético/teóricos e pedagogias

→ Tópicos Especiais em Performance

A partir do 2° semestre de 2018 passei a frequentar o Grupo de Pesquisa em Teatro de Animação, coordenado pelo Prof. Dr. Mario Piragibe. Eu já conhecia ele e boa parte de seus integrantes, visto que já havíamos nos encontrado, alguns anos atrás, numa das edições do FIS - Festival Internacional de Teatro de Sombras de Taubaté (SP).

Foi, inclusive, por meio do apoio de integrantes do grupo que me auxiliaram com moradia, que pude realizar o processo seletivo para a pós em 2017 e depois procurar casa para me estabelecer na cidade, depois de já aprovada.

Na época, em 2018, o Grupo estava com o projeto "Cabaret Animado", que consistia na apresentação de esquetes que cada atriz/ator estava desenvolvendo. Eu, que havia entrado recentemente, não tinha nada além de devaneios criativos.

Como a proposta era apresentar em bares, restau- →

spiral®

rantes e feiras, para alcançar diferentes públicos, comecei a perceber que as ideias de cenas que eu tinha não se encaixavam nesse contexto.

Pois bem, o que sempre acontece em bares? - Comecei a refletir...

Reunião de amigos, comida, bebida, olhares e... flertes! Por que não fazer uma esquete sobre um flerte num bar? E por que não ser um flerte entre duas mulheres?

Eu tinha uma caixa de sapato em casa, fiz uns protótipos de mesas e cadeiras - todas em escala reduzida, visto que a caixa de sapato teria que abarcar o cenário inteiro.

Levei a ideia para o grupo e lembro que Rafael Michaelichen comentou que a cena, que seria apresentada de mesa em mesa de bares, restaurantes, feiras, e por acontecer toda em uma caixa de sapatos, lembrava as caixas de teatro Lambe-Lambe.

Eu nem tinha pensado sobre isso, mas a partir daquela observação, comecei a considerar. Acredito que no mesmo dia fui até uma pequena loja de aviamentos e bijuterias situada ao lado da república onde eu morava.

Não lembro bem o porquê, mas havia decidido que o material utilizado na construção da caixa seria todo em aviamentos. Cheguei na loja, cumprimentei a dona da loja (que em pouco tempo tornou-se cúmplice de minha jornada criativa) e comecei a observar.

Olhava o conteúdo de cada pote, em busca de alguma coisa que pudesse ser utilizada. Das bolinhas de madeira, vi cabeças. Da folha verde e da flor →

laranja, feitas em crochê, vi cabelos. De pétalas de couro, vi possíveis vestidos, que tornaram-se os corpos das personagens. Dos rolos de linha vazios, parecidos com carretéis, vi as mesas do bar. De algumas peças de metal, vi um violão que poderia ser uma das personagens - Sim! Uma delas poderia ser a cantora e a outra, uma cliente do bar que se apaixona por ela!

Voilá! Surgiu ali a trama de amor.

No outro dia de encontro do Grupo, Thaísa (catadora de objetos e caixas sem utilidade imediata, mas com potencial teatral) aparece com uma caixa de morangos de papelão.

As ditas frutas já estavam nas prateleiras de algum sacolão, mas a caixa, antes na rua, agora estava ali, perfeita - limpa e intacta - para que eu pudesse criar.

Abandonei a primeira caixa, a de sapatos, e comecei a pensar nas cenas, nas proporções, distâncias de luz, da posição do público, tudo em função da forma da caixa de morangos. Meu destino após esse "achado"? A loja de aviamentos perto de casa.

Dessa vez minha busca era por linhas e agulhas. A caixa de papelão seria customizada para que assumisse a impressão de ser uma "caixa de aviamentos", toda costurada. Dessa forma conseguiria uma unidade visual que poderia fortalecer meu argumento dramatúrgico.

Se não me engano, nesse momento eu já estava com o seguinte enredo em mente: uma personagem se apaixona pela outra à primeira vista e daí apareceriam cenas do que poderia acontecer com as duas →

spiral®

caso o primeiro encontro se torna-se segundo, terceiro...

Um encontro de amor com todas as coisas boas. As partes "ruins" eu deixei de fora mesmo. O tempo de cena que eu teria era curto e as histórias de amor entre mulheres sempre vêm com muitos conflitos e finais trágicos. Eu decidi fazer uma história de amor "água com açúcar", fofa e de arrancar suspiros. E entre duas mulheres.

As relações precisam ser naturalizadas, amor não pode ser sinônimo de final feliz para alguns e sofrimento ou violência para outros. Decidi pela essa história por representar o que acredito enquanto atriz. Enquanto possibilidade de empatia com públicos de diferentes realidades e por acreditar que nós, mulheres que amam e se relacionam eroticamente com outras mulheres, merecemos uma "folga", nem que seja por cinco minutos, para vermos uma história de amor lésbica com final feliz e sem dor de cabeça.

No primeiro ano de mestrado, muito atravessada pelas aulas e debates, fiquei extremamente focada em leituras sobre questões lésbicas, principalmente em autoras com militância nas décadas de 1970/1980, como a escritora caribenha Audre Lorde.

Além de autoras/es discutidos em aula, como Boaventura Santos e a perspectiva de epistemologias pós-abissais.

Foi um ano que fiquei tão focada na parte teórica que no momento que decidi criar o Lambe-Lambe, me permiti criar muito intuitivamente. Não haveria "certo e errado" e a forma como eu identificaria que meus argumentos cênicos esta-

vam funcionando ou não seria no contato direto com o público, no tête-a-tête.

Afinal é isso que me alimenta no teatro, é o tête-a-tête, é o olho no olho. O ao vivo, a cores, a dores, risos e muito suor! (Quem já se apresentou na rua, embaixo de sol, ou mesmo em palcos, com vários refletores em cima da cabeça, no meio da cara, há de concordar comigo).

Esse processo de criação de "Julia e Carla. Carla e Julia", saiu da minha mente e chegou a público. Foi para fora, expandiu-me. Foi para as ruas, tornou espaço de minhas reflexões, teatrais e existenciais, e tornou-se eixo central deste memorial artístico.

spiral®

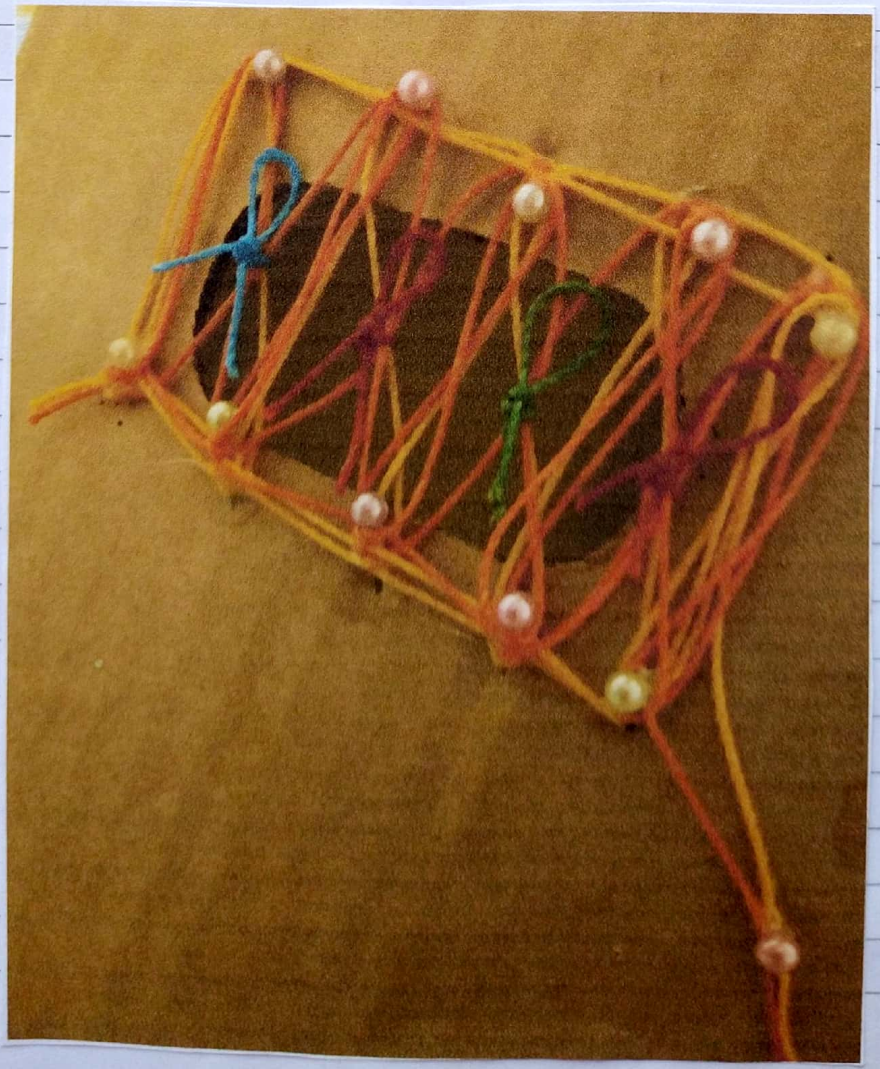
S T Q Q S S D

__/__/__

Registros do processo de construção

* 2018 *



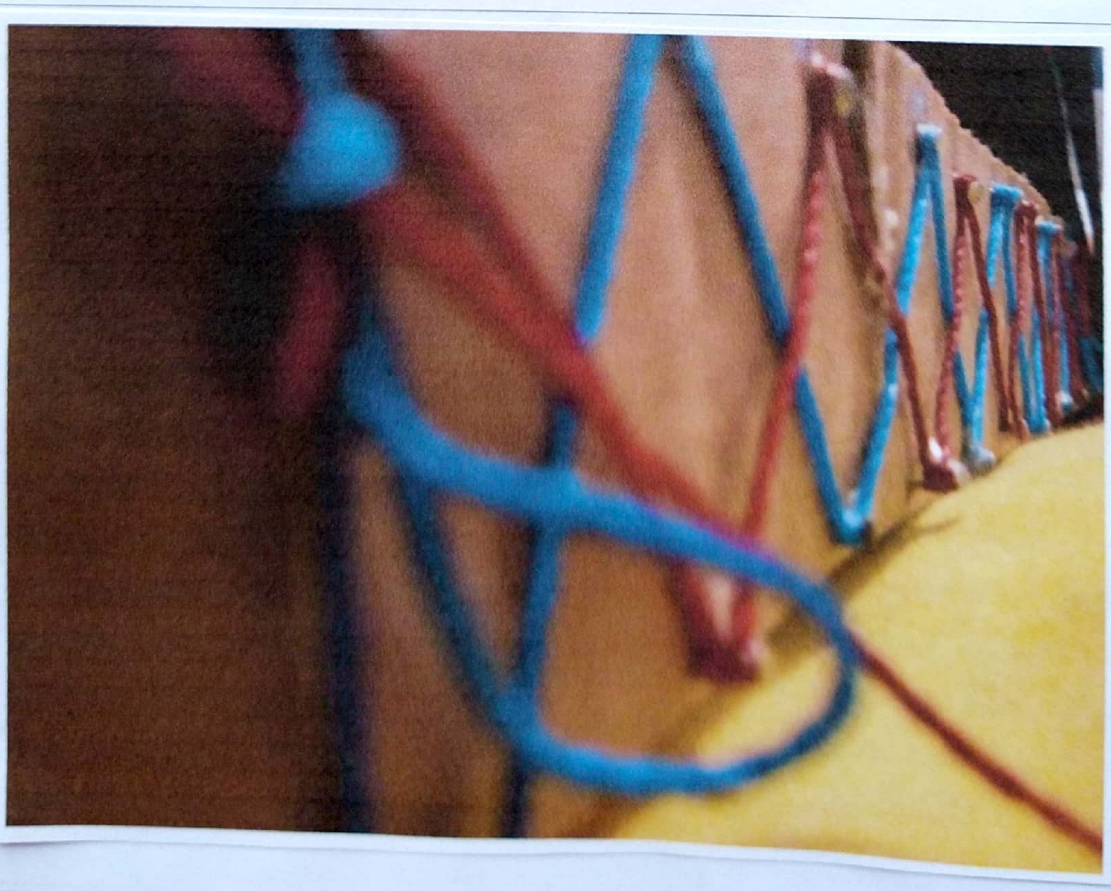


spiral®

__/__/__

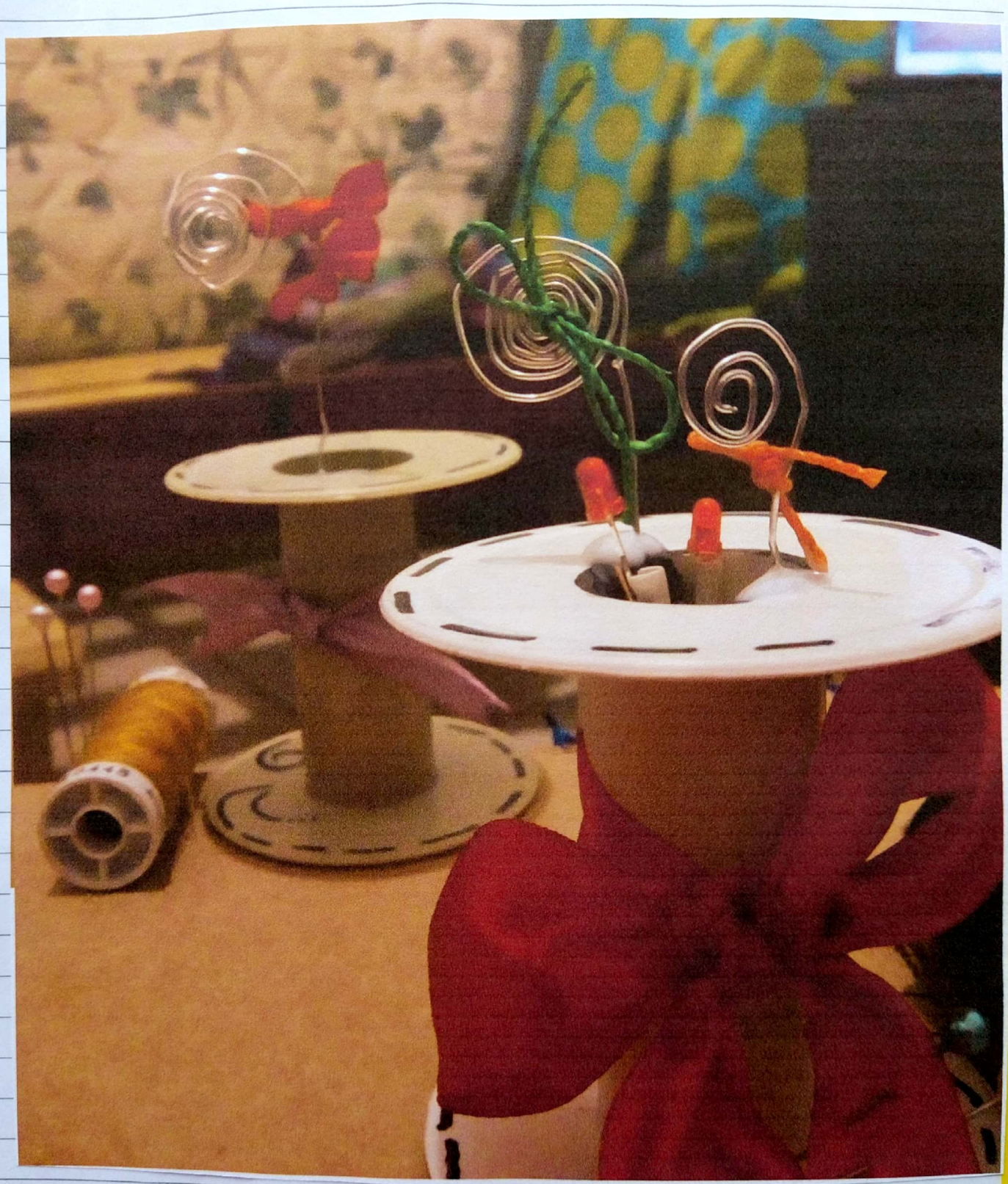
S T Q Q S S D





S T Q Q S S D

__/__/__



spiral®

__/__/__

S T Q Q S S D





spiral®

S T Q Q S S D

__/__/__



spirab

__/__/__

S T Q Q S S D



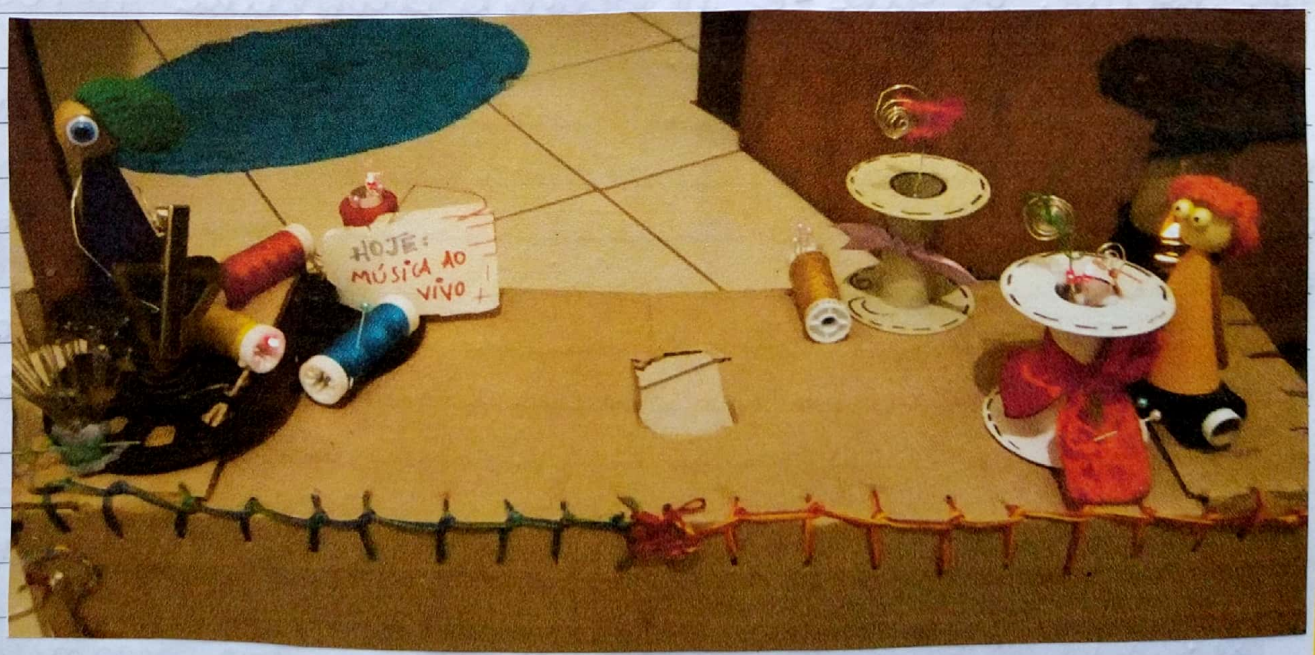
spiral®

S T Q Q S S D

__/__/__

TESTES COM ILUMINAÇÃO





spiral®

__/__/__ S T Q Q S S D

A concepção da iluminação do espetáculo passou por algumas etapas. Algumas escolhas, que levaram à configuração atual fugiram da minha memória e não encontraram o caminho de volta.

Nas fotos da página anterior vimos os únicos registros que consegui realizar quanto aos testes de iluminação. A câmera do meu celular não consegue captar com qualidade as lâmpadas de LED de baixa voltagem.

Essas fotos registram o circuito em série que montei para a iluminação do bar. Comprei baterias e um interruptor, além dos fios, numa loja de alarmes. As luzes de LED ganhei todas do Mario Piragibe (azul, verde, amarela e branca amarelada).

Que eu lembre, desisti de usar o circuito (que levei o dia todo montando) devido à dificuldade de manipulação (ligar e desligar as luzes), além do fato de soltar os fios - e nenhuma lâmpada acender - com muita facilidade.

Decidi, por fim, deixar uma luz fixa na mesa em que Carla e Júlia sentam (é só encaixar lâmpada e bateria, ligação direta) para dar foco ao encontro e mantê-las com luz própria dentro da caixa.

Quanto ao restante do desenho de luz, é feito com uma lâmpada de LED ligada a uma bateria e encaixada no meu dedo indicador esquerdo.

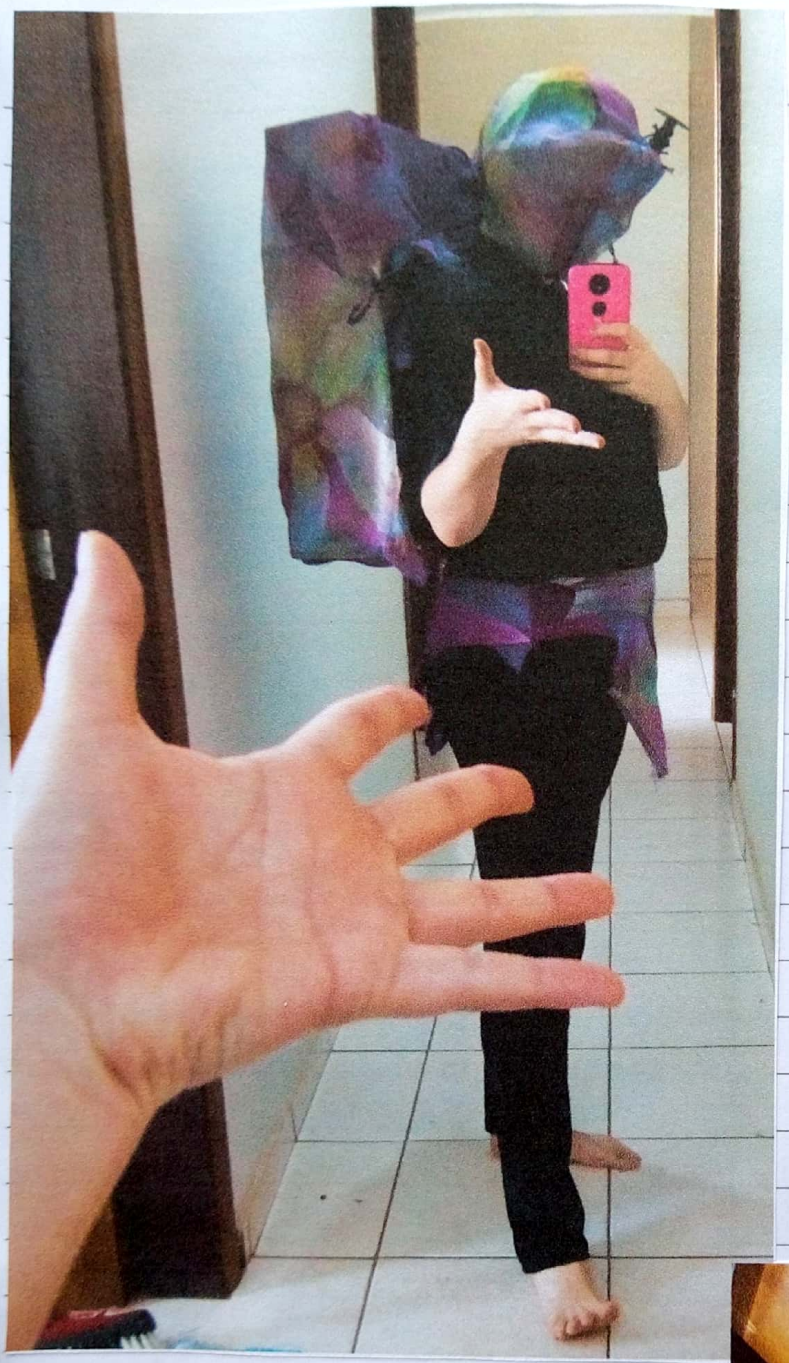
Direciono o foco da história e de cada personagem com o caminho que essa luz faz, literalmente com a ponta da mão.

Minha personagem constrói a caixa manualmente e desenha a trama com fios de luz, que vão e vem, guiando o público de fora para dentro da caixa.

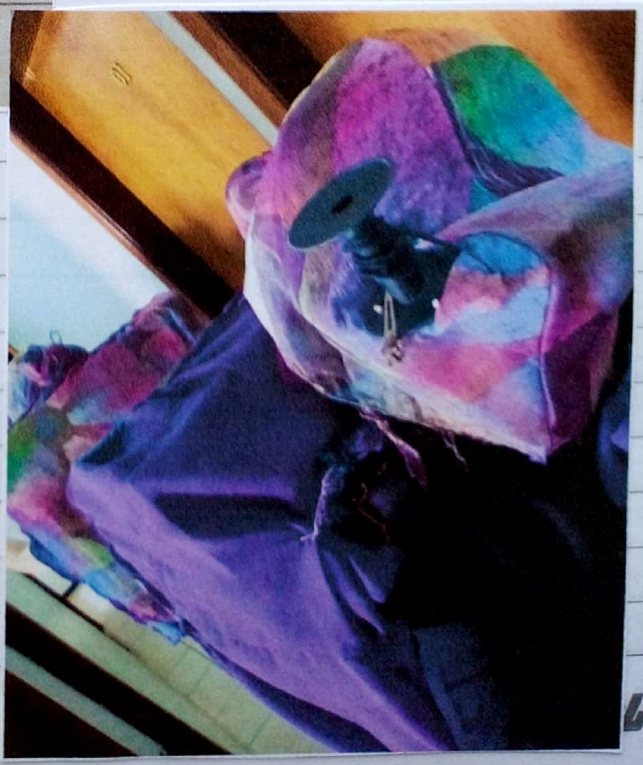
spiral®

S T Q Q S S D

__/__/__

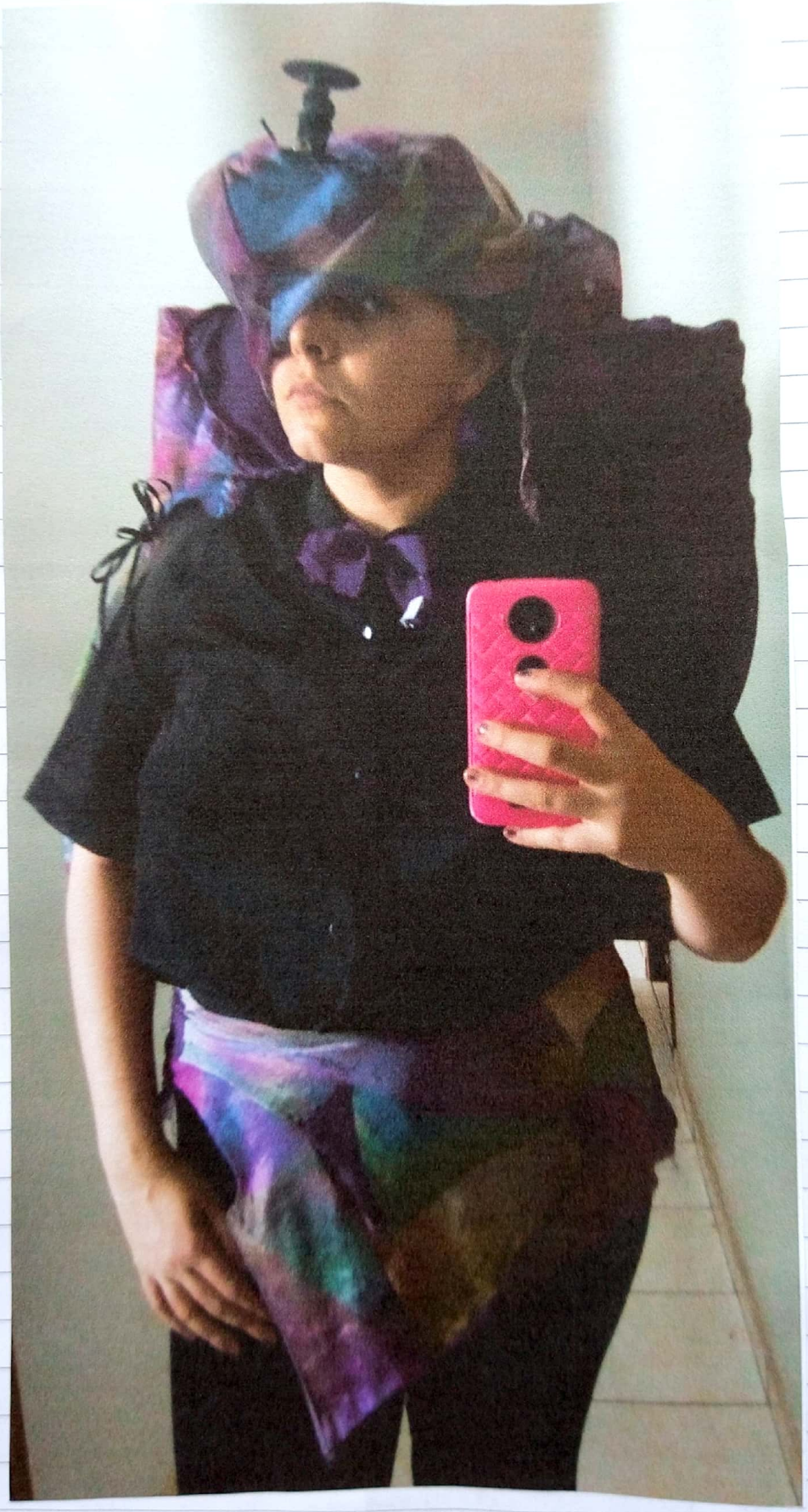


TESTES DE FIGURINO



__/__/__

S T Q Q S S D



spiral®

S T Q Q S S D

__/__/__

Todas as peças do figurino e dos tecidos que compõem a caixa foram comprados em brechó ou, em sua maior parte, doados por amigos/as e conhecidos que queriam contribuir com a construção da caixa.

Resolvi por como base, uma calça e camisa pretas para poder compor com a caixa sem chamar tanta atenção para mim durante a cena. Queria fugir de certos elementos de feminilidade também, para sugerir, ainda que muito sutilmente, outros tipos de representação para mulheres além de vestidos e batom que são facilmente associados a nós. A gravata surgiu como toque final de uma roupa mais social, mas super confortável e útil na atuação.

Nas fotos anteriores testei configurações com o tecido roxo (que era um vestido de brechó que desmontei todo). Elas ficaram interessantes. O pano roxo compunha a caixa e a minha roupa, procurando uma unidade. Todavia minha figura ficou muito misteriosa, fechada, emanando uma atmosfera de suspense, que é bem diferente do que a história propõe.

Imaginei que isso iria afastar o público da história, ou mesmo fazê-lo criar uma expectativa muito diferente do que eu iria apresentar.

Atualmente meu figurino mantém a base social preta, com customização de pontos e bordados e o único elemento roxo, que dialoga com os tecidos roxos na caixa é minha gravata.

Braços são totalmente cobertos e minhas mãos são pintadas em preto e branco, como resquícios da construção da caixa. Uma referência ao que realmente acontecia a cada dia do processo criativo.

spiral®

__/__/__

S T Q Q S S D

Ao lado temos o calçado como veio à mim, de presente do Matheus, um dos queridos amigos que fiz em Uberlândia.

Consegui customizar com tinta de tecido e fitas, mesmos materiais com que fiz a maioria dos detalhes da caixa. Mesmo após as viagens e as apresentações, eles continuam em bom estado.

Uma curiosidade: o solado é quebrado, de tão gasto que está. Como é muito escorregadio, dependendo de onde ando, ele derrapa, colei o buraco com lixa, buscando evitar quedas e a entrada de água dentro dele.



spiral®

S T Q Q S S D

__/__/__



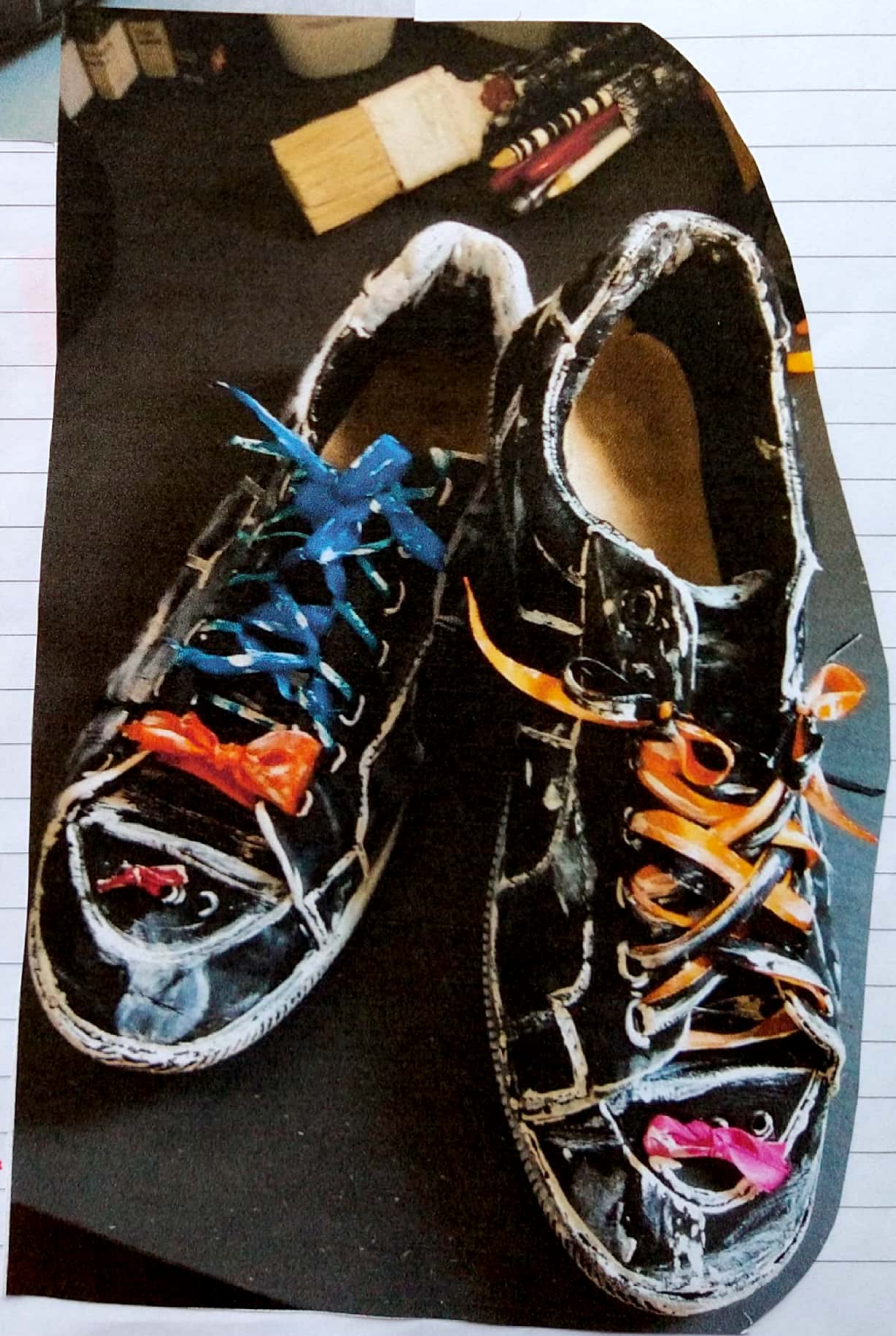
→ Aqui já enxergava suas cores e linhas...



__/__/__

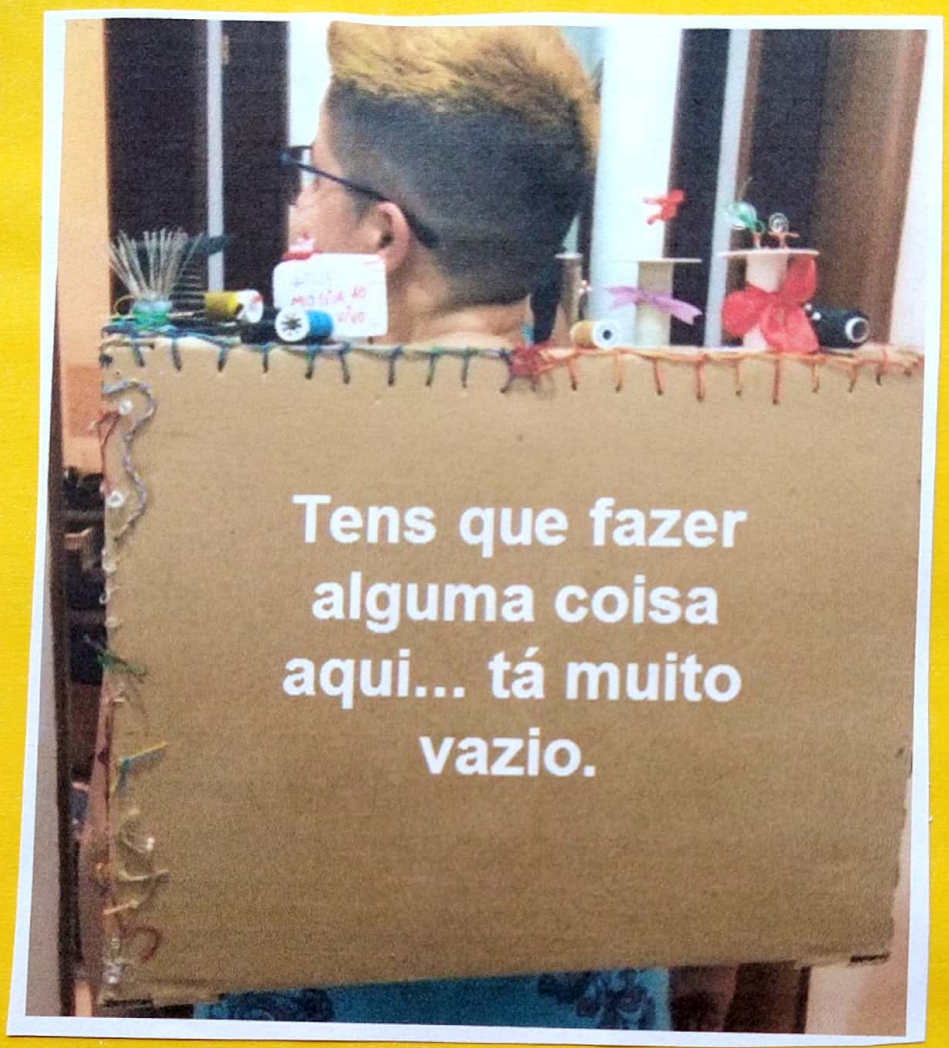
S T Q Q S S D





Customização Finalizada!

spiral®



Este é um dos retornos que minha mãe fez, de acordo com cada foto da construção da caixa que fui enviando a ela por cerca de três meses (agosto a outubro de 2018).

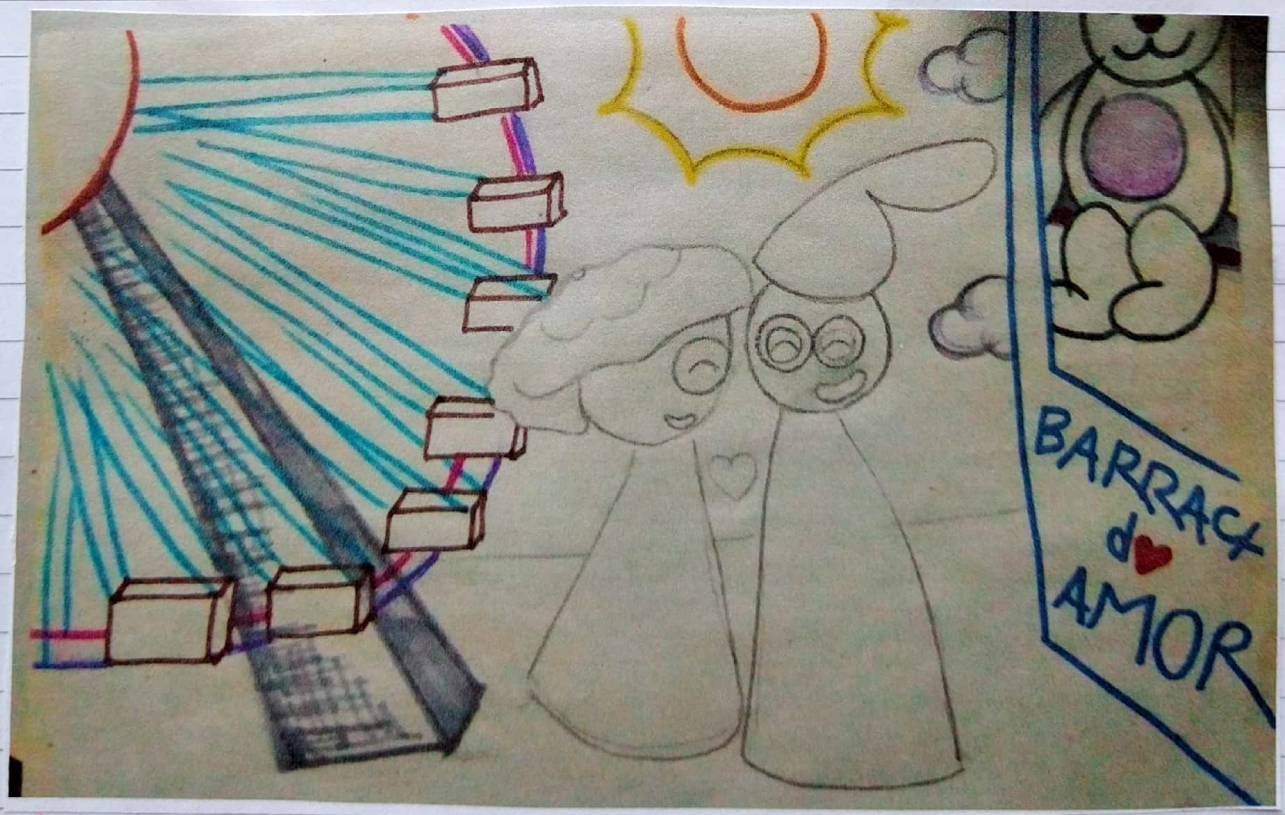
PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DAS "FOTOS BORDADAS"

As "fotos bordadas" são imagens que aparecem dentro da caixa, quando Julia e Carla estão juntas e atrás delas aparecem essas imagens, do que pode acontecer desse primeiro encontro. Ou será que já aconteceu?!

S T Q Q S S D

__/__/__



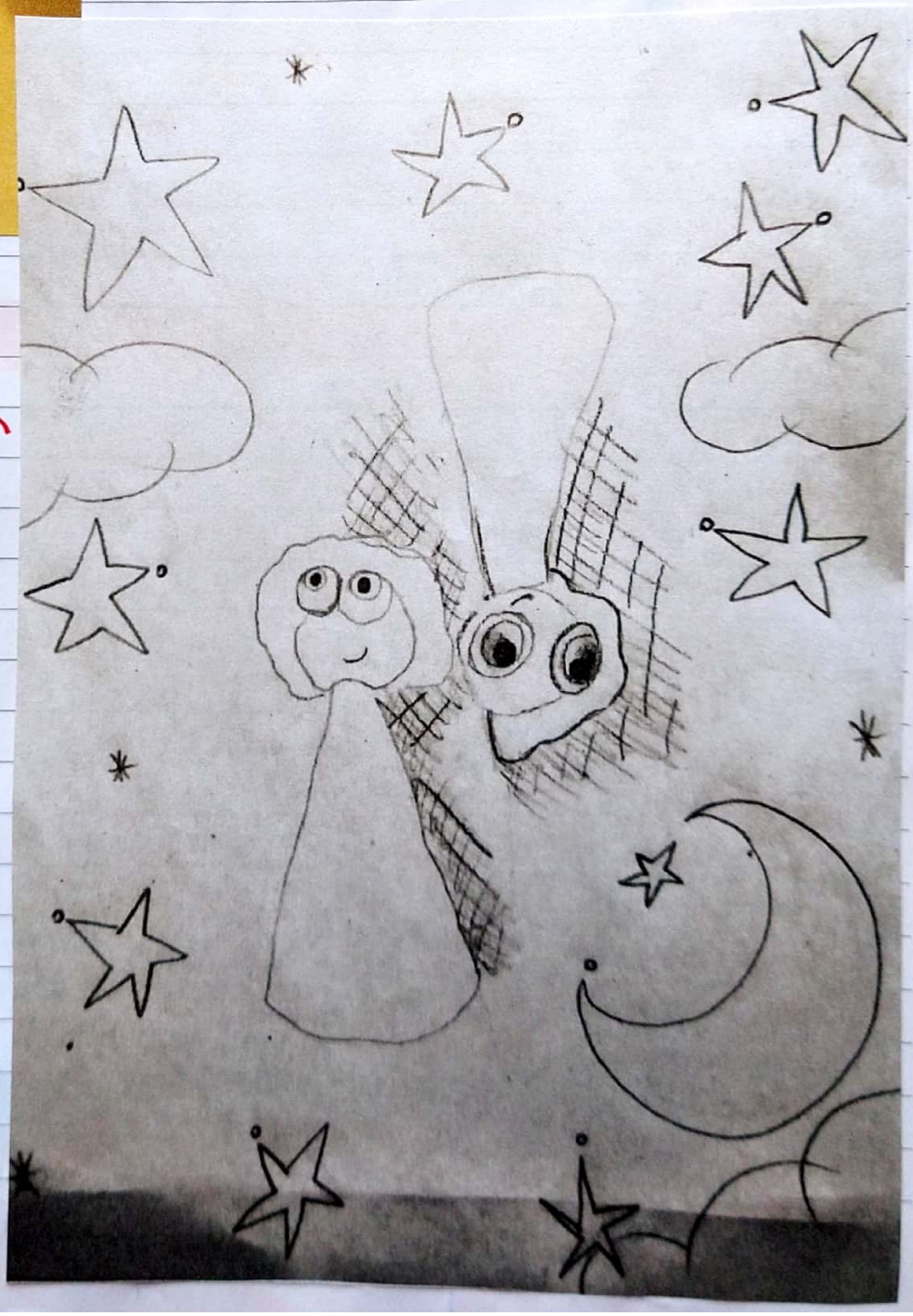


Num parque de diversões ♥ Acabou não entrando no espetáculo final. Mas amo suas expressões nessa foto.

spiral®

S T Q Q S S D





Deitadas na grama, vendo o céu estrelado...

spiral®

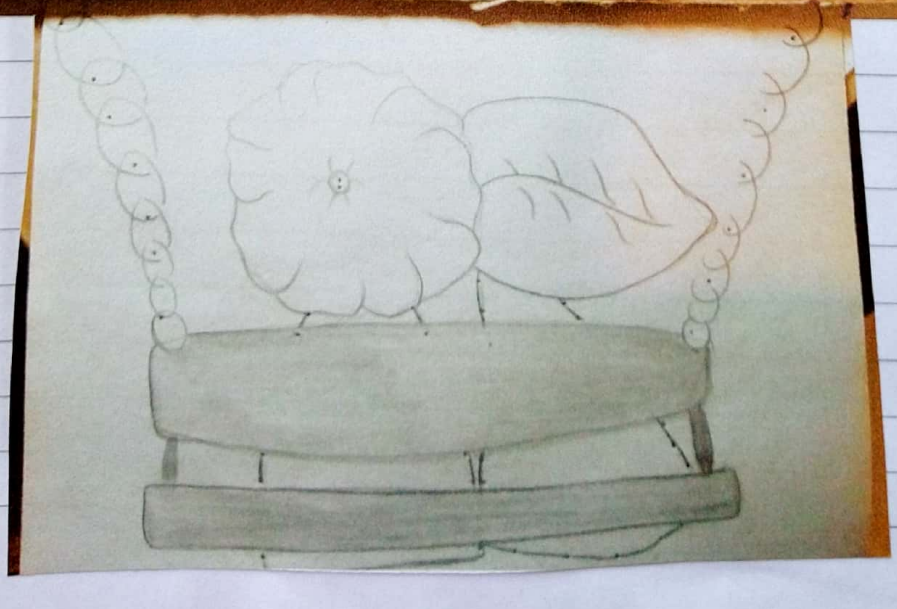
S T Q Q S S D

__/__/__



Assistindo o pôr do Sol num balanço...



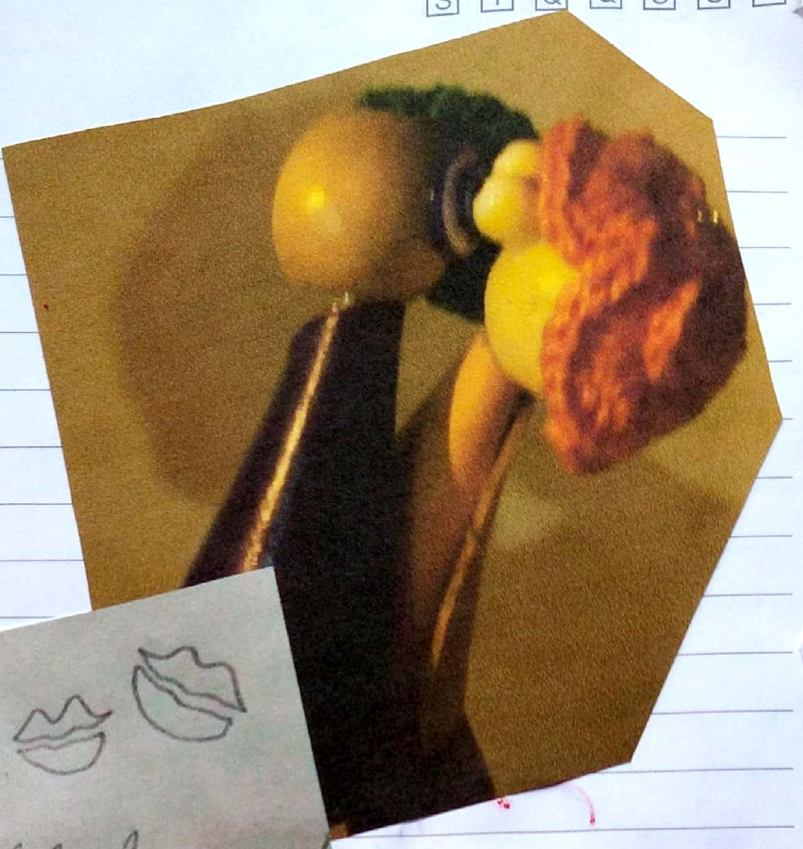


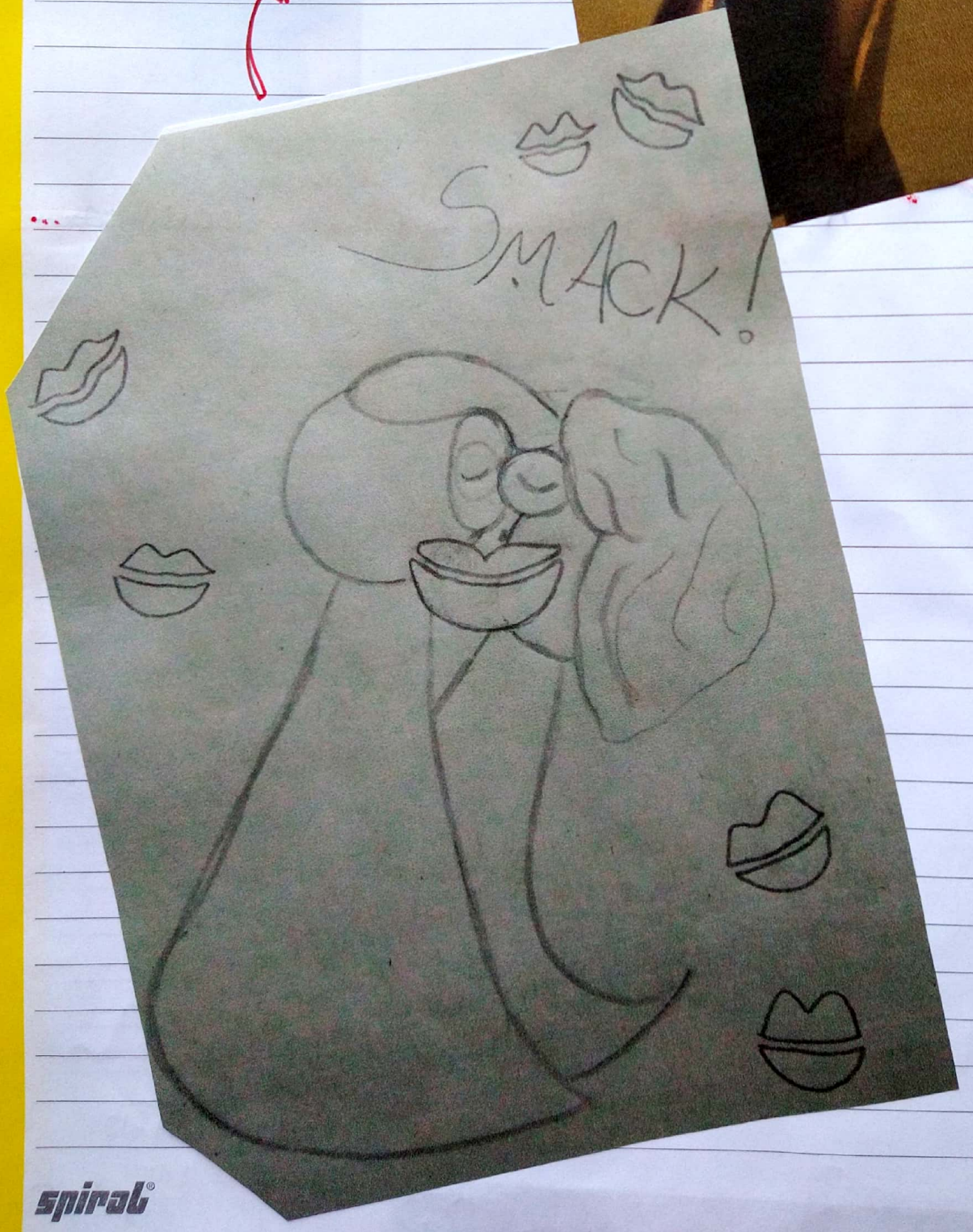
spiral®

__/__/__

S T Q Q S S D

O beijo!
(O ápice e também a cena final)





spiral®

S T Q Q S S D

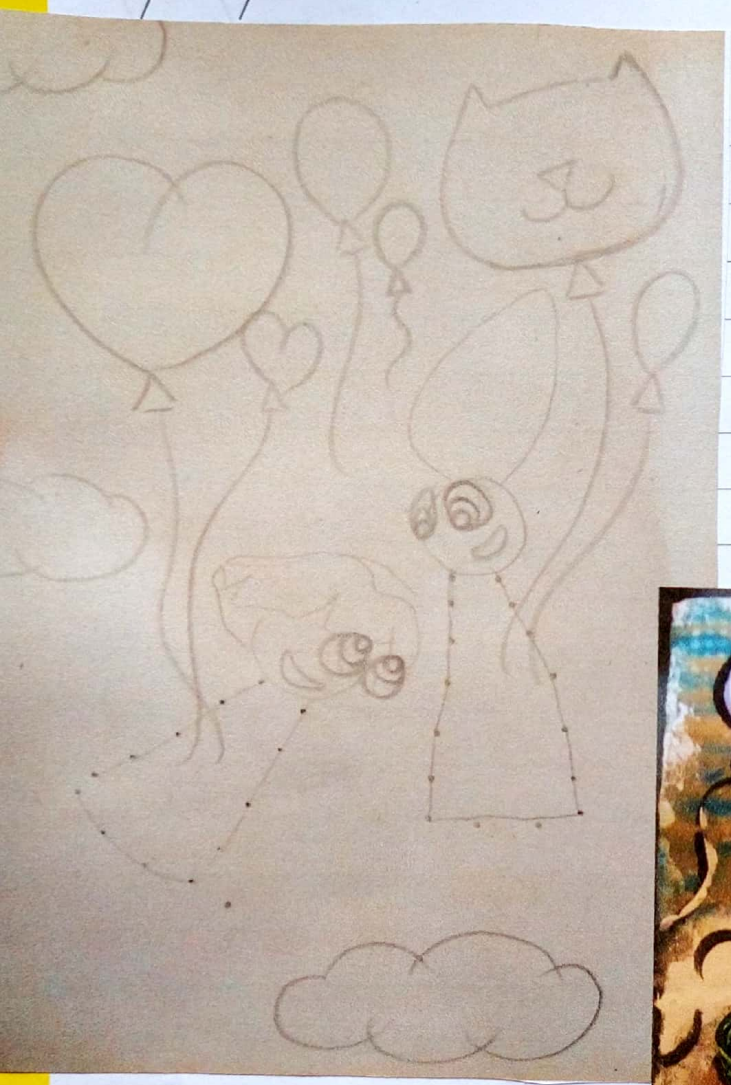
__/__/__



spiral

/ /

S T Q Q S S D



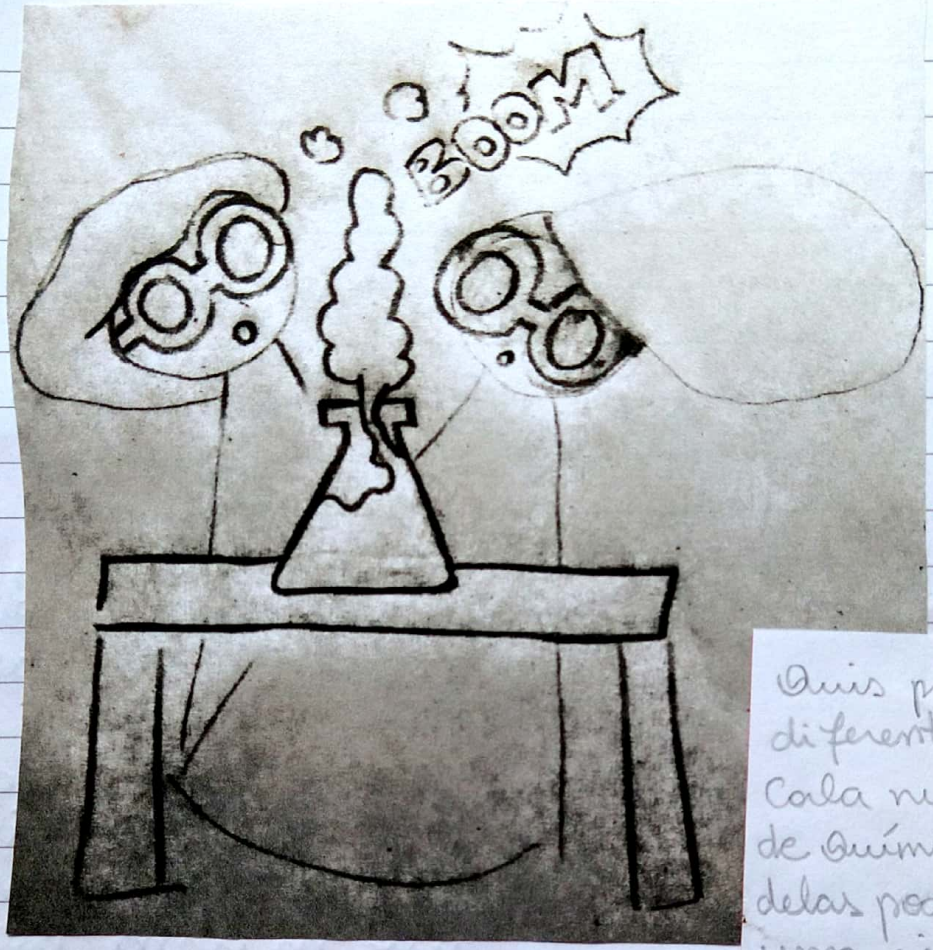


Flutuando...
Na leveza de
estar com
quem se ama...

spiral®

Imagens que não entraram no espetáculo final

__/__/__



...

Quis propor algo diferente: Júlia é cala numa aula de Química. Qual delas poderia ser uma cientista?!



↳ experimento de posição para criar uma cena em desenho

spiral®



Dormindo juntas...

Amei os detalhes da janela, com o céu da noite aparecendo, mas a imagem delas na cama não ficou tão legível e não dá força pra história. Decidi não utilizar no espetáculo final...





spiral®

CAPÍTULO TR3S

Recepções: expectativas vs. realidade
Quais os elementos de uma história que tocam o/a espectador/a?

Teatro só existe com o outro. É sobre coda conversa, reflexões e perguntas sem resposta que surgiram nas apresentações realizadas em MG, SC e BA que este capítulo vai aventurar-se...

fui beber água
↗ e... pinguei!

Amor, meu grande amor
Só dure o tempo que mereça
E quando me quiser
Que seja de qualquer maneira

Enquanto me tiver
Que eu seja a última e
a primeira
E quando eu te encontrar
Meu grande amor,
me reconheça.

Angela RoRo
"Amor, meu grande amor"
(1996)

E na rádio toca
É PRECISO SABER VIVEEER
tô aprendendo

estamos!
Tu virando mulher adulta independente e eu tentando deixar de pensar que tenho uma filha de 15 anos
difícil viu

Eu tento não dar muito trabalho pra mãe
Mas um dia eu chego lá

O trabalho sou eu que acrescento tu vives, e eu acrescento o trabalho na minha mente hauhauahauhua

Eu e Minha Mãe
pelo Whatsapp em nov/2019

Este processo de mudança nunca a minha passagem para a vida adulta, definitivamente.

S T Q Q S S D

__/__/__

JULIA E CARLA. CARLA E JULIA
UM BREVE ENCONTRO DE AMOR EM TEATRO LAMBE LAMBE

Apresentações & Reflexões em

Uberlândia / MG

Uberaba / MG

+

Florianópolis / SC

Salvador / BA

?

spiral®

S T Q Q S S D

__/__/__

Quando eu comecei a construir a caixa, já sabia que a narrativa seria entre duas bonecas, uma narrativa lésbica. Sabia também que minha abordagem seria muito amorosa, com delicadeza.

Eu sempre quis, através desse trabalho, provocar empatia com quem estivesse assistindo, independentemente de quem fosse. Tanto que a caixa é de classificação etária livre.

No entanto, devido ao histórico de violência gratuita contra pessoas e narrativas LGBTQ+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Travestis, Queer e demais identidades de gênero e sexualidades dissidentes), também sempre tive medo.

Medo de que as pessoas não quisessem assistir, medo de que, no meio da apresentação, saíssem com raiva, medo até de destruírem minha caixa. Em outubro de 2018, época em que estreei, era período das eleições, onde o atual presidente do Brasil, abertamente conservador e, dentre outras características reprováveis, racista, homofóbico e misógino.

Havia um clima de "permissão" nas ruas para que se demonstrasse seus discursos de ódio. Alguns amigos meus foram assediados por homens que passavam de carro e os xingaram por aparentarem-e serem - homossexuais.

Em 2020, uma amiga, aqui em Belo Horizonte/MG, lésbica, que não performa feminilidade, quase foi atropelada por um motoqueiro que gritou "Sai da frente sua sapatão, tem que morrer!"

Ora, se nossas existências já incomodam, que dirá espetáculos, obras artísticas que tratem de nossas existências. Sejam de situações boas ou mesmo ruins.

Eis que estreei e fui para a rua.

spiral®

__/__/__

S T Q Q S S D

A primeira vez que "Julia e Cala. Cala e Julia" veio a público foi no Cabaret Animado. Evento organizado pelo Grupo de Pesquisa em Teatro de Animação da UFU - do qual fazia parte na época. Nele, cada integrante apresentou uma esquete em que estava trabalhando.

O Cabaret aconteceu dentro do "Vem pra UFU!", evento onde várias turmas de ensino médio visitavam a Universidade Federal de Uberlândia para conhecer sua estrutura física e os cursos. Em sua maioria eram adolescentes.

Apresentamos uma sessão de manhã e outra a tarde. Na parte da manhã, o plug que conectaria os dois fones (meu e da espectadora) ao celular com a trilha sonora estragou, ou melhor, não funcionava de jeito nenhum. O que fiz?

Deixei quem esperava na fila a fastada de onde eu apresentava e coloquei a trilha no viva voz. Assim ambas ouvíamos, acompanhávamos a história e quem esperava não perdia a "surpresa" da trilha.

No intervalo pro almoço, comprei o plug conector e funciona até hoje. Mas e o público?

Bom, a recepção foi muito bacana. Em geral o pessoal gostou bastante e, para muitos, era a primeira vez que assistiam a um lambe-lambe. Junto com a história, teve um primeiro contato com a linguagem.

Nessa primeira sessão, foi praticamente num lugar aberto, extremamente iluminado. Foi no final de um corredor entre duas salas do curso de música. Com aulas acontecendo. Ou seja, não havia controle de luz externa e nem de som. Além do fato de que tive que apresentar sem os fones.

spiral®

S T Q Q S S D

__/__/__

Na segunda sessão, à tarde, ~~foi~~ numa das salas de apresentações teatrais do Bloco de Artes Cênicas da UFU, a experiência foi um tanto diferente.

Por estar chovendo, fizemos em espaço fechado e consequentemente havia muito mais controle de luz e sons externos à caixa.

Uma amiga muito querida do mestrado pode assistir, além de crianças, adolescentes e adultos. Houve o esquema da fila e dessa vez, ela não acabava. Eu também não conseguia dizer não e acredito que a adrenalina do 1° dia de estreia me ajudou a ficar mais tempo apresentando sem o cansaço afetar tanto.

Até Mário Piragibe, professor coordenador do Grupo de Pesquisa e orientador deste trabalho de mestrado, foi ~~[illegible]~~ ver como eu estava, pois já passava muito tempo que estava apresentando.

Fiquei muito feliz com os retornos e ganhei gás pra seguir em frente com o espetáculo. Percebo que muitas vezes, trabalhando muito tempo sozinha, acabamos perdendo a razão do porquê estamos construindo aquilo, se tem "validade" ou se outras pessoas vão gostar.

É no contato com o público que temos uma dimensão bem melhor do que nossa obra pode provocar nos outros e, também, em nós mesmas. Teatro só existe com a presença, o olhar do outro, e a cada contato, com cada pessoa, tenho mais certeza disso.

Acredito que são esses encontros que continuam me fazendo seguir adiante no teatro, mesmo em meio à instabilidade e a incertezas constantes.

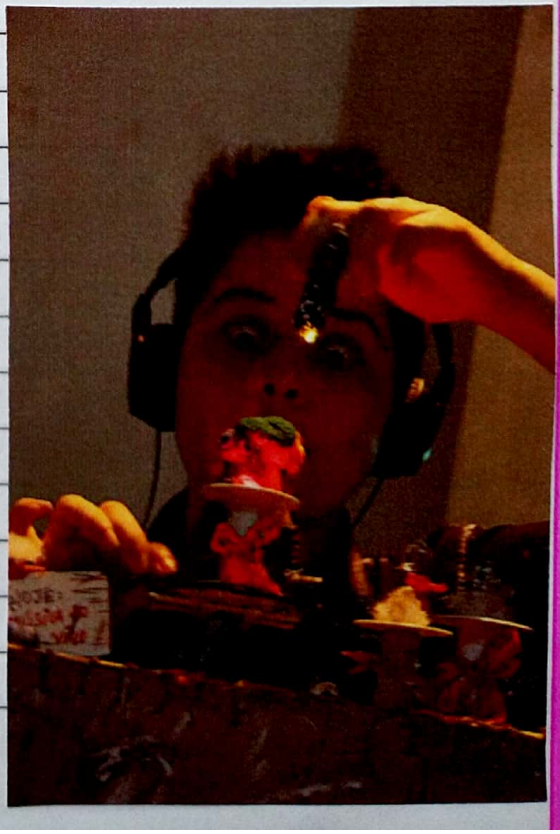
spiral®

S T Q Q S S D

Evento: CENA ANIMADA UFU
Data: OUTUBRO DE 2018
Local: UFU – Universidade Federal de Uberlândia (MG)
Bloco de Artes Cênicas

ENSAIOS



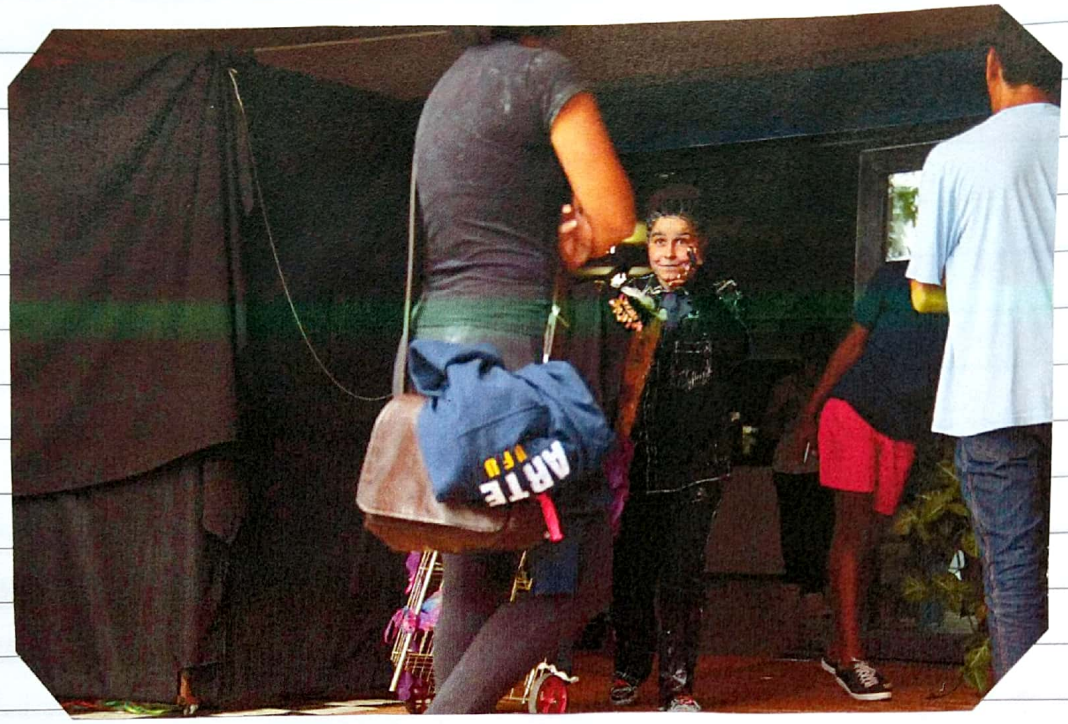


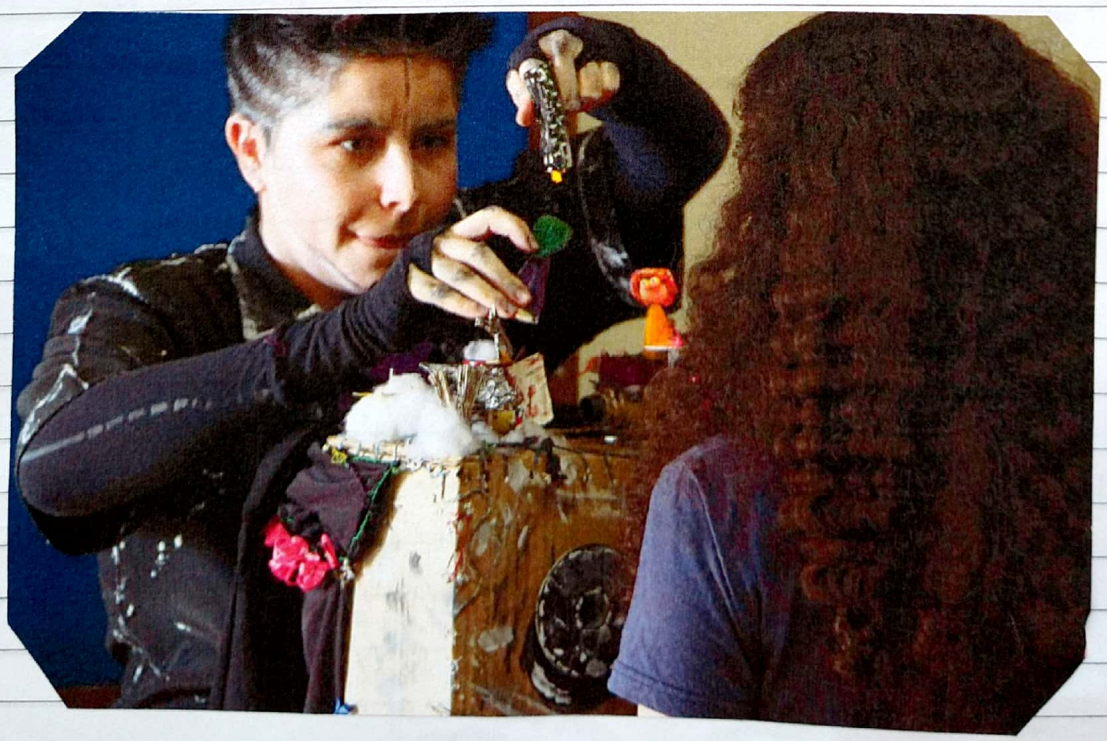
Fotos por Célio Ávila e Luciano Paccioni

__/__/__

S T Q Q S S D

APRESENTAÇÕES





spiral®

S T Q Q S S D

__/__/__

Fotos por Lêda Maira Batista

__/__/__

S T Q Q S S D

"A experiência vivida e sentida ao ver a montagem "Julia e Caula" foi de deixar os olhos cheio d'água. Era muito pouco tempo e espaço pra tanta poesia. A dança que aconteceu entre a Julia e a Caula, o labirinto que se transformou aquela caixa. Não sabia onde olhar e o que olhar, ao mesmo tempo que meus olhos queriam ver tudo. Foi incrível, que a vida nos permita ver poesias como esta sempre."

Keila Sírio Campaneli

atriz, diretora e pesquisadora

[assistiu a 2ª sessão de apresentações]

spiral®

Eu lembro de ter assistido logo no início do seu trabalho, a pré estreia, na sala de interpretação, não lembro bem a data, e acho que também assisti outras vezes, mas não lembro se foi no Bloco 3M [UFU/Uberlândia] ou se foi no Festival em Florianópolis [3° PRO-VOCAÇÃO/SC].

Minha impressão mais forte ficou na pré estreia. Acho que foi a primeira vez que vi um lambe, ou uma das primeiras vezes.

Pra mim já é uma coisa mágica olhar todo um universo paralelo, apenas por um buraquinho. Você criou para nós públicos um ambiente escuro (misterioso), mas aconchegante pelo encontro amoroso. O feerte trouxe aquela empolgação de estar acompanhando histórias de paixões, e tudo isso é complementado pela sua "corona" na nossa frente, empolgadíssima com a sua própia história (a história que você estava criando e encenando pra gente, ali naquele momento).

Acho que tudo se soma. A música embala a sua empolgação, que embala as atitudes dos personagens da história, que embala nossas emoções participando do acontecimento.

Tudo em poucos minutos.

Quanto mais fluído são seus movimentos na transição dos flashes da vida das duas atrás do ambiente do bar, e quanto mais vemos sua conexão com o teatro rolando ali, ou seja, sem perceber que você está atenta em fazer tudo rolar no tempo certo, mais me sinto à vontade assistindo e contemplando.

Thaísea Mazza - atriz, bonequeira, pesquisadora

spiral®

__/__/__ S T Q Q S S D

A fala de Thaísea me fez lembrar de algo que ainda não comentei: a trilha sonora do espetáculo. Ela é composta por três músicas e foi editada por mim - milagrosamente, pois sou péssima em tecnologias digitais.

Eu busquei no site dominiopublico.com.br músicas nacionais e que não tivessem direitos autorais a serem pagos. A que mais me encantou foi "Pudesse essa Paixão", de Chiquinha Gonzaga. Todavia ela não podia ser a única música da história, pois não tinha todas as nuances necessárias e ficaria muito maçante.

De uma maneira inesperada, que não consigo recordar como aconteceu, o primeiro olhar de Julia e Carla em cena é ao som de "Careless Whisper", de George Michael. Clichê, mas super eficiente para o tom divertido do encontro.

Eis que no dia anterior, aliás na noite anterior, à estreia em Uberlândia, ainda não encontrara a terceira música - e a que mais está presente na trilha. Lembro de mim e Lêda, minha namorada na época, pesquisando no Youtube e eu já arrancando alguns fios de cabelo por não encontrar nada que condizesse com o espetáculo.

Pois Lêda "surge" com "Mon Corps Mon Amour", de Olivia Ruiz e assim fechamos com "agulha de ouro", a "linha sonora" dessa história tecida de amor.

Piano, letras em inglês e em francês narrando cenas românticas onde não é dita nenhuma palavra.

spiral®

S T Q Q S S D __/__/__

Em Uberaba, participei da 6ª edição 2018 mínima cena - mostra sesi de cenas curtas. Iria ministrar uma oficina de teatro de sombras - que não se realizou pois não teve inscrições - e apresentar "Julia e Carla Carla e Julia."

O público era majoritariamente de adolescentes, muitos amigos e familiares de quem estava no elenco das cenas que seriam apresentadas.

Distribuí senhas, mas acabei apresentando para algumas pessoas a mais. Tive retornos únicos.

Um rapaz que assistiu, na parte em que Julia espera Carla ir até ela depois que a vê toca no bar, ele espontaneamente pegou Carla e a aproximou de Julia. Quando ele percebeu o que estava fazendo, olhou pra mim com olhos pedindo permissão - Será que pode? - eu com sorriso no rosto falei até em voz alta, estimulando a ação: "Vai, vai!"

Nesse momento eu fui a êxtase e quase chorei, mas ainda haviam 3 minutos pela frente e tive que me conter. Durante toda a apresentação seus olhos brilharam e conseguia ver seu sorriso através deles. No final nos abraçamos e ele saiu encantado com a história.

Uma ação que faço no momento em que estou arrumando as cenas para a próxima apresentação é conversar com quem está esperando. Dependendo do contexto a conversa muda.

Em Uberlândia perguntava se a pessoa gostava de costurar, bordar, já que a proposta estética da caixa é desse universo. As vezes questionava se já tinha visto algum teatro lambe lambe antes.

Em Uberaba fiz o mesmo e a conversa sempre come

→ spiral

cava com: Você gosta de costurar? ou Você borda? É daí o assunto se desenvolvia.

Num desses casos, uma moça falou que fazia teatro e que pretendia cursa Direito como profissão, mas continuar a fazer teatro, pois era o que gostava.

Ao ser questionada sobre bordar, ela falou que adorava customizar camisas e calçados e me lembrei do início da amizade com a mulher que se tornou minha namorada esposa por quatro anos. Fazíamos stencils e customizávamos nossas roupas. Adorava o cheiro de tinta a óleo que sentia quando a abraçava e ela estava com alguma camiseta que havia pintado.

Não fez sentido nenhum pintar tecido com tinta a óleo, mas a lembrança é muito boa. Aquela conversa com aquela moça me trouxe sentimentos bons, nostálgicos, de momentos em que eu decidia o que "iria fazer da vida", qual seria minha profissão e [redacted] da época dos mistérios e boas surpresas de um novo amor.

Essas trocas individuais com os públicos, antes ou depois das apresentações, sobre o que viram ou mesmo o que seriam assuntos "aleatórios", me alimentam de uma forma única.

Reverberam em mim de forma intensa e muito verdadeira.

Tanto em Uberlândia como em Uberaba fui a última a sair do local. Em Uberaba só havia eu e o segurança do prédio, com quem fiquei conversando.

Acredito, pelo que me lembro, que foi a primeira

S T Q Q S S D

__/__/__

vez que me sente sozinha depois de uma apresentação. Não tinha ninguém com quem conversar - alguém conhecido eu digo. Afinal, conversei com o segurança, ainda que brevemente.

Sempre apresentei em grupo e o antes e o pós as apresentações são bem diferentes de estar trabalhando sozinha.

Na época escrevi um ensaio para uma das disciplinas do mestrado e você lê-lo nos anexos deste memorial. Chama-se "PERMITIR-SE ESTAR SÓ como elemento criativo num processo teatral".

spiral®

S T Q Q S S D

__/__/__

Evento: mínima cena – mostra SESI de cenas curtas (6ª edição)
Data: NOVEMBRO DE 2018
Local: Centro Cultural SESI MINAS (Uberaba/MG)



Fotos por
Luiz Hozumi

spiral®

__/__/__

S T Q Q S S D

Momento de chamada do público (que foi até o teatro para prestigiar o festival) para assistir a caixa.



Para isso, recitei um texto que fiz para apresentar a Bordadeira (minha personagem) e a relação dela com a caixa e a história que nela se passa.

"Tricoto aqui...
Costuro lá...
Bordo muitas histórias
e uma vou te contar...

Uma pessoa por vez,
é assim que vou bordar...
Pegue sua linha e agulha
e aguarde sua vez chegar!"

spiral®

__/__/__

Lauana foi minha 1ª espectadora. Ela foi a principal responsável pela minha ida à Uberaba/MG. Fiquei na sua casa, quando ele estava de mudança e segurou minhas coisas na mochila rosa e chamativa da foto na página ao lado.

(A macarronada que Thiago, seu marido, salvou de suas mãos para eu comer depois das apresentações foi e será sempre inesquecível!)

Fiz placas de papelão para explicar o que é teatro lambe-lambe, qual o título do espetáculo, além de sinopse e ficha técnica. Assim, enquanto esta se apresentando, pessoas que se interessassem podiam ler e entender o que estava acontecendo sem necessariamente ter que falar diretamente comigo.

__/__/__

S T Q Q S S D

"A magia começa com os alinhavos propostos pela narradora, as linhas te preparam para entrar no estado de amor e poesia que a cena propõe. Duas garotas que descobrem o amor. A trilha sonora ajuda a compôr a história, te faz rir e chorar com as duas garotas, faz querer abraçar Julia e Carla!"

Luana Rodrigues
Atriz, diretora e pesquisadora

spiral®

S T Q Q S S D __/__/__

No ano seguinte, 2019, participei de um encontro internacional sobre formação no teatro de animação. Aconteceu na UDESC (Universidade do Estado de Santa Catarina), onde me graduei em Teatro (2011-2015).

Nesse encontro pude reencontrar muitos amigos, colegas de trabalho e conhecer a pesquisa e espetáculos de vários artistas. Houve palestras, mesa redonda, com pesquisadores e fazedores teatrais de vários cantos do mundo.

Foi uma experiência muito rica, pois entender outras perspectivas, outros contextos políticos, geográficos, faz-nos deslocar para outras reflexões acerca do teatro de animação.

Dentro desse encontro foi promovido um outro encontro: o de caixas lambe-lambe, em comemoração aos 30 Anos de Teatro lambe lambe no Brasil, que seria comemorado em setembro daquele ano.

Eu tive a oportunidade de apresentar ao lado de caixeiros que já tinham mais de 10 anos de circulação com a mesma caixa. Confesso que fiquei muito nervosa.

Tive espectadores da Argentina, Senegal, Singapura. Além de vários brasileiros, que já me conheciam pessoalmente, mas alguns não tinham visto meu trabalho no teatro.

Amigos da faculdade, até minha primeira namorada assistiu "Julia e Carla." Fabiana Lazzali, minha parceira de entreAberta cia Teatral, espiou pela 1ª vez essa história de amor que saiu da minha cabeça, atravessou fios, tintas e muito papelão, e chegou à público.

Uma das espectadoras foi Gabriela Céspedes, atriz, bonequeira e caixeira argentina. Também estava apresentando uma de seus caixas, "Bladimir" (Cia Gabriela Cravo y Canela).

Foi um encontro lindo. Depois que apresentei a ela,

spiral®

__/__/__ S T Q Q S S D

a fila seguiu e depois ela voltou. Vinha com um presente: uma luz de LED de tom frio. Bem menos amarelada do que a que eu estava usando. É muito similar a que eu usava e perdi no evento. Por isso estava usando uma luz de LED mais amarelada, que modificava as cores dos bonecos e dos cartões que eu apresento na história.

Ela então, gentilmente, depois de se sentir afetada pelo que tinha assistido, presenteou-me com algo pra melhorar a experiência de quem ainda iria assistir. Um ato de amor que, junto com aquela pequena lâmpada, trago comigo até hoje.

O encontro como um todo durou quase uma semana e as apresentações das caixas Combe Lombe aconteceram por cerca de três dias, em diferentes momentos do evento.

No último dia de apresentações das caixas eu apresentei por quase três horas e meia. Não recomendo! A qualidade das apresentações vai caindo gradativamente e se você insiste em continuar apresentando, a caixa literalmente grita para você parar. Ela não aguenta mais.

Olho da boneca cai, cenário cai, luz começa a pifar, até meu celular foi pro chão. Parecia que eles estavam se jogando, como um pedido de socorro.

Por isso a importância de saber como você vai organizar a logística das apresentações. Como vai acontecer a distribuição de senhas e o número MÁXIMO de pessoas no público.

Uma vez encerrada a meta do dia, aprenda a dizer "NÃO", mesmo que seja uma pessoa querida ou alguém implorando: "Só mais essa, por favor!"

spiral®

Evento: 3º PRO-VOCAÇÃO 2019 – Encontro Internacional sobre Formação no Teatro de Animação
Data: MAIO DE 2019
Local: UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina

PRO-VOCAÇÃO

3º Encontro Internacional sobre Formação no Teatro de Animação

Teatro Lambe-Lambe

Sessão das 15h às 17h
(aberto à comunidade)

Local: UDESC - CEART | Bloco amarelo

18 de MAIO 2019

Espetáculos:

- Bladimir *(Gabriela Cravo y Canela)*
- El Viaje *(Cia Mútua)*
- Exame de Rotina *(Caê Beck)*
- Guardar para Depois *Cia Cênica Espiral)*
- Julia e Carla. Carla e Julia. *(Entreaberta Cia Teatral)*
- Maria do Cais *(Cia Andante)*
- Miragem *(Cia Mútua)*
- Noite de Bruxaria *(Cia Peregrina Teatro)*
- O Ancião *(Tribo Pachorra)*
- O Menor Circo da Terra *(Cia Circo-Íris)*
- Pequeno Concerto *(Cia de Teatro Entre Linhas)*
- Presente Precioso *(Coletivo Onírico)*
- Serafim *(Inanimado Teatro)*



Financiamento: CNPq, CAPES, Pátria Amada Brasil

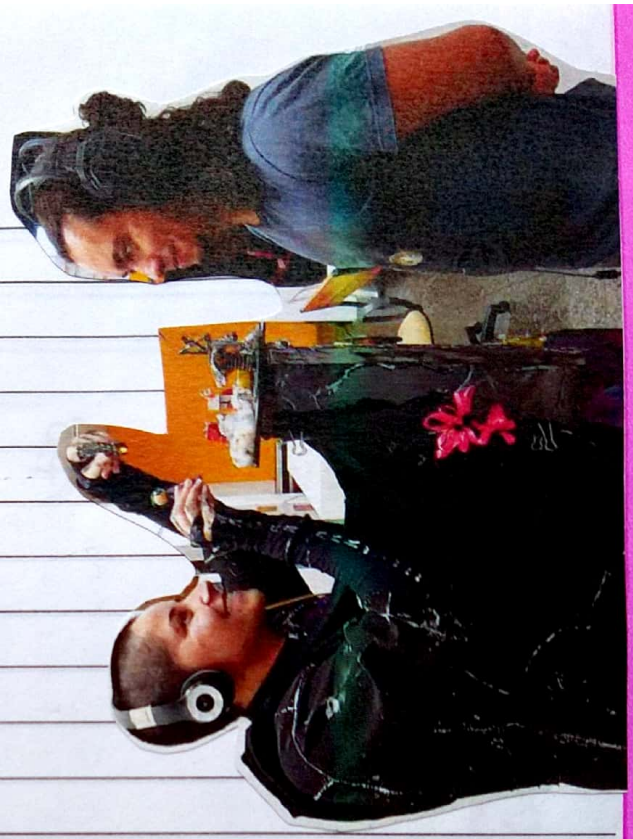
Apoio: AVIAMPA, 中央戏剧学院 The Central Academy of Drama, UQÀM Université du Québec à Montréal, Sesc, Grand Est

Realização: UNIMA, UDESC Universidade do Estado de Santa Catarina, CEART Centro de Artes - FAED

por.tua
Florianópolis



S T Q Q S S D





sim, é minha mãe!

Fotos por
Rubia Raquel Fagundes

minha maior apoiadora e mais presente espectadora!

Tive a feliz surpresa ao ver a artista Tuany Fagundes, a qual eu conhecia pelo seu trabalho com o teatro de sombras, ter criado uma obra de teatro lambe lambe tão singela, potente e ao mesmo tempo transgressora e inovadora.

Ela traz no trabalho uma inovação, quando inicia a cena do lado de fora da caixa, com uma pequena intervenção dos bonecos com a própria caixa.

O trabalho de confecção, a estética artesanal de recorte e colagem, tem um acabamento belo e singelo. Tudo minuciosamente cuidado e intencional, mesmo propondo um ar "desleixado", nada ali é por acaso.

E isto demonstra uma criação amparada pela pesquisa, dedicação e conhecimento da estética e da poética que foi aplicada. O roteiro calcado num tom de afetuosidade e singeleza, combinada com a trilha sonora e a luz escolhida com precisão, compõem uma dramaturgia diminuta de grande delicadeza.

Escrevo este depoimento 08 meses depois de ver a caixa e lembro pouco dos detalhes ou mesmo do roteiro, mas tenho a memória fresca da sensação e emoção que tive ao encerrar o espetáculo e sair da caixa.
Eu transbordava!!! Estava emocionada, feliz e profundamente tocada. Algo naquela caixa me fez pulsar. E nos raros momentos que encontro uma caixa de teatro lambe-lambe que me joga pra esse lugar, pra esse transbordamento, preciso urgentemente convidar as pessoas para ver o que vi, pra sentir o que senti. E assim o fiz: saí falando pra todo mundo: você precisa ver a caixa "Julia e Carla". Naquele dia Tuany apresentou até a exaustão, tamanha fila que se formou.
E eu só posso agradecer por ter sido fisgada por tua poesia.!!

Jô Fornari - Cia Andante Produções Artísticas - Canelinha | SC - Brasil 2020

S T Q Q S S D

__/__/__

Evento: Festejo Teatro Lambe Lambe 30 Anos
Data: Setembro de 2019
Local: Salvador | Bahia



PROGRAMAÇÃO 2019

30 ANOS LAMBE LAMBE

RODA DE CONVERSA * EXPOSIÇÃO * ESPETÁCULO * MINICURSO

Exposição Permanente de 30 anos de Teatro Lambe-Lambe
9 a 30 de setembro de 2019 - no Centro de Culturas Populares e Identitárias -Sala Lina Bo Bardi (Largo do Pelourinho, Casa 12)
16 a 30 de setembro - Casa do Teatro de Rua da Bahia (Ladeira da Ordem 3ª de São Francisco, 25, Pelourinho)
Visitação: de segunda a sexta-feira, das 9h às 17h
Gratuito

Circuito de Teatro Lambe- Lambe
14 e 21 de setembro, das 15h às 17h - Palacete das Artes (Rua da Graça, 284, Graça)
21 de setembro, das 18h às 19h - Teatro Gamboa Nova (Aflitos)
Ingresso: pague quanto quiser

Teatro Lambe-Lambe no Filte
24 de setembro, 18h às 19h
Espaço Cultural Barroquinha (Rua do Couro, s/n, Barroquinha)
Foyer do Teatro Gregório de Mattos (Praça Castro Alves, s/n, Centro)
26 de setembro, das 18h às 19h
Foyer do Teatro Gregório de Mattos (Praça Castro Alves, s/n, Centro)
26 de setembro, das 19h às 20h
Teatro Martim Gonçalves (Av Araújo Pinho, 292, Canela)
Foyer da Sala do Coro do Teatro Castro Alves (Praça Dois de Julho, s/n, Campo Grande)
Ingresso: pague quanto quiser

Minicurso "A História do Teatro de Formas Animadas pelo Mundo" com Conceição Rosière
Quando: 27 de setembro, das 9h às 11h
Onde: Centro de Culturas Populares e Identitárias -Sala Lina Bo Bardi (Largo do Pelourinho, Casa 12)
Gratuito

Teatro Lambe-Lambe no receptivo da OSBA em Família VI – 30 espetáculos
Quando: 29 de setembro, das 15h às 17h
Local: Foyer do Teatro Castro Alves (Praça Dois de Julho, s/n, Campo Grande)
Ingresso: Pague quanto quiser

Lançamento do Mapeamento do Teatro em Miniatura no Mundo - Grupo Girino - MG
Quando 29 de setembro, as 20h
Onde: Hotel Pelourinho, R das Portas do Carmo, 20 - Pelourinho
Gratuito

Roda de Conversa "Lambe-Lambe: Uma rede tecida pelo mundo" com Pedro Cobra e Rafaelle Aragão
Quando: 30 de setembro

APOIO FINANCEIRO E INSTITUCIONAL
funceb GOVERNO DO ESTADO



1º Lambe Lambe apresentado no Brasil!

"A Dança do Parto"
por Ismine Lima e
Denise di Santos
(1989)

S T Q Q S S D

__/__/__

1989 - 2019

30 ANOS DE TEATRO LAMBE LAMBE



Circuito de Teatro Lambe-Lambe

14 E 21/SET
15h às 17h
PALACETE DAS ARTES
Rua da Graça, 284, Graça

21/SET
18h às 19h
TEATRO GAMBOA NOVA
Rua Gamboa de Cima, 3, Largo dos Aflitos

+ informações:
fundacaocultural.ba.gov.br

APOIO:
PALACETE DAS Artes
IPAC
FUNDAÇÃO CULTURAL ESTADO DA BAHIA
funceb

APOIO FINANCEIRO E INSTITUCIONAL:
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DE CULTURA

Salvador/Bahia/Brasil

↳ Selo Comemorativo utilizado para várias divulgações envolvendo o teatro lambe lambe e disponibilizado gratuitamente em vários cores e formatos de arquivo.

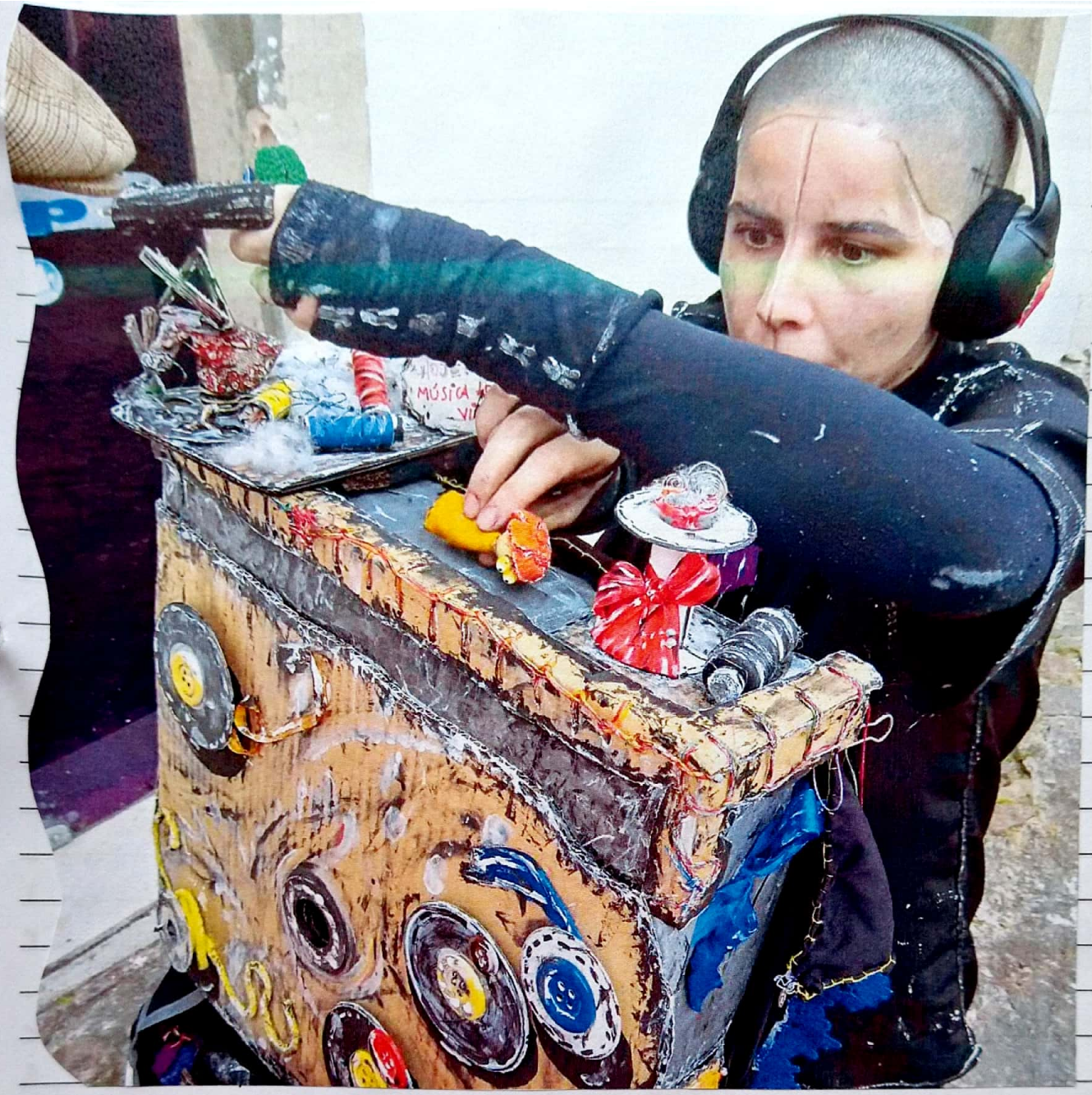
Criado por Humberto Soares da Pequenus Grupo de Arte (SC).

spirat

__/__/__

S T Q Q S S D





spiral®

__/__/__

S T Q Q S S D



spiral®

S T Q Q S S D

__/__/__

(caixas abrigo aqui) aproxima ledost

CR Por saber que eu iria apresentar na rua e pelos retornos que tive desde Uberlândia e, principalmente em Florianópolis, resolvi propor uma forma diferente de organização da fila.

Fiz um linha que unia cada carretel de linha, ou seja, cada senha. Assim, para aguardar sua vez, a pessoa se posicionava do lado do carretel que estava no chão. A cada final da apresentação, eu puxava um carretel, que estava numerado de 1 a 10.

Quando a linha acabava e todos os carretéis estavam juntos, era o fim da sessão. Para minha surpresa, essa forma chamou a atenção de alguns caixeiros, que acharam a ideia bem interessante, pois também dialogava com a proposta visual da caixa.

Em termos práticos, funcionou. Porém todos os carretéis foram pisados algumas vezes. Pode perceber na foto ao lado como vários estão achatados.

Além do "achatamento" nenhum sofreu sérios danos, mas foi um lembrete a se atentar: na rua, detalhes se perdem e só propondo novas formas de vê-la, mesmo tendo parte de seu cenário pisado, podemos educar as pessoas transeuntes e a nós mesmos a sermos mais sensíveis com o que há ao nosso redor.

Numa conversa com Maria Clara, caixeira e amiga, ela disse que minha caixa tem a "estética do fio solto". Não há nada com acabamento perfeito, há manchas e brechas para pôr e tirar novas costuras, mas nada está ali por acaso.

spiral®

__/__/__

S T Q Q S S D

Izabel Camargo (Grupo depois do ensaio) RJ



Foto por Maria Clara

Percebam o banco marrom na frente da caixa. Nesse dia, apresentamos na Praça da Piedade, lugar onde os fotógrafos lambe lambe apresentaram e onde Ismine e Denise estrearam "A Parida do Parto", em 1989.

Não foi possível disponibilizar uma cadeira pra mim e uma para o público. Então o jeito foi improvisar. Montei a caixa perto da mureta que circundava a praça, assim eu poderia sentar e apresentar a segunda parte da história.

Pedi a cada grupo se havia algum banco sobrando, para que o público pudesse assistir e eis o banco marrom da foto, emprestado gentilmente pela Cia Pé de Vento, de Arcoverde (PE).

spiral®

S T Q Q S S D

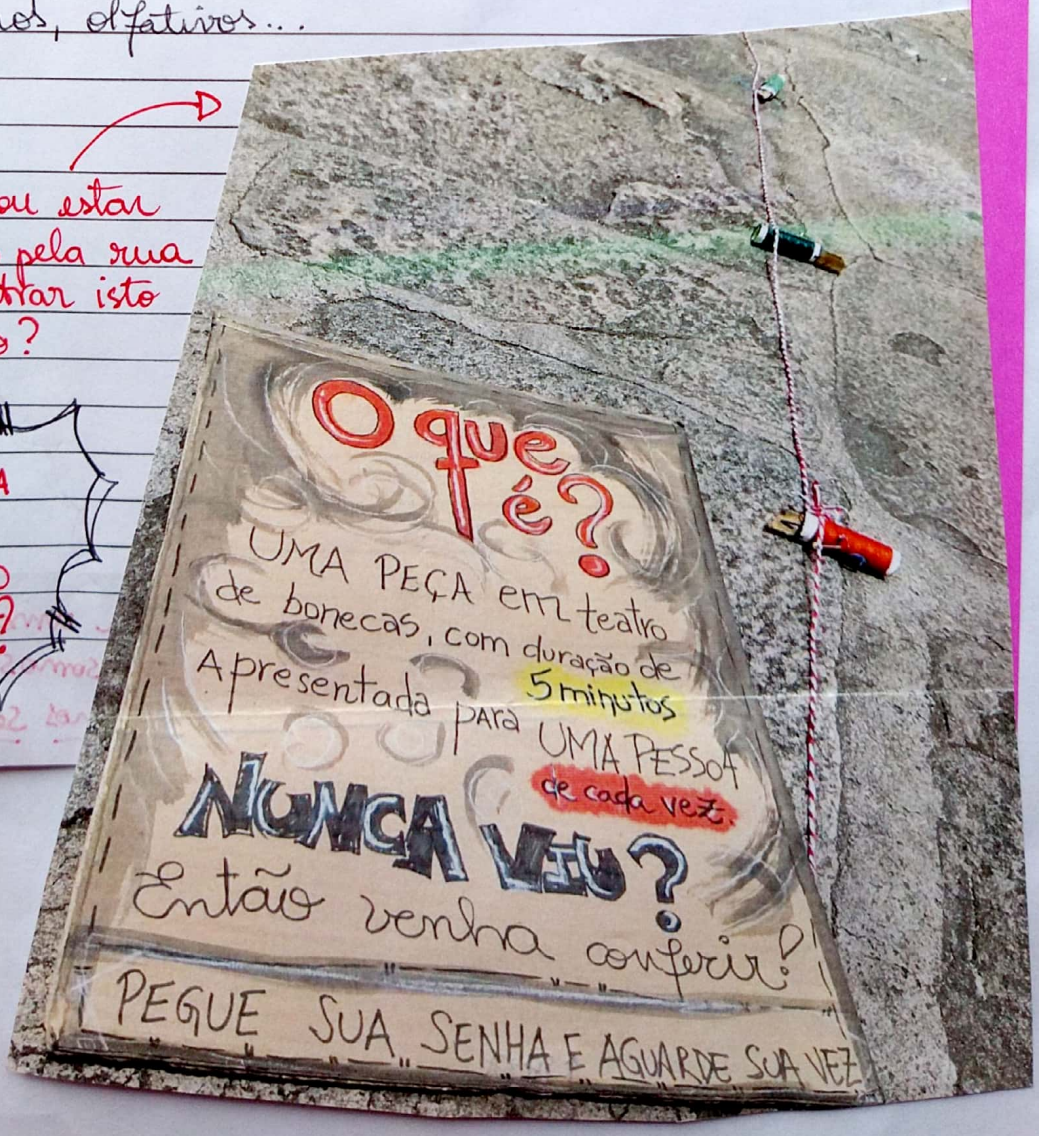
__/__/__

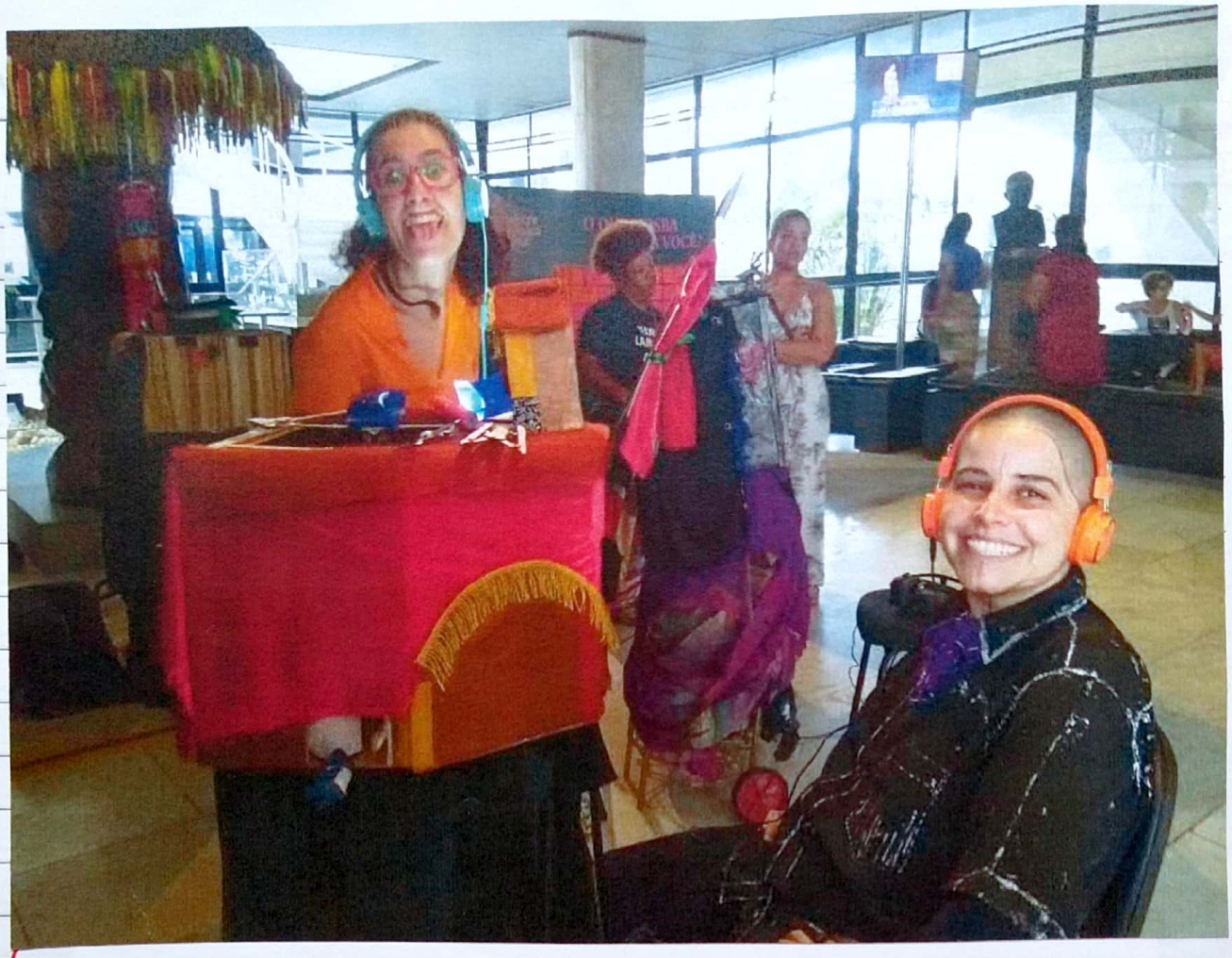


Em espaço aberto, como em praças ou calçadas, muitas vezes nossa caixa se perde em meio de tantas pessoas, tantos outros elementos visuais, sonoros, olfativos...

Já pensou estar andando pela rua e encontrar isto no chão?

TE CHAMARIA A ATENÇÃO?





↳ Somos caixeiras e... espectadoras! Criamos e admiramos umas às outras! Nessa foto, antes de assistir ao "Presente Precioso", de Maria Ceora (Coletivo Onírico)



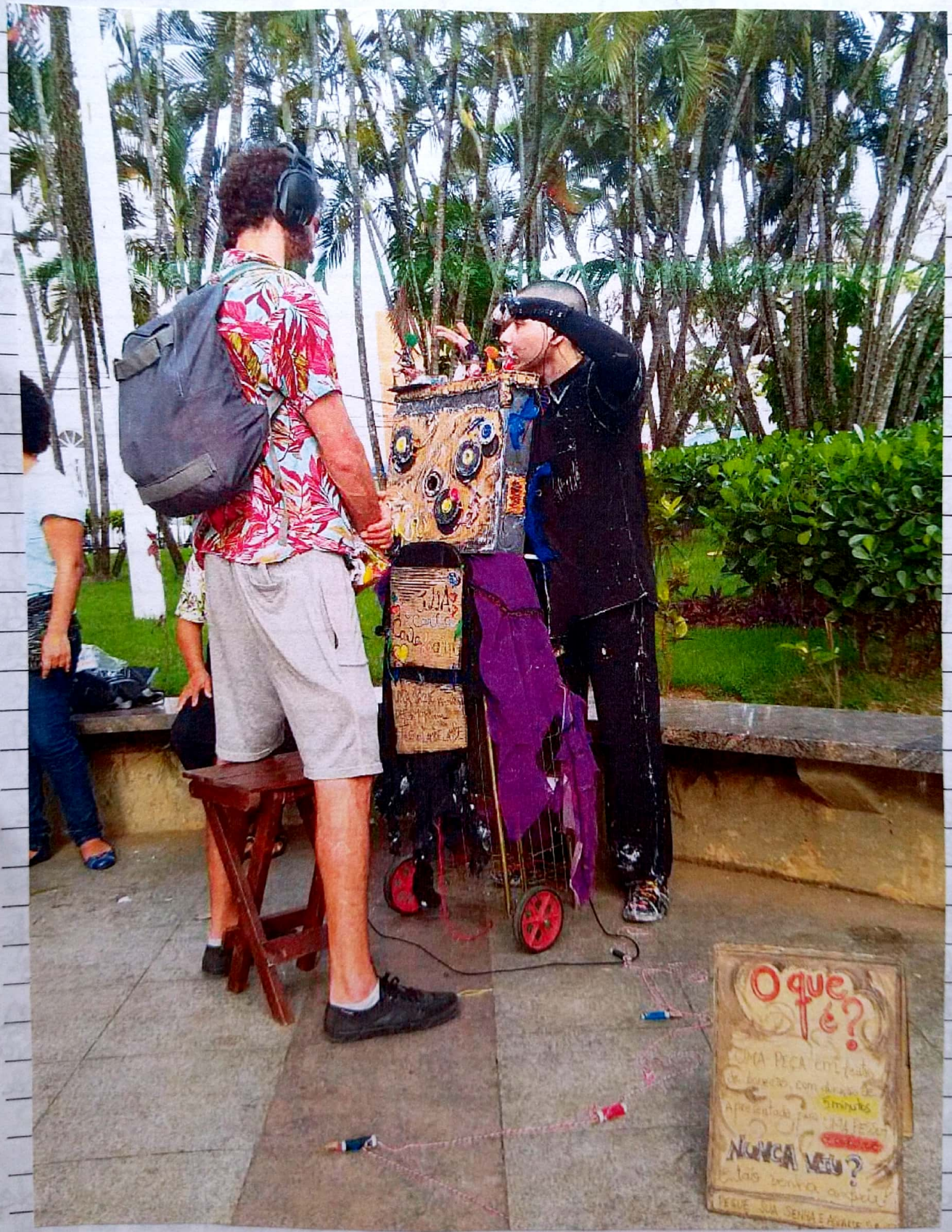
↳ Cada qual com seu trabalho... Cada uma/um é única/é único! Somos muitas/os, somos infinito, somos sem fim!

spiral®

S T Q Q S S D

__/__/__

Último dia de apresentações: Praça da Piedade
(onde tudo começou...)



spiral

__/__/__ S T Q Q S S D

No Festejo 30 Anos de Teatro Lambe Lambe pude ter contato com artistas e caixas de diferentes estados do Brasil e regiões da América do Sul, como Argentina. Pude inclusive rever colegas que conheci em Florianópolis SC, em maio de 2019.

É impressionante presenciar a diversidade de caixas que existem. Cada história escolhida, cada forma de apresentar ao público sua caixa é uma parte sua. Uma parte de sua personalidade, de algo que é importante pra você, que você quer presentear para quem sentar a sua frente.

A linguagem de teatro lambe lambe é intimista e complexa. Nós trabalhamos com todos os elementos de um espetáculo que seria em grande escala, só que tendo como proposta poética, o pequeno.

Iluminação, roteiro, figurino, maquiagem, trilha/paisagem sonora, construção e manipulação de figuras/bonecos. Tudo isso é pensado, pesquisado, construído para uma experiência estética única em cada caixa.

Apresentando em locais fechados e abertos, reflito aqui questões que surgiram na prática, através de apresentações minhas ou mesmo da experiência de colegas com quem conversei.

Nessa linguagem, o tempo cronológico é reduzido (2, 3, máximo 5 minutos de espetáculo), o que faz-nos ter uma experiência mais intensa a cada apresentação. Imprevistos e adaptações acontecem num intervalo de tempo curtíssimo e nosso tempo de reação tem que ser mais rápido ainda.

Por ser geralmente apresentado na rua, temos que considerar os fatores externos, como possibilidade

de chuva, luz solar ou luzes urbanas e até a possibilidade de vento.

No caso da luz externa, temos que considerar que ela pode afetar a iluminação da caixa, uma vez que a luz do sol ou mesmo de postes invadem qualquer orifício ou fresta existente na caixa.

Outro ponto é o vento. Caso a caixa seja muito leve ou o vento muito forte, a caixa pode sair voando e ter partes danificadas durante a montagem ou durante as apresentações - como aconteceu com algumas caixas quando apresentamos no Largo São Francisco, no Pelourinho.

No meu caso, pela caixa ser muito leve, ela foi pendendo e ficando na diagonal. Com isso, as bonecas caíam e tive que mudar a forma de manipulá-las. Terei que colocar imãs no cenário para que isso não aconteça mais e tudo fique "em pé"!

O espaço define com qual público iremos trabalhar. Pra quem iremos vender nosso espetáculo. Por isso, além de refletir características pessoais, cada caixa revela uma forma diferente de abordagem de público, de como cada um vende seu produto. O público vai esperar numa fila ou vai receber senhas? O chamariz da caixa está no visual externo ou no que está dentro dela? Seu figurino dialoga com a estética da caixa ou a proposta é que a atriz/o ator fique o mais neutro possível? Qual a materialidade, a estética que a caixa propõe?

São perguntas que constantemente temos que fazer durante todo o processo criativo, para que todos os elementos de cena dialoguem entre si - de maneira convergente ou não.

__/__/__

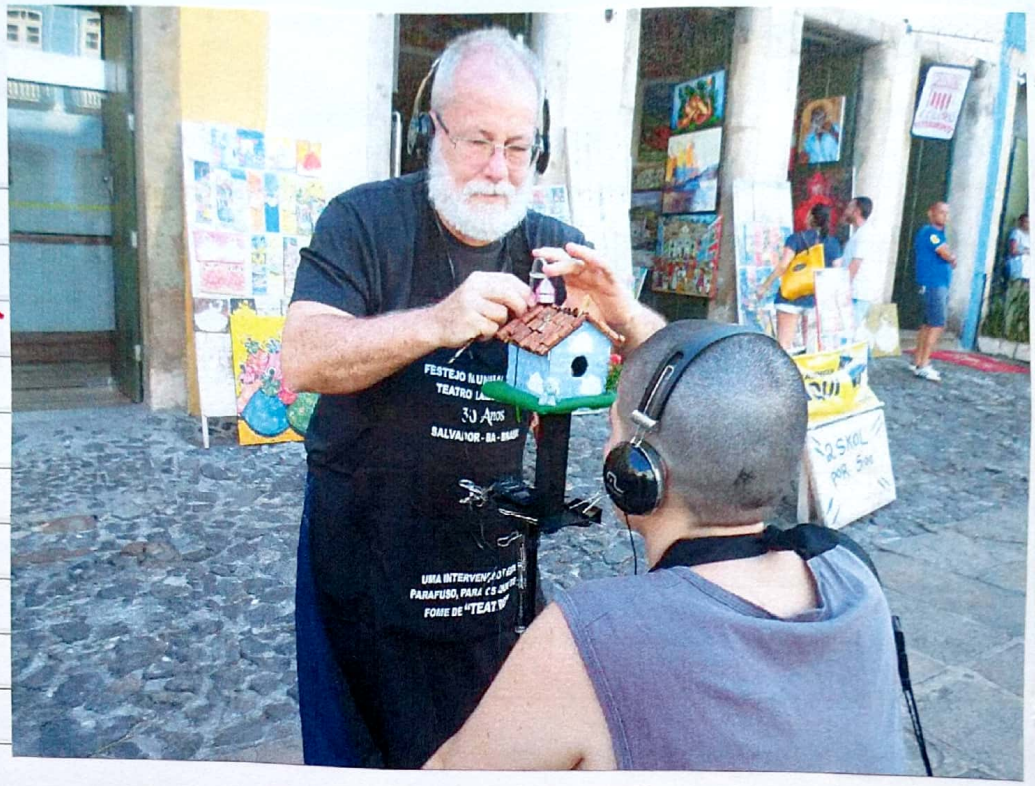


1 "Copélia", de Conceição Rosière (MG)

2 "Ailujhy", de Cia da Floresta (SP/MG)

3 "Mulher Megafone" } Trágica Cia Arte (PR)
4 "Rato de Biblioteca" }

__/__/__



"Ninho de Passarinho", de Grupo Methamorphoses (PE)



"Bem Te Vi", de Maria das Dores (RJ)

spiral®

ÇÃO FEITO
OS QUE TEM



"Tinoco e Seu Fiel Amigo",
de Cia Um Espaço para Olhar,
Ismine Lima
(MG/BA)

"A caixa tem uma proposta super interessante, me chamou atenção a potência do lambe lambe como instalação artística de rua, com toda composição estética pensada desde a posição do público na fila, perseguindo a linha, de certa forma cria uma cumplicidade entre os que estão na fila como pertencentes àquele espaço e o coloca pouco a pouco na história e conduz o olhar do público pra cena encima da caixa até entrar nela. Isso foi o que mais me marcou. "Carla e Julia" é uma história de amor, espiada em Salvador em Setembro de 2019."

Jacques Beauvoir
Trágica Cia de Arte
(PR)

S T Q Q S S D

__/__/__

"O que mais me marcou em "Julia e Carla" foram a maquiagem e o figurino da atriz-manipuladora, tão distintos, quase extraordinários. Mas quando o rosto da atriz aparece em cena, toda a força da sua caracterização se justifica de forma poética e lindamente integrada no espetáculo."

Marcos Nicolaiewsky
Grupo Teatro DIMINUTO

spiral®

S T Q Q S S D

__/__/__

Frente e Verso: saindo da caixa...

No último dia de apresentações, em Salvador, aconteceu algo peculiar. Eu fiquei com medo de apresentar "Ilid e Carla" na Praça da Piedade - lugar onde fotógrafos lambe-lambe trabalhavam e onde Ismine e Denise apresentaram seu lambe lambe pela primeira vez, em 1989.

É uma praça muito bonita e movimentada, mas atualmente considerada um tanto perigosa quanto a furtos e assaltos. Contudo, não tenho pelos possíveis roubos, mas sim pela grande quantidade de homens querendo assistir. Eram trabalhadores saindo ou indo para seus turnos e moradores de rua que estavam curiosos por todo aquele movimento de caixas na Praça.

Temi que pudessem não gostar ou mesmo rejeitar de alguma forma o que estava apresentando, por ser um romance lésbico. De todo modo fui cordial e gentil, como devemos ser como seres humanos e com toda pessoa interessada em prestigiar nossos trabalhos.

Depois da primeira apresentação, o homem de cara fechada abre um sorriso e me diz: "Ó, filé Leim! Muito bom, parabéns!".

Fiquei totalmente surpresa. Além da placa com o título do espetáculo na frente da caixa, também falava o título para cada pessoa que fosse assistir, para que não houvesse 'surpresas' durante a narrativa. Ou seja, teoricamente não havia dúvidas sobre o que a história tratava e "mesmo assim", ele gostou muito. O mesmo aconteceu com outros espectadores homens.

→

spiral®

S T Q Q S S D

__/__/__

A maioria com semblante sério, mas muito abertos para assistir todas as caixas que se apresentaram. Comentaram o quanto gostaram e que precisávamos apresentar mais teatro na Praça, pois era algo muito bom.

A partir dessa experiência gostaria de refletir o quanto apresentações em espaços públicos deslocam as pessoas. Tanto o público quanto nós, artistas.

Gosto de apresentações em espaços fechados, como em salas e teatros, pois temos maior controle sobre tecnologias da cena, como iluminação, por exemplo. Trabalhando com teatro de sombras, o controle do nível de escuridão é fundamental.

Meu maior receio em apresentar em espaços públicos é justamente a falta de controle... sobre o público. A meu ver, é aí que nosso "jogo de cintura" cênico é sempre posto à prova.

Podemos esperar pessoas receptivas e elas não aparecerem; podemos temer por nossa segurança dependendo do tema que está exposto em cena ou mesmo pela presença policial; mas também podemos esperar o pior e vir o afeto de quem menos esperamos.

O extraordinário da rua é a falta de controle sobre o que virá. Diante desse fato, o que cabe é oferecermos nosso melhor, enquanto pessoa e enquanto artista.

Eu tive que me deslocar, deixar a defensiva, para permitir-me ter trocas com pessoas que não são acadêmicas, não são "do teatro", que têm outros hábitos que os meus. É fundamental não romantizar a rua, quem a habita, mas também não fechar-se por ser um ambiente de apresentação não habitual, pelo menos para mim.

spiral®

S T Q Q S S D __/__/__

Por preconceitos, por falta de mais vivências com públicos na rua, por ainda ter que ampliar minha visão enquanto pessoa e como atriz.

Ali minha experiência foi muito positiva, em outros momentos, provavelmente não será. A questão é não parar de permitir-se a apresentar nesses lugares que me tiram da zona de conforto.

É estar aberta para conhecer, aprender e me fortalecer a habitar esses lugares, a troca experiências com pessoas de realidades diferentes à minha, não só na teoria, mas na prática.

Ponto sem Nó...

Uma questão que me intriga e que constantemente reflito sobre é o fato de algumas pessoas não relacionarem o título à história. "Julia e Carla" é um romance lésbico. Não faz sentido, para mim, as pessoas entenderem o espetáculo como mais uma relação entre um homem e uma mulher, ou um boneco e uma boneca.

O lugar do amor com final feliz ainda é a relação heterossexual. Crescemos e somos construídos sob essa referência. Mesmo com a placa do título "Julia e Carla. Carla e Julia - uma breve história de amor", até algumas mulheres lésbicas, ao assistirem, não se atentaram ao fato de serem duas moças, duas bonecas.

Desde Uberlândia percebo isso, conversando com algumas pessoas que viram o espetáculo e fui fazendo mudanças para que se tornasse mais evidente.

Colaquei uma placa com o título escrito na frente da caixa e até pensei em modificar as personagens principais para evidenciar que são mulheres. Mas como faria isso? Colocando cabelo comprido, batom e um vestido co-

spiral®

de rosa? No processo de construção refleti muito sobre como elas seriam, pois não queria cair em estereótipos sobre "coisas de mulher" e "coisas de homem".

Fugi de cores culturalmente dicotômicas como o azul e rosa - Carla veste roupa roxa e Julia, amarela - e fiz suas expressões não realistas. Primeiro, pelo que os materiais escolhidos foram determinando e segundo, pela estética visual que fui compondo.

Na sessão no Teatro Tancredo Neves, em Salvador, esqueci a placa do título no hotel - sabe-se lá o motivo. Decidi apresentá-lo verbalmente antes de cada apresentação, falando calmamente e olhando no olho de cada pessoa que fosse assistir, para não haver dúvida do que se tratava. Caso alguém desistisse, era só falar - situação que até hoje nunca aconteceu. A recepção nesse dia foi ótima, inclusive.

No dia seguinte, na Praça da Piedade, eu levei a placa do título contudo, também o falava, visto meu temor inicial de que houvesse algum tipo de retaliação no meio da apresentação, fato que definitivamente não aconteceu, como já firmei anteriormente.

Sinceramente não sei se com essas pequenas mudanças o tema fica mais óbvio, sem tanta abertura para dúvidas quanto à sexualidade do romance apresentado. Entretanto foi o que consegui fazer sem abrir mão das representações da Julia e da Carla e nem sacrificar sua parte poética, sem tentar "explicar", mais do que já está explícito, do que se trata a narrativa.

Quem sabe seja que realmente fuja do meu controle e que sempre vai depender das vivências e associações de cada pessoa que assista a caixa.

S T Q Q S S D

__/__/__

Alguma resposta mais concreta? Quem sabe nos próximos episódios...

Linhas, pontas e acabamentos...

No decorrer de cada dia de apresentações, fui notando modificações que posso realizar para aperfeiçoar técnica e dramaturgicamente o espetáculo.

A cada cena, literalmente, testava novas formas de manipulação e expressões corporais ao interagir com as bonecas e as fotos bordadas. Fui percebendo como melhorar minha interpretação como atriz e, através dela, construir as nuances do amor que vai surgindo entre elas.

Minha manipulação está mais limpa e precisa e consequentemente notei que a trilha sonora pode ser reduzida em alguns segundos para que o tempo total fique mais exato e agradável.

Ao longo desses dois anos muita coisa mudou. Vi meus medos e incertezas transformarem-se a cada apresentação. Converteram-se em reflexões e num desejo de pesquisar mais. De continuar a circular e a ouvir mais o que cada lugar e cada pessoa tem a me dizer.

Este é só o começo da caminhada.

spiral®

S T Q Q S S D

__/__/__

Carta de Despedida

Eu comecei o mestrado, na verdade a ideia de cursar um mestrado fora do estado de Santa Catarina - onde nasci, vivi, me graduei e comecei a caminhar na profissão do fazer teatral - devido a uma vontade de descobrir novas perspectivas.

Não fora, mas dentro de mim. Precisava me (re)ver, perceber outras capacidades como artista e acabei viajando para dentro de mim. Eu, Tuany, passei a ver-me de outra forma. Longe de toda zona de conforto que tinha, passei por momentos que não mensurava.

Com o trabalho da caixa lambe-lambe, sozinha - ainda que sempre construída com retornos de outras artistas e dos diferentes públicos - eu me pus em cheque. Para mim mesma.

Hoje consigo entender que saí de SC, sem saber ao certo o que viria, pois eu precisava provar para mim mesma que eu sou uma artista capaz de fazer algo válido. Em que eu me visse totalmente nele e visse que valia a pena.

Ressalto aqui que, de nenhuma maneira, estou desmerecendo ou desvalidando os trabalhos em grupo, ou mesmo na nossa Cia, em que participei. Eles me trouxeram toda bagagem que tinha até sair de SC. Eles me formaram enquanto atriz, de maneira fundamental. Tenho admiração e gratidão por todos eles.

Era uma questão pessoal, comigo mesma. Aliás, eu só pude sair e tentar algo novo pois tive apoio da minha família - minha mãe e minha namorada na época - e da minha amiga e parceira de entreAberta cia teatral, Fabiana Lazzari. Eu abri mão de muita coisa e sei que elas também, ao me apoiarem tão generosamente.

→

spiral®

__/__/__

S T Q Q S S D

No primeiro ano em Minas Gerais, morando em Uberlândia, tentei focar totalmente no curso. Foi muito frustrante, pois quando olhamos fixamente só para um ponto, esquecemos do que há ao redor. Podemos envrijecer. Em termos criativos e até pessoais.

Fui aprendendo que olhar para o que já aconteceu não é retrocesso, é perspectiva que nos faz enxergar melhor. Tenho quase certeza de que só consegui criar a caixa lambe lambe em 2018 porque meu foco não estava nela. Estava no mestrado, no meu outro processo criativo, "Amores Ordinários".

Deixei-me levar pela intuição, pelo que eu realmente gostava na pesquisa e construção de "Julia e Carla" porque ela não fazia parte do "plano maior", que era o mestrado.

Somente em 2019, depois de alguns meses já em Belo Horizonte, eu me permiti sentir saudades sem sentir culpa. De coisas da faculdade, de momentos de infância, de amigos, da minha mãe. Tudo isso faz parte de mim e passei a ver sua beleza.

Só depois desse processo de aceitação que entendi, finalmente, que "Julia e Carla" era, sim, "meu plano maior". Ela tornou-se a minha pesquisa de mestrado. Este memorial artístico é o registro de como ela nasceu, despretensiosamente, e de como ela ajudou a entender-me de outra forma, como artista e como pessoa.

De um jeito mais generoso comigo mesma, mais compreensivo com as outras pessoas e mais amoroso com quem me acompanha desde sempre e nunca deixou de acreditar em mim. Mesmo quando nem eu sabia qual direção seguir.

→

spiral

__/__/__ S T Q Q S S D

Dois anos se passaram desde que vim para MG. Morei numa república com 15 mulheres, vivi em três casas diferentes em Belo Horizonte, conheci lugares, pessoas. Muita gente passou a me conhecer, como pessoa, como artista - ainda que isso seja indissociável.

Tive encontros de amizade, de teatro, de afetos. E vejam, este memorial, cada passo a passo, cada foto de sua construção surgiu do primeiro encontro que tive na vida.

O primeiro encontro de almas, com a mulher que sempre amei, Rúbia Raquel Fagundes, minha mãe. Todos os trabalhos escritos, espetáculos, fotos, desenhos, eu sempre dividi com ela. Não por obrigação, não por sermos do mesmo sangue, nem nada disso.

Sempre compartilho meus caminhos com ela porque quero e seus retornos são fundamentais. Ela me inspira porque ela reflete sobre si mesma, sobre nossa relação. Ela me vê como uma mulher a quem admira, ainda que distinta, com experiências diferentes das dela. Ela vê riqueza nisso e não demérito.

Não somos perfeitas, temos personalidades fortes, e mesmo quando não concordamos uma com a outra, procuramos respeitar as decisões de vida de cada uma. Com a certeza de que sempre estamos uma do lado da outra, sempre juntas, do lado de dentro. ♡

A mais de 1200 km de distância, por dois anos, a maior parte dos registros de meus trabalhos foi dividida com algumas pessoas, mas a principal sempre foi ela. Minha primeira e sempre presente espectadora.

E o teatro afinal não é isso? O encontro com outra pessoa tendo como intermédio uma cena, um espetáculo para uni-las?

→

Spiral®

S T Q Q S S D

__/__/__

Trabalhar com teatro é algo desestimulado por muitas pessoas, pois muitas vezes é uma profissão instável e até mesmo frustrante.

Ser lésbica publicamente é um desafio e muitas famílias querem que nos escondamos, por medo que nos machuquemos - pois a sociedade é hipócrita e nosso sistema, cruel.

Viajar para fora - da cidade, do estado, do país - é muitas vezes questionado, pois o desconhecido é geralmente não recomendado.

Minha mãe viu esses fatos e questões surgindo na minha vida e o que ela fez foi mostrar-me que são novas possibilidades de encontros. Assim como no teatro.

Sou jovem e tenho MUITO o que viver, que aprender, que escutar, que refletir. Espero que a confiança no meu pé pio trabalho, solo ou em grupo, continue se construindo pouco a pouco, de maneira leve e concreta.

Espero continuar buscando uma relação de empatia e sinceridade com o público, assim como tentei fazer em cada parte deste memorial com você, que nos lê.

A distância nos revela coisas boas e ruins. Sobre nós mesmas, sobre os outros. Que cada distância por que passamos ou por que passarmos seja uma lente que nos faça enxergar além. Que nos dê perspectivas. Que nos faça enxergar os encontros que sempre estão ao nosso redor. Que a gente se permita vivê-los.

spiral

anSox

julia e carla. carla e julia.
{título provisório}

júlia e carla.
carla e júlia.
numa noite de verão
dentre inúmeros lugares aonde ir para
tomar um sorvete ou um café,
júlia senta-se num lugar pequeno e de
luz baixa,
onde a música que ouve é
contagiante.
viajando nos ritmos,
segue as notas musicais e
chega à carla,
cantora e guitarrista,
que tocava ao vivo as mais belas e
refrescantes
músicas de uma noite de verão.
na pausa das notas, entre um acorde
e outro,
seus olhos se encontram.
A música fica em segundo plano,
O calor do verão vira brisa de inverno:
naquele encontro de olhares,
Júlia se apaixona por Carla e Carla, por
sua vez, cai de amores por Júlia.
O encontro das duas vira uma
conversa que pareceu durar a noite toda
e quando já amanhecia o dia,
uma pergunta surge no ar:
o que vai ser a partir de agora?
De um rompante de amor,
depois da conversa que pareceu
infinita, ia o amor das duas durar no
calor dos dias?
na surpresa do dia seguinte
e do dia seguinte ao seguinte
e no seguinte do seguinte do
seguinte,
somente olhando mais de perto para
descobrir
tudo que se passou
depois do encontro
de júlia com carla
e de carla com júlia!

ROTEIRO ATUAL | 2020

Duas moças se encontram num bar,
inesperadamente.
Depois de um olhar,
sentam-se na mesma mesa.
A partir daí,
vemos os sonhos e levezas
desse encontro transbordante de possibilidades...

A última imagem é um beijo.

Tudo escurece,
a música de fundo termina
e um novo amor vem ao mundo.

Tuany Fagundes Rausch

PERMITIR-SE ESTAR SÓ

COMO ELEMENTO CRIATIVO NUM PROCESSO TEATRAL

Palavras Chave:

Teatro Lambe-Lambe. Processo Criativo. Estar Só.

resumo

Este ensaio busca registrar princípios de reflexões a partir da visitação dos registros da criação minha primeira caixa em teatro lambe-lambe chamada *julia e carla. carla e julia* - tais como fotos, escritos e memórias pessoais das últimas apresentações que realizei. Foco num elemento que se destacou desde o início da construção da caixa: permitir-se estar só. Com silêncios, pausas e sem saber o que esperar exatamente do dia seguinte. Ademais de divagações escritas, trouxe algumas fotos das apresentações realizadas em Uberlândia e Uberaba (Minas Gerais/Brasil), em outubro e novembro de 2018.

abstract

This essay seeks to register early reflections from visitation records of creating my first Theatre box lambe-lambe call *julia e carla. carla e julia*. - suchas photos, writings and personal memories of the last presentations I did. Focus on one element that stood out from the start of construction of the box: allow yourself be alone. With silences, pauses and not knowing what to expect exactly the next day. Besides written ramblings, brought some photos of the presentations held in Uberlândia and Uberaba (Minas Gerais/Brazil), in October and November 2018.

Por muito tempo achei que a ausência é falta.
E lastimava, ignorante, a falta.
Hoje não a lastimo.
Não há falta na ausência.
A ausência é um estar em mim.
E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus braços,
que rio e danço e invento exclamações alegres,
porque a ausência, essa ausência assimilada,
ninguém a rouba mais de mim.

Carlos Drummond de Andrade

AUSÊNCIA

O presente relato é sobre o “aqui e agora” que a linguagem em teatro lambe-lambe proporcionou-me este ano.

Longe de querer ser inovadora ou original, escrevo aqui uma espécie de diário de bordo. A experiência este ano foi bem intensa. Mudei de estado e fiquei longe de minha família. Está sendo uma experiência rica, mas também muito solitária.

Estar sozinha nos proporciona outras formas de perceber pessoas ao nosso redor e, principalmente, a forma como concebemos nossas criações artísticas.

Colocam que estar solitária é estar só. Que estar só, é estar mal.

Necessariamente.

Discordo completamente. Por muito tempo tive essa opinião e que mesmo que estivesse triste e querendo ficar sozinha, eu tinha que me animar e interagir com outras pessoas.

Cursando o mestrado longe de tudo que considero ser meu lar e conforto, eu me foquei completamente em escrever, ler e pensar (não necessariamente nessa ordem).

Isso rendeu muitas páginas e reflexões, mas minha ansiedade aumentou e minha saúde ficou prejudicada. Meu humor foi ficando cada vez mais instável, com picos de euforia e esperança em contraste com dias de isolamento quase que completo.[1]

Estar com pessoas não me faz, necessariamente, estar "de bem com a vida", não me faz sentir-me mais feliz. Pelo contrário, muitas vezes estando no meu quarto, com minhas coisas e meus pensamentos eu me sinto muito melhor. Acalma-me.

Estando no Grupo de Pesquisa em Teatro de Animação (UFU), coordenado pelo professor doutor Mário Piragibe, fui apresentada à proposta do grupo para o segundo semestre de 2018: apresentar cenas que já estavam em andamento ou que iriam estrear em bares da cidade, numa espécie de cabaré.

A partir disso pensei em apresentar as cenas que estava desenvolvendo a partir de minha dissertação. No entanto, na época eu tinha uma caixa de sapato em casa e pensei em fazer algo para ser apresentado nela. Por ser num bar, pensei: O que sempre acontece em bares?

Procurava algo que aproximasse a história que contaria com as pessoas que já estariam ali. Desde o princípio ansiava em formas de como estabelecer relações de empatia com diferentes públicos. Fui no enredo mais "universal": duas pessoas flertam e conversam num bar. Só que no

[1] Calma, cara pessoa que me lê, meus remédios estão em dia, e a terapia, sendo muito efetiva.

caso, trouxe para minha vivência pessoal, ou seja, são duas moçam que flertam e conversam num bar.

Apresentando a ideia ao grupo, Rafael Michalichen acha bacana a ideia e acrescentea: sim, é um teatro lambe-lambe que pode ser apresentado de mesa em mesa.

As coisas então se encaixaram na minha cabeça e saindo dali, fui para a construção. Tendo a ideia principal, fui para a parte material e sabia que o restante da dramaturgia iria ser, literalmente, construída a partir dali.

Saindo do grupo, por volta do meio dia, fui para casa e comecei um intensivo de pelo menos duas semanas, trabalhando cerca de sete horas por dia. Isso envolveu pesquisa de materiais, testes, pausas, fotos, silêncios e compartilhamento de todo o processo com minha mãe, através do Whatsapp.

Em dias em que estava tão ansiosa e nervosa por estar focada só no mestrado, eu passei a dedicar-me totalmente a ouvir o que os materiais podiam oferecer e o que eu poderia fazer a partir disso.

Até então só de pensar em costurar, já ficava irritada. Mas eis que a família de materiais que se destacou para a construção de toda a caixa foi a de aviamentos. Linhas e agulhas tornaram-se minhas companheiras e até mesmo costurar em papelão eu me permiti.

Quando eu não achava mais "solução" para o que estava procurando, eu parava, organizava as ferramentas e limpava meu quarto (que é meu armazém e minha oficina), tomava banho, comia e ia descansar. Não sentia falta de me encontrar com outras pessoas, pelo contrário, esse intensivo solitário acalmou-me e trouxe-me um estado de tranquilidade que não poderia supor até então.

Obviamente, saí vez ou outra com amigas, mas era porque eu me sentia tão em paz com esse processo, mesmo com tantas dúvidas e imprevistos, que eu podia me encontrar com elas, estar tranquila e

conversar com elas sobre o que estavam produzindo e fazendo, com verdadeiro interesse. Percebo que eu pude fazer isso, pois estava permitindo-me estar só na hora que era necessária. Particularmente na hora da criar.

No início, no decorrer e no fundo, todas somos pessoas solitárias. Não estar só é algo factual, mas ser só é um fato. “Nenhum homem é uma ilha”, não podemos viver isolados. Sim, podemos sim, desde que não seja nossa única forma de socialização. Estar solitária me fez (e faz) perceber como é conviver comigo mesma. Meus gostos pessoais, meus medos, minhas taras e, acima de tudo, no que eu acredito como espectadora e artista.

O que eu quero criar poeticamente, esteticamente, materialmente, sem ter que dar justificativas a ninguém? Sem ter um prazo para cumprir (embora aqui eu tenha) ou mesmo um relatório para traçar?

São questões ideais que colocam-nos, a meu ver, de frente com nós mesmas. Com o que eu faço, com o que eu acredito e com que eu quero. Obviamente não é nos isolando e fazendo tudo que quisermos sem dar satisfação a ninguém que nos tornaremos as artistas que tanto queremos ser. No máximo seríamos criaturas egocêntricas e inconsequentes, definitivamente cruéis ao minimizar qualquer fator externo que tentasse interferir em nossa lógica absoluta.

O que estou querendo dizer é que, neste processo em teatro lambe-lambe, pude aproximar-me de mim e de outras pessoas, através do respeito a esse processo solitário de criação.

Surgiu então outro momento de permitir-se estar só que não presumia que fosse acontecer:

a estreia.

O contato com o meio externo é inevitável e meu primeiro contato com o público foi na estreia. No dia 24 de outubro, aconteceu o primeiro Cabaré Animado, no evento aberto à comunidade externa VEM PRA UFU, onde estudantes do ensino médio de várias escolas e cidade vêm visitar os campus da Universidade Federal de Uberlândia.

Cada integrante do Grupo de Pesquisa em Teatro de Animação apresentou e participou da sua realização. Foram dois horários de apresentação, 10h para o público da manhã e 16h para o público da tarde. De manhã foi na entrada do bloco de teatro e dança, com maior circulação de público. Pela tarde, pela chuva torrencial, mudamos para uma sala fechada do bloco, com maior controle de som, luz e sem entrada para chuva.

Minha apresentação era a última do roteiro e os imprevistos mais imprevisíveis aconteceram. No entanto, focarei minha explanação a partir da estreia na relação com o público, ou melhor, com cada pessoa que apresentei.

Não apresentei para cinco, três ou duas pessoas. Apresentei para uma pessoa de cada vez. Embora eu possa estar parecendo repetitiva, creio que poucas pessoas sabem o que isso implica. O reconhecimento de público, os imprevistos e os jogos de cintura que temos que ter a cada apresentação, o timing que deu certo em determinada cena ou mesmo a deixa da música que perdi. Isso tudo acontece em cinco minutos e “o público” é uma pessoa. Não há uma estreia no dia. Há uma estreia a cada cinco minutos. Meus picos de adrenalina definitivamente passaram a conhecer outras proporções.

Apesar de comumente pensarmos no público como algo uno, sabemos que ele é composto de um coletivo com um ou mais propósitos em comum. No caso do teatro, acredito que o principal é assistir a um espetáculo.

Agora, e quando o público é uma pessoa? Quando “a entidade” do público é, literalmente, uma pessoa? O que acontece quando o público permite-se estar só para assistir o que você está propondo a apresentar?

E digo “você”, no caso eu mesma. Sozinha.

Não há colegas de palco para dividir a responsabilidade de algo dar errado. Você joga com todos os elementos não humanos da cena – luz, música, bonecas, caixa. Se você não se permitiu a ouvi-los até a estreia, é bom começar a rever sua percepção, pois são eles que vão salvar o espetáculo das suas falhas humanas. Mais, se você não ouvi-los, o espetáculo não amadurece. Pois eles estão completamente ali. Entregues. Com todas as falhas e acertos, aceitando todas as suas decisões. Não há teatro se não haver reciprocidade de escuta. E quando você está sozinha encarando isso, tudo ganha uma dimensão bem mais evidente.

O curto tempo cronológico do espetáculo, no caso, cinco minutos, tem todas as características de uma apresentação de uma hora. Isso quer dizer que todos os improvisos que deram certo, cada erro na deixa da música na hora de entrar determinada personagem ou mesmo aquele contato único com a pessoa que está te assistindo, acontecem.

Início com apresentação de personagens, desenvolvimento da história, ápice e fim (falando bem genericamente sobre uma estrutura espetacular), acontecem em cinco minutos. E tem que dar certo, ou seja, o público tem que gostar, tem que querer ver mais. Do contrário, seu espetáculo, ainda que de cinco minutos, não funcionou.

A cada apresentação percebo coisas que deram certo e outras que têm que ser melhoradas. Minha percepção enquanto atriz e construtora da caixa é definitivamente multifacetada. Mas o principal, a meu ver, acontece.

Mais do que ter uma excelente manipulação com as bonecas e os objetos, mais do que acertar o ângulo da luz que ilumina cada personagem, eu me divirto em cada apresentação. Eu, as bonecas, as ilustrações. Tudo

deixa de ser apenas papelão, linha e tinta, e passa a ser teatro. Eu acredito e aproveito cada apresentação. Isso é emocionante. Você já pensou sobre como é, depois de cinco minutos, você contar uma história que fez você e a outra pessoa curtirem esse momento juntas?

Algo que fez você ficar em paz ao te fazer permitir-se estar só para criar e que convida cada pessoa a também permitir-se estar só para gozar daquele momento. Daquela história. Daquilo que me é tão íntimo quanto a história de Julia e Carla e me faz conectar-me, ter empatia com uma pessoa que nunca vi na vida. Ou mesmo se já vi, permite-me ter uma troca diferente daquela que faço com minhas amigas cotidianamente.

Convidar cada pessoa a permitir-se estar só para tornar-se a entidade "público". Convidar-me a estar só para estar em contato com esse público. É um desnudar-se para vestir-se de algo novo. Não original ou inovador, mas algo diferente do que já nos permitimos até então.

Eu subestimava a linguagem do teatro lambe-lambe. Achava que por ser uma história curta e muitas vezes repetida, depois da primeira apresentação, cairia logo no automático e o que seria mais proveitoso para quem estivesse assistindo, mas não para mim. Que seria mais uma pessoa, e mais outra, mais outra...

Feliz engano o meu. Tenho o hábito de morder a língua com meus pré-juízos mentais acerca de qualquer coisa e dessa vez não foi diferente. Nunca pensei que vivenciaria o que vivenciei em cada apresentação naquele dia. E muito menos no dia 02 de novembro, onde apresentei na mínima cena Mostra de Cenas Curtas do SESI Uberaba – 6ª edição – Ano 2018.

Tinha programado apresentar das 18h às 19h, para exatamente 12 pessoas. Pelos cálculos básicos de somatória, dariam exatamente 60 minutos. Obviamente meus cálculos foram equivocados, uma vez que dedico pelo menos 5 minutos a mais para cada pessoa além da apresentação.

O tempo que levo para ajeitar os objetos do final de uma cena para outra, já vou conversando com a próxima pessoa que irá assistir. Isso porque nas apresentações em Uberlândia comecei a conversar espontaneamente, sem planejamento prévio, sobre costuras e bordados com quem se sentava à frente da caixa.

Depois de perguntar seu nome, perguntava se já havia costurado e dependendo da resposta, ia conduzindo a conversa sobre tricô, linhas e agulhas. Quando eu sei ou desconfio que a pessoa já tem algum contato com teatro, pergunto se ela já assistiu a teatro em miniatura, como o lambe-lambe que logo irá assistir.

Em Uberaba, numa das últimas apresentações, falei com uma adolescente sobre customização de roupas e tênis. Pensei na hora que um dos gostos em comum entre eu e minha namorada é customizar nossas roupas, principalmente com stencils – quando ainda éramos só amigas, redesenhávamos ilustrações de livros em casacos e camisas.

Depois, essa adolescente e eu, refletimos sobre o prazer de fazer teatro, mas como é difícil mantê-lo enquanto profissão. Seu plano é cursar Direito, mas fazer teatro de alguma forma. Era a primeira vez que ela assistiria um teatro lambe-lambe.

Esse tipo de conversa antes de cada apresentação, ainda que breve, quebra com certa desconfiança por parte do público, aproximando-o do material que constitui a caixa (linhas, agulhas, bordados e pinturas) e de mim, que também faço parte da narrativa.

Ainda estou elaborando a figura da Bordadeira e apesar de adorar que ela coloque medo em quem a vê, não sei ainda como é esse contraste com a história que irão assistir. Julia e Carla são personagens comuns e despretensiosas, que a partir do encontro no bar, passam a imaginar e a viver o que será a partir do encontro delas.

A maior parte das pessoas que saem da apresentação está boquiaberta e querendo ver mais. É uma história que provoca grande empatia e a questão de serem duas moças nunca foi citada por ninguém. O que vi até hoje foram pessoas que se encantaram com o que viram e outras que permaneceram mais introspectivas, agradeceram e se foram.

Existem dois momentos cruciais de contato com o público: em cima da caixa, na primeira vez que Julia vê Carla e dentro da caixa, quando as pessoas finalmente veem o mistério que há dentro dela.

Em ambos os momentos, elas me veem parte da cena, super exposta com tudo de bom (ou mesmo de ruim) que pode acontecer – imprevistos aconteceram em praticamente todas as apresentações que fiz.

E eu, bem, eu vejo o retorno de cada pessoa através de um olho. Isso porque o único orifício que permite as pessoas verem dentro da caixa é justamente um buraco.

Cada olho me revela muitas coisas e várias vezes, sorrimos juntos. Mais que sorrir com meu rosto, sinto que sorrimos quando os olhos da Bordadeira e da espectadora se encontram e vemos juntas o que acontece dentro da caixa.

É um momento que nunca tinha vivido até então como atriz. É muito tocante e chego a me emocionar (sem deixar lágrimas cair!) quando sinto que essa conexão acontece, geralmente aos 4 minutos de apresentação, já perto do ápice do final.

No final de cada dia de apresentação, me deparei com o seguinte fato: quando faço a Bordadeira faz a chamada para a apresentação (organiza as pessoas que querem assistir, distribui as cenas), há muitas pessoas no espaço. Há diferentes sons, conversas, cenários. Quando eu termino de apresentar para a última pessoa, já não há mais ninguém.

O espaço está todo vazio. Não há mais pessoas, não há mais conversas. Depois de uma hora e meia apresentando, quem estava arrumando a empanada do Cabaré Animado em Uberlândia, ou mesmo os funcionários e produtores do SESI Uberaba, já havia terminado o que tinha que fazer e ido embora.

Depois do meu último público eu, Tuany, vi-me sozinha. Eu e minha caixa. Como no início. Como em cada ensaio. Em cada dia de construção. Foi nesse último dia em Uberaba que eu senti que meu trabalho com a caixa é um trabalho muito gratificante, mas também muito solitário.

Imaginar estar sozinha apresentando, arrumando suas coisas é muito prático em certo ponto, pois me dá muita autonomia. Para mudar coisas de cena, de construção, para improvisar, brincar, e até mesmo circular em diferentes espaços. Essa configuração facilita muita coisa.

Mas foi no final do dia, de todo o trabalho, que vi o quanto é solitário. Não havia ninguém para falar sobre tudo que aconteceu ou mesmo ir beber alguma coisa, ainda que estivesse bem cansada. Depois de um trabalho incrível e com tantas pessoas com quem tive contato, eu queria sim ter alguém pra dividir isso tudo.

Engraçado como no final, depois de tantos encontros solitários, eu queria alguém para não me sentir só.

GLOSSÁRIO

para conhecer alguns termos presentes neste memorial artístico

teatro de sombras

é uma das linguagens do teatro de animação (também conhecido como teatro de formas animadas) que utiliza sombras para contar histórias. Sua origem teria sido na China, por volta do ano 121.

Conforme reza a lenda, um imperador ficou desesperado com a morte de sua bailarina predileta e ordenou ao mago da corte que a trouxesse de volta para dançar para ele, sob pena de ser decapitado caso não o conseguisse. Com couro de peixe, o mago desenhou e recortou a silhueta da bailarina e a fez dançar atrás de uma cortina posicionada contra a luz do sol, no jardim do palácio, de modo que fosse transparecer a luz e fosse possível ver a sombra da silhueta se movimentando, sob a música de uma flauta.

Personagens são feitos em couro de peixe e de outros animais, conforme cada país, sendo muito comum encontrarmos no Brasil em papel, papelão, plástico e madeira. Telas são feitas de tecido ou papel. Podemos encontrar histórias contadas com luzes de diferentes cores através de lanternas, luminárias e refletores de luz de diferentes formas e tamanhos. A música é elemento constante em diferentes espetáculos de teatro de sombras, acompanhadas de textos ou narrações que contam histórias de várias partes do mundo.

Comumente utilizada em diferentes rituais religiosos em países asiáticos há centenas de anos, o teatro de sombras chegou nos países ocidentais, com uma perspectiva mais teatral, com algumas técnicas distintas das utilizadas em outras culturas.

NO Brasil e no mundo, temos várias cias teatrais que desenvolvem espetáculos teatrais a partir do teatro de sombras, com diferentes pesquisas, técnicas e poéticas. Para citar algumas: Karagozwk (PR), Cia Lumbra (RS), Cia Lumiato (GO), entreAberta Cia Teatral (SC), Grupo Penumbra (GO), Teatro Gioco Vita (Itália), Sombras Chinas - Valeria Guglietti (Argentina).



entreAberta Cia Teatral (SC)
"Um Encanto em Nagalândia"
(Foto de Daniel Queiroz)



Teatro Gioco Vita
(Itália)
"Il Cielo Degli Ursi"





Cia Lumbra (RS)
"A Salamanca do Jarau"

títeres corporais

são bonecos criados com partes do corpo humano – como mãos, braços, pés, joelhos, barrigas. Essa linguagem teatral passou a ser desenvolvida por Hugo Suárez e Ines Pasic, parceiros de vida e de cena, no final da década de 1980. Atualmente podemos acompanhar seus trabalho no Teatro Hugo e Ines (cia fundada em 1986) e na Gaia Teatro (cia fundada em 2003). Várias obras suas estão disponíveis na plataforma de vídeos YouTube, basta buscar pelo nome da cia e respectivo título da cena/espetáculo.

GAIA TEATRO

O processo criativo de Gaia Teatro desenvolve-se dentro da visão circular e ecológica da consciência humana. A inspiração desta visão encontra-se em contos mitológicos de todos os povos da terra e no que atualmente chamamos o aspecto feminino da inteligência humana. Com suas obras e propostas artísticas, através do humor e do drama, busca o encontro com as verdade as quais o ser humano sempre retorna para nutrir-se e fortalecer-se. Em seu trabalho combinam técnicas de manipulação de títeres e objetos com dança e mimo.

Produções:
Los mundos de Fingerman (2003)
Hilo Rojo (2009)
La CUERPOración (2009)



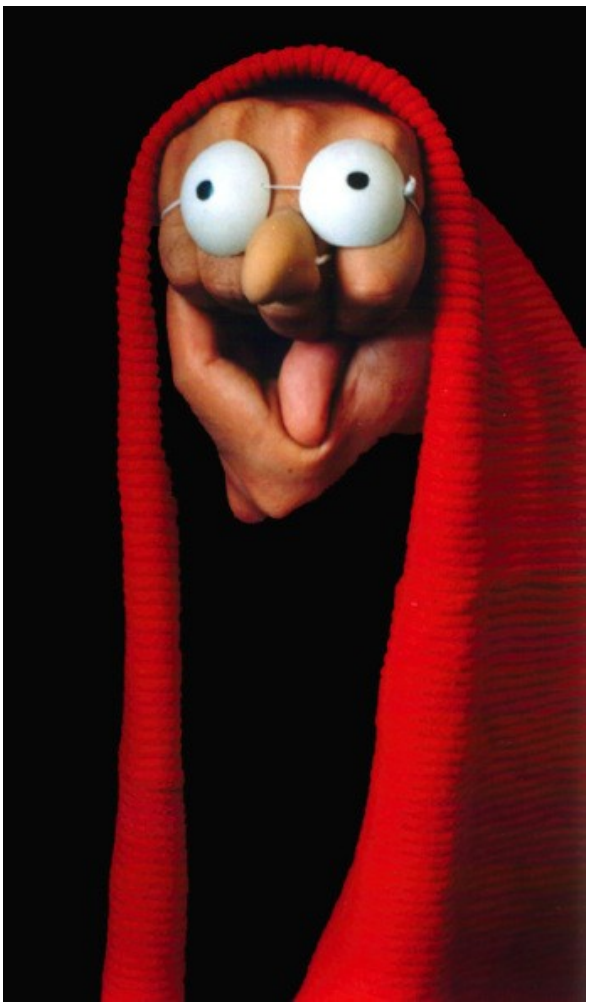


Texto e Imagens disponíveis em:
https://gaiateatro.wordpress.com/
Tradução de Tuany Fagundes

TEATRO HUGO E INES

O grupo foi fundado por Hugo Suarez e Ines Pasic em 1986. Desde 1989 estão interessados nas possibilidades expressivas de cada parte diferente do corpo: o pé, o joelho, a barriga, o rosto, o cotovelo, construindo bonecos de carne e osso, dando vida a personagens surpreendentes.

Algumas de suas produções:
Cuentos Pequeños; Piedich; Ginocchio; La Chaqueta; Baby Blue; Pancetta; Mimo







Texto e Imagens disponíveis em:
https://hugoeines.wordpress.com/
Tradução de Tuany Fagundes

teatro lambe-lambe

é uma linguagem artística que surgiu em Salvador/Bahia, há exatamente 30 anos. Ela é, basicamente, um teatro em miniatura, onde através de um pequeno orifício numa caixa, uma pessoa por vez assiste a um espetáculo de, geralmente, 3 a 5 minutos. As cenas são feitas em diferentes linguagens do teatro de animação, como por exemplo, teatro de bonecos, teatro de sombras e teatro de objetos.

Ela foi criada por Ismine Lima e Denise di Santos, atrizes que se inspiraram em fotógrafos lambe lambe como uma forma de driblar a censura ainda existente na época, em 1989. Elas queriam contar uma história muito íntima, intitulada a Dança do Parto, porém seu público-alvo era na rua, e ainda havia censura policial. Então decidiram fazer apresentações individuais, onde cada pessoa olharia por dentro de um pequeno orifício a cena que acontecia dentro de uma caixa.
Atualmente existem dezenas de caixeiras e caixeiros no Brasil e no mundo, e cada espetáculo é literalmente uma experiência única, tanto para quem assiste quanto para quem apresenta.

Algumas, das dezenas de cias, que trabalham com essa linguagem: Cia PlastikOnírika (SP), Cia Andante (SC), As Caixeiras Cia De Bonecas (GO), Grupo Girino (MG), Gabriela Clavo y Canela (Argentina), Cia Libélulas (SC), Cia Mútua (SC).



"A Dança do Parto"
Ismine Lima e
Denise di Santos (BA)



"El Gato Negro"
Gabriela Clavo y Canela
(Argentina)

Além de artistas, apresentações e muitas, muitas trocas, eis mais algumas

REFERÊNCIAS QUE CONSTRUÍRAM ESTE MEMORIAL

com as quais me inspirei pirei desenhei escutei li assisti revi pensei refleti (me)modifiquei

BELL, John. **ATUANDO COM COISAS: O MUNDO MATERIAL EM CENA** In Móin-Móin – Revista de Estudos sobre Teatro de Formas Animadas, Jaraguá do Sul (SC). Tradução de Marisa Naspolini e Marcos Heiser. Ano 8 – Número 7 – 2011. https://doi.org/10.5965/2595034701082011049

COSTA, Felisberto Sabino da. **SOBRE RELÓGIOS E NUVENS: MESTIÇAGEM, HIBRIDAÇÃO E DRAMATURGIAS NO TEATRO DE ANIMAÇÃO** In Móin-Móin – Revista de Estudos de Formas Animadas. Jaraguá do Sul (SC). Ano 7 – Número 8 – 2011. https://doi.org/10.5965/2595034701082011027

FACCO, Lúcia e LIMA, Maria Isabel de Castro. **PROTAGONISTAS LÉSBICAS: A ESCRITA DE CASSANDRA RIOS SOB A CENSURA DOS ANOS DE CHUMBO** In Labrys, estudos feministas, études féministes – agosto/ dezembro 2004– août / décembre 2004 – número 6. Disponível em: https://www.labrys.net.br/labrys6/lesb/bau.htm Acesso em 27 de novembro de 2020.

GORGATI, Roberto. **O TEATRO LAMBE-LAMBE E AS NARRATIVAS DA DISTÂNCIA** In Móin-Móin – Revista de Estudos sobre Teatro de Formas Animadas, Jaraguá do Sul (SC). Ano 8 – Número 7 – 2011. https://doi.org/10.5965/2595034701082011208

HANISH, Carol. **O PESSOAL É POLÍTICO.** Tradução livre. Disponível em: https://we.riseup.net/assets/190219/O+Pessoal%2B%C3%A9%2BPol%C3%ADtico.pdf Acesso em 27 de novembro de 2020.

HOAGLAND, Sarah Lucia. **MULHER POVO COLONIZADO** – Partes 1 e 2 (incompletas). Difusão Herética: Edições Lesbofeministas Independentes. Disponível em: https://we.riseup.net/assets/163704/mulher%20povo%20colonizado-bklt.pdf Acesso em 27 de novembro de 2020.

LORDE, Audre. **TEXTOS ESCOLHIDOS DE AUDRE LORDE.** Edições Lesbofeministas Independentes. Disponível em: https://we.riseup.net/assets/171382/AUDRE%20LORDE%20COLETANEA-bklt.pdf Acesso em 27 de novembro de 2020.

RIOS, Cassandra. **EU SOU UMA LÉSBICA.** Editora Record (1983).

SAFIOTTI, Heleieth. **GÊNERO PATRIARCADO VIOLÊNCIA.** Expressão Popular(2015)

SANTOS, Boaventura de Sousa e MENESES, Maria Paula (orgs). **EPISTEMOLOGIAS DO SUL.** São Paulo: Cortez Editora, 2010.

SAUNDERS, Tanya. **EPISTEMOLOGIA NEGRA SAPATÃO COMO VETOR DE UMA PRÁXIS HUMANA LIBERTÁRIA.** Revista Periódicus, no 7, vol.1, maio-out, 2017. Tradução de Sarah Ryanne Sukerman Sanches. https://doi.org/10.9771/peri.v1i7.22275

VARGAS, Sandra. **O TEATRO DE OBJETOS: HISTÓRIA, IDÉIAS E REFLEXÕES** in Móin Móin: Revista de Estudos de Formas Animadas. Jaraguá do Sul (SC). Ano 6 – Número 7 – 2010. https://doi.org/10.5965/2595034701072010027





QUAL A SOMBRA DO TEU REFLEXO?

Memorial artístico criado por Tuany Fagundes, orientada pelo Profº Dr. Mario Piragibe.

♡

Uberlândia | MG

UFU
Universidade Federal de Uberlândia

PPGAC
Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas